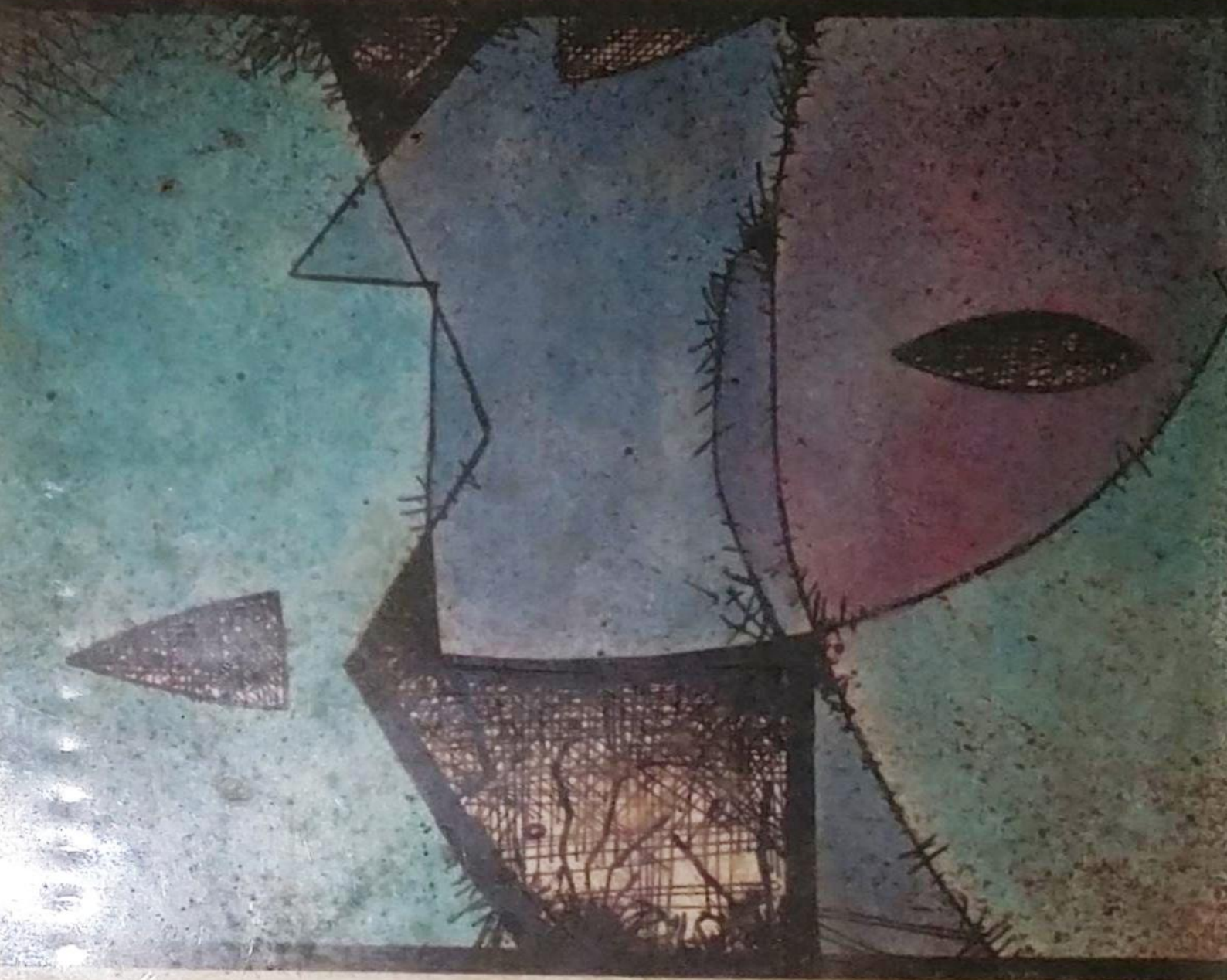


alfredo miguel



**FENÔMENOS
ESPÍRITAS
E ANÍMICOS**



Federação Espírita do Estado de São Paulo

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

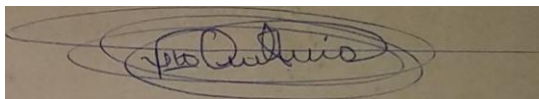
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



FENÔMENOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

(A demonstração mais completa e objetiva da sobrevivência e das potencialidades da alma humana)

1.ª Edição

EDIÇÕES FEESP

ESTE LIVRO E OS CÉPTICOS

Recentemente, quando passei uns dias de férias na Bahia, o Autor deste livro me confiou os originais para uma leitura, o disse que se sentiria muito lisonjeado se eu externasse a minha opinião sobre o conteúdo da obra.

Redargui, fazendo notar a escassez de meus méritos em assunto desta monta; porém, como o Autor insistiu, e entre mim e ele existem estreitos laços de amizade, acabei tomando a peito a Incumbência.

Compulsei, calma e Judiciosamente, todas as laudas do maciço original, e pasmei diante de um Imenso repositório de fatos emocionantes, rigorosamente documentados, por Isto que sobre a sua autenticidade os críticos imparciais não poderão opor a menor dúvida. Eu não Julgava que um escritor pudesse reunir testemunhos fidedignos em tão larga cópia, para comprovar a ação da alma humana durante a encarnação terrestre e depois da morte corporal. Porém neste volume denominado **FENÔMENOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS** a superabundância de fatos impressiona vivamente ao leitor, pela sua inexcedível eloquência, não havendo para os cépticos mais obstinados, que lerem este livro, outra alternativa senão reconhecerem e renegarem o ridículo de seu obsoleto cepticismo.

Esta nova obra, que devemos à sólida cultura espiritualista de Alfredo Miguel, talvez alguém a tenha por exhaustiva, em face dos demasiados comprovantes que ele aduziu, no intuito de convencer a gregos e troianos de que o nosso corpo carnal é um mero instrumento da alma, que sobrevive quando ele se extingue. Nesta demonstração incontroversa e magistral, o Autor começa dissecando o fenômeno da morte aparente, ou catalepsia, partindo daí para outros exemplos, e finaliza com a descrição minuciosa, feita por clarividentes, do desprendimento da entidade psíquica do corpo do moribundo.

Um documentário específico que supere a este, decerto ninguém Jamais o escreveu; e outro, que ao menos o iguale, considero extraordinariamente difícil.

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE (FENÔMENOS ANÍMICOS)

I

A morte aparente. — Letargia e Catalepsia. — O sinal irrecusável da morte verdadeira. — Inumações prematuras. — Quatro milhões de pessoas enterradas vivas.

II

A tortura sepulcral. — Os primitivos cristãos e as inumações apressadas. — Debatida a questão no Senado francês e no Parlamento italiano. — Fatos que a História e o Evangelho registram. — O alvitre do Dr. Hartmann tende a evitar o eventual despertar dos supostos mortos.

III

A estimativa do Dr. Simão Carleston. — Casos recentes de catalepsia patológica. — Aparelhos científicos para evitar o enterro de vivos. — As câmaras mortuárias do Dr. Zingaropoli. — Velhas práticas que o tempo aboliu. — **?** erro da doutrina que considera a alma uma função do cérebro.

IV

A doutrina materialista. — Antagonismo entre duas classes de negadores. — Religiões materializantes. — O Espiritismo e sua obra saneadora.

V

Rumo aos fatos. — O cérebro e a alma. — A psiché, uma entidade concreta e definida. — Opinião concordante do Prof. Elliott Cowes sobre o perispírito. — As experiências científicas provam que o espírito é distinto do corpo. — Os casos de catalepsia patológica ou magnética confirma esta verdade. — O desprendimento pela ação dos anestésicos. — Um médico que observou e descreveu a separação da alma no decurso de operações cirúrgicas.

VI

Testemunho de uma escritora inglesa a propósito do seu caso pessoal de desdobramento fluídico sob a ação do clorofórmio.

— Desdobramento em estado de vigília. — O caso célebre de Emili Sagée. — Uma senhora, na Bahia, com quem se dava o fenômeno de exteriorização da alma. — Manifestações extra-corpóreas de Santo Antônio de Pádua e de São Francisco Xavier.

— Adormecido em Arienzo, Santo Afonso de Liguori assiste à agonia e à morte do Papa Clemente XIV, no Vaticano. — Centenas de casos desse gênero estudados e classificados cientificamente pela Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres. — Fotografias do duplo fluídico obtidas por vários experimentadores.

VII

Ainda os fenômenos de bicorporeidade. — Espíritos de vivos que se manifestam pela incorporação. — Um rapaz cujo duplo se isola e vai anunciar a outro a própria morte. — O fantasma de um vivo *previne e salva a* tripulação de um barco. — Aparição fluídica de um deputado inglês em plena sessão da Câmara dos Comuns. — O Presidente Abrahão Lincoln se vê em dupla forma. — A visão do Imperador Vespasiano. — Exemplos citados por Allah Kardec. — Trasladação.

A concepção teológica da alma induz à descrença e ao obscurantismo. — O perispírito, suas propriedades e sua função. — Os fenômenos sonambúlicos. — Comentários do Codificador do Espiritismo sobre a dupla vista ou visão à distância. — Apolônio de Tiana. — Swedenborg. — Nostradamus. — A prova da independência da alma pelos sonhos.

IX

O sono e os sonhos. — Sonhos ordinários, sonhos etéreos, sonhos alegóricos e sonhos proféticos. — A Oniromancia na antiguidade. — Os grandes sonhos na História. — Aviso em sonho da morte próxima de um poeta brasileiro. — Os mortos vivem!

X

A crença remota na existência da alma. — Universalidade da ideia religiosa. — O que é a morte. — Uma ilustração no Maha- barata. — O fenômeno psíquico e fisiológico da morte descrito por famoso médium clarividente. — No pórtico da vida espiritual.

SEGUNDA PARTE

(FENÔMENOS ESPIRITAS)

Antes de começar

Chico Xavier e os Espíritos **2**

As aparições

3

Bell e o mascate

4

Um médium excepcional **5**

De que modo foi denunciado o criminoso e solto da prisão o inocente **6**

Materialização de Espíritos

7

Fotografia psíquica

8

Espíritos bons e Espíritos malévolos **9** •

Obsessão coletiva e epidêmica **10**

Males da cegueira espiritual

ESCLARECIMENTO NECESSÁRIO

Revista quase centenária, órgão oficial de uma antiga entidade espírita federativa, sediada no perímetro central do Rio de Janeiro, publicou em seu número de junho de **1946** um registro intitulado — “Um livro de C. Picone Chiodo” — a propósito de oferta feita àquela instituição, por esse autor italiano, de um exemplar de sua obra *A Imortalidade da Alma* (“Lmmor- talitá deirAnima”).

O livro em apreço, conforme se lê na notícia vinda a lume na supracitada revista, representa a primeira parte, em separado, da obra que Chiodo concebeu e intentou levar a termo. Ali ele estuda principalmente os fenômenos anímicos, isto é, os fatos psíquicos que sucedem entre os vivos, reservando para a segunda e última parte, então anunciada para breve, as manifestações dos mortos (“Manifestazioni dei Defuni”) — ou sejam, os fenômenos espíritas propriamente ditos, de que são agentes os Espíritos desencarnados.

De *LMmmortalitá deli' Anima*, editada em Milão, em **1941**, — provavelmente devido aos mil transtornos causados pela segunda Grande Guerra, que naquele ano já envolvia a Itália e cujo término ocorreu no primeiro trimestre de **1945** — só em **1946** chegou ao Brasil um exemplar, justamente aquele oferecido pelo autor à entidade federativa acima mencionada.

Ora, nós também, em janeiro de **1946** — meses antes de o correio trazer ao nosso País o aludido livro de Picone Chiodo — traçamos o esquema de um trabalho nos moldes de *LMmmortali**

13tá delfAnima, apenas com a diferença de reunirmos as duas partes em um só volume. Os assuntos versados eram essencialmente os mesmos. E logo naquele mês de janeiro de **1946**, começamos a preparar os artigos, em número de dez, como planejáramos, analisando os fenômenos anímicos e dando por finda metade de nossa tarefa. Os nossos artigos chegaram na época a ser publicados em sucessivas edições do periódico *Mundo Espírita* — fundado em **1932** e ainda ininterrupta e vitoriosamente circulando, graças a Deus e aos esforços perseverantes dos honrados diretores da Federação Espírita do Paraná.

Não recordamos por que razões poderosas fomos procrastinado a feitura dos demais artigos, enfocando os fenômenos provocados pelos Espíritos dos mortos, a fim de os adicionarmos aos outros, completar o livro e providenciar sua publicação.

Certo é que o tempo foi passando e nosso descaso permanecendo, até que atingimos o ano de **1975**, quando, certo dia, nos passou pela mente reler os velhos e amarelecidos originais. Modéstia à parte, achamo-los dignos de ampla divulgação, juntamente com os capítulos que ainda tínhamos que escrever. Fizemos uns ligeiros retoques e algumas intercalações no texto, e um de meus filhos se encarregou de repassar à máquina as antigas e preciosas laudas.

A essa altura, já nos aproximando dos oitenta janeiros, e um pouco cansado, posto que sempre em atividade pela imprensa, difundindo nossa Doutrina, entendemos conveniente procurar um parceiro, ainda moço e talentoso, que aceitasse a incumbência de redigir os dez artigos restantes.

Batemos à porta de dois confrades de alto gabarito intelectual, consultando-os. Ambos idealistas e ativos, por isso mesmo sobrecarregados dos quefazeres doutrinários e algo mais, declinaram do encargo, apresentando suas escusas, que reconhecemos plenamente justificáveis.

Diante do insucesso, e como não entrara em nossa cogitação *desistir dessa* empresa lítero-doutrinária, fizemos da fra- **14** queza força para que o livro que o leitor tem na mão adquirisse inteireza e unidade.

Só que os artigos ou capítulos finais, que compomos, não têm a extensão dos outros que integram a primeira parte. Tanto melhor, porque a leitura se faz em menos tempo. Time is money.

Quanto à explicação que demos no princípio e que nos pareceu indispensável, por ela se evidencia que não plagiamos nem imitamos o escritor italiano C. Picone Chiodo, cujo trabalho, *LTmmortalité delfAnima*, não consta ter sido vertido para nossa língua nem sequer Jamais o vimos em mão de pessoa alguma. Houve, sim, entre nós ambos — tão estranhos e distantes um do outro — uma notável coincidência de pensamento no tocante ao plano e ao objetivo de nossas obras.

ALFREDO MIGUEL ~ Salvador (Bahia), **1980**. FENÔMENOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

PRIMEIRA PARTE (OS FENÔMENOS ANÍMICOS)

I

A morte aparente — Letargia e catalepsia — O sinal irrecusável da morte verdadeira — Inumações prematuras — Quatro milhões de pessoas enterradas vivas.

Nada é tão difícil de compreender quanto o que se ignora; nada é mais simples do que aquilo que se conhece.

FLAMMARION

No seu número de **14** de janeiro de **1946**, inseriu o vespertino baiano *A Tarde* um telegrama procedente de Ilhéus, dando conta de uma ocorrência sensacional, verificada na então vila de Olivença, daquele município. Era o caso de um indivíduo, que ali falecera e fora conduzido para o cemitério, a fim de ser inumado e que, no intervalo, enquanto o coveiro preparava a cova e os acompanhantes sorviam um

trago de aguardente, subitamente ergueu-se do improvisado féretro e deitou a correr. O sobressalto e o pavor causados pelo estranho acontecimento, fizeram com que os circunstantes também se lançassem em , disparada — exceção do coveiro que, homem prático, diz a notícia, para não perder o seu trabalho, resolveu enterrar simplesmente a rede...

O caso, como se vê, a par do natural espanto que provocou naquela boa gente, encerra algo de burlesco, que a muitos teria causado hilaridade.

A nós, porém, o que nos interessa é o seu lado sério; por isso que, sob o título supra¹, vamos tratar, se bem que por alto, da questão das mortes aparentes, como premissa para uma demonstração da objetividade e sobrevivência da alma.

Posto que só ventilado e debatido raras vezes perante o público leigo, parecendo, aliás, mirrado e desinteressante, o assunto, todavia, impõe-se por uma vastidão e relevância, existindo sobre ele uma copiosa bibliografia.

Os espíritas, estudiosos, particularmente, não devem desdenhá-lo, porque terão nele uma rica fonte de esclarecimentos.

Explicando o que seja a morte aparente, escreveu o sábio professor Severino Icard, de Marselha, França, que desenvolveu amplamente a matéria em **18** volumes publicados: A morte aparente não tem necessidade de definição, porque se explica por si mesma: é a vida sob a aparência da morte.

De um modo geral, aí está o fenômeno elucidado nas duas linhas de um trocadilho.

Com efeito não há distinção a se fazer entre a pessoa que se encontra indubitavelmente morta e a que tenha a vitalidade sob forma latente, podendo em dado momento recobrá-la. O indivíduo caído nesse estado possui apenas a vida em suspenso; paralisada momentaneamente, se assim nos podemos exprimir. O espírito livrou-se do corpo pela eclosão da crise cataléptica; contudo, permanece ligado a ele por um laço fluídico, também chamado cordão de prata. A rutura completa deste liame é que ocasiona a desagregação molecular, ou decomposição dos órgãos vitais que, para Harmann, é o único sinal evidente da morte verídica. Uma pessoa acometida de letargia, ou catalepsia, não está, por conseguinte, privada de ouvir e ver o que se passa em seu derredor, embora impossível lhe seja exprimir o 'que está ouvindo e vendo. Essas percepções é o espírito que as tem, não as comunicando, entretanto, por não o permitir o estado provisoriamente anormal do corpo.

Segundo Allan Kardec, a letargia e a catalepsia derivam do mesmo princípio, que é a perda temporária da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda inexplicada. (Livro dos Espíritos, parte II, cap. VIII, nota).

Para bem conhecer e fixar essa causa, a ciência médica, por certo, terá ainda

¹(*) O título que déramos primitivamente a este estudo, era LETÁRGICOS E CATALÉPTICOS.

que avançar muito em suas investigações, e, não obstante, o seu êxito dependerá de ter em conta a importância e o estudo do fator espiritual, até aqui por ela menosprezado com altivez.

É de notar que os estados letárgico e cataléptico, geralmente conhecidos, são os de natureza patológica, isto é, sintomáticos de uma doença grave; menos familiares ao vulgo são aqueles que podem ser provocados e suprimidos por uma ação hipnomagnética.

O Dr. A. A. Martins Velho, com a sua autoridade em assuntos de psiquismo experimental, mostra a diferença que distingue essas duas hipnoses; na letargia, escreve ele, o passivo tem o aspecto de uma pessoa que dorme profundamente. Os olhos fecham-se hermeticamente, a pescoço não pode sustentar a cabeça, todos os músculos estão lassos e inertes, como os de um morto. ^v

A insensibilidade cutânea é completa e absoluta. Pode ser picado com alfinetes, pode-se-lhe fazer uma operação cirúrgica, por mais dolorosa que seja, ele não a sentirá.

No estado cataléptico total, a rigidez é tal que, unindo-lhe as pernas e estendendo-lhe os braços ao longo do corpo, pode-se transformar o passivo num bloco inteiriço, colocando-lhe a cabeça sobre uma cadeira e os calcanhares em outra, ²

Num interessantíssimo opúsculo que escreveu, o Dr. Francesco Zingaropoi, advogado e diretor da revista *Mondo Occulto*, de Nápoles, Itália, comprova eloquentemente essa verdade, citando um caso típico de insensibilidade física, ocorrido com a sonâmbula srta. Pina Vandi, com quem ele se dedicava a experiências na clínica do abalizado médico professor Domenico Antonio Tieri. Caída em transe cataléptico, o Dr. Zingaropoi submeteu-a a uma forte corrente elétrica e a moça não só permaneceu refratária ao choque, mas tendo o operador tomado contacto com ela, nada sentiu, o que prova que o corpo da sonâmbula se havia tornado um isolador. ³

Nos seus quase vinte livros que compôs sobre a magna tese, o Dr. Icard, retromencionado, demorou-se no exame de todos os sintomas que a ciência estabeleceu como evidência da morte real, concluindo por afirmar que todos os sinais conhecidos desta se encontram em idêntico grau na morte aparente. E vai mais longe o emérito cientista, asseverando que não existe nenhum sinal infalível, pelo qual se possa garantir que está verdadeiramente morta uma pessoa em quem hajam cessado as últimas manifestações da vitalidade orgânica.

Porque, na realidade, como ressalta o tradutor do livrinho de Zingaropoi, acima citado, em um apêndice que lhe pospôs, a morte não ocorre imediatamente depois

² (1) A. A. Martins Velho — As potências ocultas do homem.

³ (2) Francesco Zingaropoi — Morte aparente e sobrevivência da alma, trad, do Dr. Francisco Klors Werneck Rio, 1940.

que cessam os movimentos respiratórios e o ritmo cardíaco; do contrário ninguém seria trazido, de novo, à vida pela respiração artificial, como tem acontecido em casos de afogamento.

Por outro lado, a lição dos Espíritos nos ensina que a alma não abandona o corpo de súbito, como um pássaro cativo a que se abrisse a passagem na gaiola; o seu desprendimento se **processa gradualmente e com uma** lentidão que varia conforme os indivíduos. Em uns é bastante rápido, podendo dizer-se que o momento da morte é o da libertação, com apenas algumas horas de diferença. Em outros, naqueles, sobretudo, cuja vida foi toda **material e sensual**, o desprendimento é muito menos rápido, durando algumas vezes dias, semanas e até meses.⁴

Vem a propósito uma sentimental história, narrada pela escritora americana Florence Marryat, no seu livro Não há morte. Refere-se ela a um amigo seu, médium e noivo de uma jovem, arrebatada pela morte, de improviso. Antes mesmo que se efetuasse o seu funeral, a traspassada apareceu a seu noivo, pedindo que não a enterrasse antes de se patentear os sinais da decomposição cadavérica, pois o seu espírito não se tinha totalmente separado do corpo. E este ficou no caixão, na casa de seus pais, durante três semanas, incorruptível, até que passado esse tempo, nova manifestação da jovem ao noivo esclareceu que o seu espírito se achava completamente desprendido e o seu despojo material podia baixar à sepultura.⁵

É lícito, pois, concluir que só a decomposição do arcabouço carnal é o sinal irrecusável da morte verdadeira.

Percebe-se, assim, o grave erro das inumações prematuras. No próximo capítulo aludiremos aos que se têm insurgido contra essa perigosa prática.

Por agora meditemos na trágica revelação que nos faz. o Dr. Simão Carleton, citado por Zingaropoli, segundo a qual em cada **30** mil inumações se encontra em média um caso de pessoa enterrada viva. Outrossim, os seus cálculos atestam que, do início da era cristã até nossos dias haveria, só na Europa, nada menos de **4** milhões de pessoas enterradas vivas.

— II —

A tortura sepulcral — Os primitivos cristãos e as inumações apressadas — Debatida a questão no Senado francês e no Parlamento italiano — Fatos que a História e o Evangelho registram — O alvitre do Dr. Hartmann tendente a evitar o eventual despertar dos supostos mortos.

".. Na realidade estranhos fatos ocorrem, que não cabem nos quadros das ciências estabelecidas. Constituem para elas perturbações".

* (3) O Livro dos Espíritos, n.º **155** e comentário subsequente. Ver também O Céu e o Inferno, parte segunda, cap. I.

* (4) F. Zingaropoli. ob. citada.

OLIVER LODGE

Nossa imaginação é bem fraca para conceber o que seja a agonia de uma criatura humana a se debater num indizível e inútil desespero na escuridão lúgubre de um túmulo! O tardio despertar no negror da sepultura, ali onde os brados lancinantes da aflição se perdem sem que os seus ecos possam reboar cá fora, atraindo um providencial socorro, é, decerto, um suplício ainda mais atroz do que todas as torturas infligidas pelos carrascos da Santa Inquisição e pelos imoladores dos cristãos nos circos romanos.

Felíizmente, graças ao elevado descortino de alguns pro-ho- mens da ciência moderna, mirando sempre novas conquistas em seus labores beneméritos, esse horrível sofrimento tende a ser oportunamente remediado. Muito ajudará nisso a Medicina, quando sair dos estreitos lindes de suas concepções materialistas e se-ocupar do estudo da alma espiritual, para conhecer a sua função criadora e suas propriedades.

O vezo temerário e condenável de se proceder ao sepulta- mento do corpo, imediatamente após o óbito, é muito antigo e arraigado, ao que parece, no seio das primitivas comunidades cristãs.

○ Novo Testamento consigna uma ocorrência pela qual se vê que semelhante prática era corrente naquela época. Lê-se, ali, que um homem de Jerusalém, por nome Ananias, vendera uma quinta e, ao invés de depositar nas mãos dos Apóstolos o seu custo integral, para ser repartido pelos necessitados, como era de praxe, fê-lo por metade, retendo consigo uma parte do preço. Reprendido por Pedro, o campónio caiu ali mesmo como morto; sem perda de tempo, amortalharam-no, levaram-no para fora e o sepultaram.

Decorrido apenas um intervalo de três horas, aparece a mulher de Ananias, não sabendo o que tinha sucedido; esta, ao receber idêntica reprimenda, desfalece e tomba por terra, sendo, incontinenti, levada para a cova onde jazia o corpo do marido⁶.

Inúmeros fatos constrangedores, como os que adiante citaremos, chamaram a atenção de cientistas e filantropos para o estudo da morte aparente, ganhando a questão vivo interesse, indo repercutir no recinto dos parlamentos.

Assim é que, no remoto ano de **1866**, um requerimento foi apresentado ao Senado francês, pedindo a alteração das leis concernentes à inumação dos mortos, leis essas que estabeleciam um prazo curto de vinte e quatro horas entre o trespasse e o enterro do corpo. Temos sob os olhos o livro de Samuel Smiles, Vida e Trabalho, que alude a esse acontecimento da história parlamentar da França. Em plenário, o cardeal Donnet,¹ falando a favor da petição, exibiu um documento impressionante, que foi, nem mais nem menos, a narração do seu caso pessoal.

O depoimento desse eclesiástico chegou até nós, através de um artigo

•(1) Atos, cap. 5, 1-11.

publicado em Mundo Espírita, assinado por José Monteiro de Lima, que o copiou dum livro de Martins de Oliveira, sob o título de Psicose da Morte e da Vida. Eis o teor do documento:

Há cerca de meio século — conta o cardeal Donnet — precisamente em **1826**, um padre bastante novo e robusto foi acometido de doença súbita quando pregava, no púlpito, um dos seus melhores sermões. Chamado o médico a toda pressa para examinar o enfermo, o facultativo declarou, após alguns minutos apenas, que o sacerdote estava morto. Em face disso, foi-lhe pedida a respectiva certidão de óbito, que ele redigiu e assinou imediatamente, devendo o enterro, como de costume, realizar-se no dia seguinte. Junto ao morto, já amortalhado, e metido no caixão, o prior recitava o De Profundis.

O defunto — assegurou sob palavra de honra — ouvia tudo, sabia que ia ser enterrado vivo, mas não podia mexer-se. Em dado momento entrou na câmara ardente um velho condiscípulo seu. O som da sua voz fê-lo reagir e o sacerdote, recuperando a energia que a síncope lhe tinha feito perder, levantou-se de um pulo e contou a todos quantos ali o velavam o seu tremendo martírio. Dei há pouco a minha palavra de honra de que o suposto morto ouvia tudo quanto em torno dele se passava. Afirmo que ele sofria e posso garantir que estava aterrado por saber de ciência certa que seria enterrado vivo. Sim... eu posso dizer tudo isto sob palavra de honra, porque o jovem sacerdote era eu próprio.

(Martins de Oliveira — Psicose da Morte e da Vida, pág. **168**.)

No Parlamento italiano a defesa dos catalépticos e a instituição das câmaras mortuárias suscitaram, em **1911**, animados e judiciosos debates. Vários representantes do povo, destacadamente o senador Negrotto, com a sua palavra calorosa, fizeram a dissecação do assunto, embora naquela ocasião, ao que nos consta, nada tivessem concluído de positivo.

Pela imprensa também a questão foi superiormente debatida por eminentes publicistas e homens de ciência.

Conhecemos, por testemunhos fidedignos, alguns casos de sepultados vivos, ocorridos algures, ou de pessoas que estiveram a pique de ser levadas ao túmulo antes de a vida ter-se-lhes completamente extinguido.

Nesta última categoria inclui-se aquele médico dinamarquês, o Dr. Winslow, que escreveu uma importante obra Sobre os sinais da morte certa ou incerta, precisamente por ter estado duas vezes para ser enterrado vivo em consequência de morte aparente.

Porém preferimos socorrer-nos da História e do Evangelho, cujos registros não comportam dúvida.

Guiando-nos pelo precioso livrinho de Francesco Zingaropo- II, mais de uma vez citado nestes escritos, recordaremos o que escreveu Bacon de Virulamio sobre o célebre filósofo Scotto, que era cataléptico e tinha um criado que o sabia. Na ausência deste, sobrevivendo-lhe uma crise, foi dado como morto e sepultado.

Procedida mais tarde a exumação, seus familiares viram que ele morrera sufocado, tendo mordido desesperadamente os lábios.

Conta Plínio, o Moço, (Historiarum mundi, livro VII, cap. LIII, **pág. 52**) invocando o testemunho de Marco Messala Rufo e outros, que Caio Elio Tuberone, pretor romano, declarado morto e sendo conduzido ao processo crematório, despertou ao sentir o calor da chama, voltando para casa vivo.

Modestamente, um médico que abordou o assunto em lide, o Dr. Ianin, refere o caso do cardeal Spinoza, o qual, caindo em síncope, e suposto morto, os cirurgiões se apressaram em abrir- -Ihe o torax para embalsamá-lo, mas apenas Ihe abriram os pulmões viram que o seu coração pulsava e o infeliz, voltando a si, teve forças para levar a mão até o bisturi do operador para repeli-lo, mas era tarde, porque o golpe mortal já havia sido dado.⁷

Poucos estudiosos desconhecem o que se passou com o Abade Prevost, o admirado autor de Manon Lescaut, no momento em que o seu passamento era deplorado. Procedida o cirurgião à necropsia no seu cadáver, quando ele readquiriu as energias vitais e conhecimento, prolongando-se por mais tempo a sua passagem para o plano espiritual.

São incontáveis as descrições desses teores que a história guarda em suas páginas. Vejamos o que diz o Evangelho.

Como casos prováveis de sepultados vivos, já mencionamos acima os de Ananias e Safira, registrados nos Atos dos Apóstolos. Temos que nos reportar agora às chamadas ressurreições, que os crentes vulgares e seus mentores espirituais qualificaram de milagres.

Em Lucas (cap. **8**, vers. **49-56**) fala-se no retorno à vida de uma filha dum chefe da Sinagoga, chamado Jairo, momentos antes falecida, e que o Mestre, com o concurso dos três poderosos médiuns, que erarp Pedro, Tiago e João, tomando-a pelas mãos, fez voltar o seu espírito.

O mesmo evangelista descreve outra ressurreição, (cap. **7**, vers. **11** e segs.) essa de um mancebo, filho duma viúva da cidade de Naim. Vendo a consternada mulher, Jesus compadeceu- -se dela, consolando-a, e em seguida se dirigiu para o esquife, ordenando que o moço se levantasse. A essa voz o que havia estado morto se sentou e começou a falar...

Si mão Pedro também possuía esse soberano poder de res- • suscitar mortos. Em Jope ele operou essa maravilha na pessoa de uma discípula por nome Dorcas, restituindo o' seu espírito ao corpo após ter-se concentrado e orado de joelhos.⁸

Porém dentre todas as ressurreições descritas nos Evangelhos, a mais notável é a de Lázaro, o **amigo muito** amado do Rabi.

O autor do quarto Evangelho narra o surpreendente sucesso com minudências

⁷(2) F. Zingaropoli, ob. citada, **pág. 7**.

⁸(3) Atos. cap. **9**, v. **36** e seg.

(Juão, cap. 11, vers. 1-44), contando que Lázaro jazia no túmulo havia já 48 horas, o que fez que a irmã dele, Marta, objetasse quando o Mestre lhe mandou que tirasse a pedra que vedava a entrada do sepulcro: Senhor, ele já cheira mal, porque está morto há quatro dias. (v. 39)

No entanto, afastada a lousa, quando o bafio de podridão devia invadir o olfato de todos, nenhuma exalação foi sentida, pois o evangelista não deixaria de confirmar a suspeita de Marta, mencionando esse detalhe importantíssimo.

E tendo Jesus ordenado a Lázaro que saísse para fora do sepulcro, ei-lo que voltou a aspirar o oxigênio da vida; desata-ram-lhe as faixas que estavam a ligar-lhe os pés e as mãos e deixaram-no ir.

Ora, todos os indivíduos retrocitados e presumidamente ressuscitados, apenas jaziam num estado de prostração geral, tendo a vida por um fio, mas não extinta. Sim, porque desde que um homem aparentemente morto, volve à vida, é que não era completa a morte.⁹

Quanto a Lázaro, ele se achava, desde alguns dias, em estado de catalepsia completa. O laço fluídico do perispírito, que lhe prendia o Espírito ao corpo, cada vez mais se dilatava e enfraquecia, em consequência de já o não fortalecer a vitalidade da matéria. Jesus aguardara esse limite extremo para mais facilmente impressionar os homens, facultando-lhes apreciar a ação poderosa da sua vontade.

A ciência, aliada à piedade, já descobriu meios que garantem verificar, com exatidão, se uma pessoa, com todos os indícios de morta, o está verdadeiramente.

Tocaremos neste ponto no capítulo subsequente.

Houve, no entanto, quem se mostrasse contrário a essa verificação, pretendendo pôr termo às funestas consequências de inevitáveis erros. Foi o Dr. Hartmann que, para tanto, indicou três meios:

- 1) O enterro sem caixão, a fim de que o letárgico fique logo sufocado antes do seu despertar.
- 2) O sepultamento em um caixão em que o ar respirável fosse substituído por um gás deletério.
- 3) A cremação, com a qual o letárgico, dada a alta temperatura, não teria tempo de voltar a si.¹⁰

Mas isso tresanda a homicídio, e o que é preciso justamente é se evitar de deitar à cova criaturas humanas, cujo falecimento não esteja real e positivamente

•(4)Na Índia, os yoghis chegam ao requinte de praticar a autocatalepsia, ou catalepsia espontânea.

Conta-nos o Dr. Paul Gibier, no seu livro *Análise das Coisas*, o caso de um desses ascetas, que produziu em si mesmo a catalepsia voluntária, sendo o seu corpo encerrado em caixão de madeira, tapado hermeticamente, e metido em um jazigo preparado a três pés debaixo da terra, cuja porta foi fechada, selada e completamente vedada com argila.

Ao cabo de seis semanas, tempo convencional para a exumação ele volveu à vida.

¹⁰(5) F. Zingaropoli. ob. ctt.. cap. III.

comprovado com todas as garantias que a verdadeira ciência pode oferecer.

— III —

A estimativa do Dr. Simão Carleston — Casos recentes de catalepsia patológica — Aparelhos científicos para evitar o enterro de vivos — As câmaras mortuárias do Dr. Zingaropoli — Velhas práticas que o tempo aboliu — O erro da doutrina que considera a alma uma função do cérebro.

O homem é um aluno terrivelmente atrasado na escola da vida.

HENRY THOMAS

Temos por bastante íntima a estimativa daquele **médico** europeu, por nós citado no final do nosso primeiro capítulo, para quem deve ocorrer, em média, **um caso** de pessoa enterrada viva entre trinta mil inumações que se efetuam. O Dr. Simão Carleston, ao nosso ver, foi por demais otimista no seu cálculo.

Pensemos somente nas guerras e nas epidemias coletivas, quando milhares e milhares de indivíduos são impiedosamente ceifados e seus corpos conduzidos, às pressas, para a sepultura.

Não é possível que o açodamento desses enterros não seja causa de enganos irreparáveis.

A média de **1** por **30** mil é notavelmente baixa, repetimos, e os fatos mesmos trazem apoio à nossa assertiva.

Tenha-se em conta, por exemplo, que, no curto período entre **29** de abril e **3** de maio de **1946**, um órgão da nossa imprensa¹¹ registrou dois casos de pessoas dadas por mortas e que em tempo foram salvas do suplício de serem depositadas na cova ainda com vida.

A primeira ocorrência, noticiada num telegrama do Rio de Janeiro, se refere a

«**(1)** "A Tarde", edições de **29** de abril e de **3** de maio de **1946**.

Este mesmo jornal, edição de **5-2-1953**, deu destaque ao noticiário subsequente:

"RECIFE, fevereiro ("A Tarde") — Fato curioso ocorreu na residência do operário José de Ura Vasconcelos, no Alto do José do Pinho. O referido operário, de regresso do trabalho e após o jantar, sentiu-se mal. Resolveu então tomar uma dose de bicarbonato. De nada, porém, lhe valeu o remédio. Instantes depois estava agonizante. Sua esposa, Elvira Gonçalves de Vasconcelos, correu à casa do farmacêutico residente nas imediações e voltou com ele. O boticário, depois de examinar o doente e de auscultar-lhe o coração, tirou os óculos e com ares doutorais sentenciou: — "Podem preparar o caixão. O homem está morto."

Horas mais tarde José jazia sobre uma cama, na sala, coberto por um lençol branco e cercado pelos castiçais, onde ardiam as velas. O velório ia assim, tendo o seu desenvolvimento normal, quando, à meia-noite, deu-se o imprevisto. Num momento em que todos estavam distraídos o defunto descobriu o próprio rosto e sentou-se. E com os olhos esbugalhados percorreu o ambiente. E perguntou: — "Que história é essa?"

Houve, então, uma correria infernal. Todos desapareceram pela única porta de saída Sem nada compreender e mais intrigado ainda, o operário foi à casa da vizinha perguntar sobre o que tinha acontecido. Esta ao vê-lo caiu desmaiada. Só bem mais *tarde*, com a chegada da polícia, a ordem se restabeleceu. Verificou-se, então, que diversas pessoas se haviam ferido e outras se queimado."

uma criança de tenra idade, recuperada duma crise de catalepsia justamente quando o corpinho ia sendo colocado no caixão.

O outro caso se passou numa localidade portuguesa, com um homem que voltou a si, horas depois de ter sido encontrado em completa inércia — o corpo gelado e lívido, os dentes cerrados, supressas a pulsação e a respiração — e a quem um eclesiástico já havia ministrado os últimos sacramentos...

Foram, sem dúvida, fatos dessa natureza, observados *de visu* pelo conde Miguel de Karnice-Kamiki, que abalaram os sentimentos filantrópicos desse fidalgo polonês, induzindo-o a se aprofundar no estudo da questão e mais tarde a conhecer o seu aparelho de salvamento.

O aparelho de Karnice, destinado a constatar a certeza da morte, e, conseqüentemente, evitar o enterro de vivos, está descrito assim: "Um tubo que se faz penetrar na altura do esterno do cadáver. Internamente, no tubo, há uma peça de aço que acaba uma esfera, a qual pousa justamente sobre o esterno, a cinco centímetros, e do outro lado a um metro de altura fora da terra e termina numa caixinha especial. O menor movimento move a esfera e esta faz saltar um maquinismo de mola, que abre a caixinha, introduzindo luz e ar na sepultura e dando um grande sinal por meio de um disco que se levanta e faz soar uma campainha com movimento de relógio. Dado esse sinal de vida, o guarda do cemitério acorre e, em pouco tempo, pode libertar o enterrado vivo, comunicando-se, também, como ele, por meio do tubo, que serve de porta-voz."¹²

Percorrendo todos os países da Europa, numa triunfal excursão de propaganda do seu invento, o conde Miguel de Kamice desenvolveu uma intensa atividade por meio de conferências científicas que puseram o seu nome em grande evidência. De médicos ilustres recebeu ele os mais encorajadores aplausos e incentivos, inclusive os do grande Charles Richet, que assim se exprimiu em carta de Paris, datada de **17** de janeiro de **1912**: "Se continuardes prosseguindo no vosso trabalho, tereis prestado um grande serviço, porque não posso duvidar que não existam ainda inumações apressadas. Também conjeturo que sendo pouco, é ainda muito, e a sociedade não pode carregar o fardo de tão grave delito."¹³

Outro meio de verificação da morte foi ideado por um médico francês, o Dr. Collongues. e o seu aparelho tomou o nome de Dinamoscópio.

O método proposto por esse facultativo "permitia seguir o desaparecimento gradual das últimas manifestações vitais", e dessa maneira poupava-se o irremediável de dar sepultamento a um corpo cuja vida não estivesse totalmente extinta.

Não menos preciosa, nesse particular, é a contribuição do Dr. Francesco Zingaropoli, aventando a instituição das câmaras mortuárias nas necrópoles. "As

¹² (2) F. Zingaropoli, obra cit., pág. 20.

¹³ (3) Ibidem, Ibidem.

câmaras mortuárias, explica ele. seriam um lugar em que se depositariam os cadáveres dos letárgicos, catalépticos, etc., quando não sendo manifestos os sinais indubitáveis da decomposição de todos os órgãos vitais e de maneira que, no caso de despertar do suposto morto, esse encontraria ar e luz e meios de chamar a atenção dos guardas do cemitério."

A despeito, porém, desses recursos científicos indicados, tendentes a preservar de tortura atroz, no túmulo, pobres criaturas supostamente mortas, o problema persiste desafiando uma solução definitiva, porquanto até aqui nenhuma medida de caráter geral, a respeito, foi adotada pelo governo de qualquer país.

Visto que cada povo tem seus usos e costumes, entre os melanésios, *verbi gratia*, medrava a prática, considerada boa para as vítimas, de se enterrar vivos os doentes e os velhos, enquanto que os nativos da ilha de Báli, na Oceania, seguindo um velho costume indú, sepultavam com o cadáver do marido a infeliz mulher caída em viuvez. Os holandeses, proprietários da ilha, em 1926 puseram termo a essa ignomínia.

Convém, no entanto, frisar que tais cenas, confrangedoras à nossa sensibilidade, ocorriam em observância a prescrições da moral social ou religiosa daqueles povos incultos, não advindo, portanto, responsabilidade penal para os autores de semelhantes crimes.

À moral ocidental, à nossa moral clássica, tais atentados repugariam. E ainda para nós seria ato de puro humanitarismo, uma resolução governamental pondo em execução qualquer daqueles processos da ciência, acima aludidos, mediante o qual dado fosse identificar e subtrair os pseudomortos dentre os que, definitivamente, sucumbiram.

Não obstante, há muito quem não aceite, nem mesmo como hipótese filosófica, a interferência da individualidade psíquica fora do veículo fisiológico, pois que ambos — corpo e alma —, formariam um amálgama, um todo, incapaz de se dissociar.

Camille Flammarion, nos três tomos da sua vigorosa obra *A Morte e o seu Mistério*, sustenta e demonstra cabalmente que o materialismo é uma doutrina errônea, incompleta e insuficiente. "O materialismo, assevera aquele mestre, não é senão uma teoria de aparência, a superfície das coisas não analisadas."

Teremos então a confirmação desse enunciado mais adiante, quando identificarmos a alma nos seus momentos de emancipação e liberdade, provando ela mesma que não é uma emanção do corpo somático ou propriedade da substância cerebral.

— IV —

A doutrina materialista — Antagonismo entre duas classes de negadores — Religiões materializantes — O Espiritismo e sua obra saneadora.

Antes de encetarmos uma incursão pelo campo da fenomenologia supranormal,

de onde ressaltará a maravilhosa evidência da nossa imortalidade, relancemos um olhar sobre as ideias materialistas, chegadas até nós no começo deste século, através de livros em tradução portuguesa. Essas ideias, divulgadas primordialmente na Europa, tiveram sua maior expansão no meado do século passado, porém estava escrito que não iriam durar muito tempo. Arrimadas na meia-ciência que exaltava a matéria e proscovia Deus, por considerá-lo um mito, elas surgiram, como se vê, fadadas ao repúdio popular e conseqüente desaparecimento. A assim aconteceu.

Se o materialismo ainda conta adeptos convictos e sinceros — que chamaremos materialistas teóricos — estes serão contados a dedo; ao passo que se multiplicaram extraordinariamente os materialistas sem teoria.

Estes últimos — os materialistas práticos — não passam de arrivistas, dada a falta de escrúpulo com que agem para "vencer na vida". Traçando a psicologia dos incrédulos, Alfred Erny¹⁴ situou os ignorantes entre aqueles da "pior espécie", caracterizados por uma vã bisbilhotice e pelo desprate com que pretendem adaptar tudo aos seus audaciosos pontos de vista. Por seu mau caráter e sua incultura, eles se diferenciam acentuadamente dos materialistas teóricos a que acima aludimos.

Estes, geralmente, são homens esclarecidos, de bons predicados e sentimentos generosos, que os tornam dignos e respeitáveis. Os que temos conhecido e com os quais mantemos relações de amizade pessoal, jamais nos decepcionaram. Alguns deram-nos admiráveis provas de espontâneo espírito de renúncia e de um altruísmo comvente. Dir-se-ia que os materialistas teóricos, quanto mais doutos e seguros de suas convicções, tanto melhor se destacam por suas virtudes morais, num significativo contraste com as tendências e os objetivos da sua doutrina. Exemplifiquemos invocando o insuspeito testemunho de Camille Flammarion, no retratar a personalidade de Emíle Littré, a quem o famoso astrônomo e ardoroso espírita conheceu pessoalmente e dedicava particular apreço. Escreve Flammarion: "Era um homem eminente, sábio, enciclopedista, pensador profundo, aliás materialista convicto e absolutamente sincero. A estética do seu rosto não correspondia à beleza de sua alma. Era difícil vê-lo sem pensarmos na nossa origem semiesca, e entretanto o seu Espírito era da mais alta nobreza e o seu coração duma generosidade rara."¹⁵

Verdadeiros homens de bem eram igualmente Augusto Comte, Le Dantec, Soury, Ernesto Renan...

Note-se que a descrença e o ateísmo não se desenvolvem apenas em meio irripérvio à propagação da fé, por ausência de pregadores e templos religiosos. Pelo contrário, qualquer religião, cujos ensinamentos careçam de bases racionais, pode

¹⁴ (1) Alfred Erny, O Psiquismo Experimental, cap. II.

¹⁵ (2) Camille Flammarion, A Morte e o seu Mistério, vol. 1, pág. 39.

fomentar o cepticismo e a dúvida em certos Espíritos indagadores, ou mesmo levá-los à negação completa da Divindade. Que no-lo diga a História, neste particular, fazendo menção a Voltaire e Benedetto Croce.¹⁶ A educação religiosa que estes dois filósofos receberam na infância, longe de os preservar da impiedade, tornou-os radicalmente ímpios. Não encontrando Voltaire e Croce fundamento lógico em tudo aquilo que eles deveriam crer, só tinham finalmente que resvalar na total descrença, no mais completo materialismo.

São esses os frutos de certas religiões, preocupadas em demasia com a suntuosidade dos atos exteriores, e negligentes com o tirocínio espiritual de seus fieis. A elas ajusta-se muito bem o qualificativo de religiões materializantes.

Mas o materialismo, como dissemos, não iria ter vida longa, era um cancro social que precisava urgentemente ser extirpado. A consciência cristã não poderia acolher, ou ao menos tolerar, uma ideologia nefasta, destruidora da fé e estimuladora do egoísmo. Somente alguns homens ilustres, por esnobismo, aderiram a ela, sem se aperceberem do dano espiritual que iriam causar a si mesmos. Porque, na realidade, o materialismo é tóxico para a alma, degrada e avilta a criatura humana, igualando na morte o irracional e o sábio. Segundo os professores de ateísmo, o destino para todos é um só: a extinção, o nada.

Tal a doutrina blásfema, desconsoladora, que, à falta de apoio sólido e por sua essencial nocividade, foi enfrentada e rechaçada por outra doutrina com fundamento indestrutível na existência de Deus e no amor fraternal. O combate começou no mês de abril de **1857**, quando Allan. Kardec lançou nas livrarias de Paris O Livro dos Espíritos — primeiro dos cinco volumes, que se completariam depois. O Livro foi lido avidamente pelo público. Despertou grande curiosidade e suscitou fortes polêmicas, que apagaram dúvidas e trouxeram oportunos esclarecimentos. Aqueles que tinham abjurado a fé, ou sentiam-na debilitada e quase extinta, à luz da nova filosofia, viram-na reflorir nos seus corações. Ao Espiritismo cabia demonstrar objetivamente que o ser humano possui uma alma imortal e autônoma; uma alma espiritual que, por isto mesmo, não pode ser resultante dos centros nervosos, como erroneamente entendem os negativistas.¹⁷

Ora, ninguém ainda compreendeu como a alma e o corpo são tão intimamente

¹⁶(3) O exemplo é típico de como pode uma religião sem bases racionais produzir a secura no coração humano e torná-lo infenso à ideia de Deus. Referindo-se na sua História da Civilização a Benedetto Croce, WHI Durant observa que "ele era filho único de uma família de católicos conservadores e recebeu uma educação teológica tão completa que acabou ateu.*

Voltaire, por sua vez, esteve durante **7** anos como aluno em um colégio de jesuítas, onde aprendeu, disse ele, "um pouco de latim e muitas tolices.* Viveu em permanente atitude de combate à Igreja

¹⁷(4) Muitos homens que nos primórdios do movimento espírita renegaram o seu materialismo, por força dos testemunhos que os Espíritos lhes deram da sua existência fora da carne, eram sábios de renome e tiveram a coragem de afrontar os preconceitos científicos e a crítica de seus pares, divulgando os resultados de suas investigações em livros que foram incorporados ao acervo bibliográfico do Espiritismo e são considerados clássicos.

conjugados, ao ponto de muita gente os julgar para sempre inseparáveis, sem o serem. Ao invés de admirarem essa obra maravilhosa do Criador, concluíram os niilistas que a alma não existia. Fosse verdadeira essa inferência, teríamos de negar o vento, o trovão, a eletricidade, e outras coisas que não nos é dado ver, mas têm existência real e eterna, incontestável.

"O Espiritismo é a nova ciência que veio revelar ao homem, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo."

Mas o que vêm a ser as provas irrecusáveis, a que se refere, nesse tópico, o codificador do Espiritismo?

São aquelas que provêm dos fatos observados e analisados, isto é, do grandioso fenômeno da comunicação dos Espíritos — fenômeno que encerra o argumento irrefutável com que se anula e destrói a funesta ideologia materialista.



Rumo aos fatos — O cérebro e a alma — A Psiché, uma entidade concreta e definida — Opinião concordante do Professor Elliott Cowes sobre o perispírito — As experiências científicas provam que o Espírito é distinto do corpo e dele se separa conservando a sua integridade — Os casos de catalepsia, patológica ou magnética, confirmam esta verdade — O desprendimento pela ação dos anestésicos — Um médico que observou e descreveu a separação da alma no decurso de operações cirúrgicas.

Nada vale a alegação de não ser isso possível, quando se demonstra que é real.
R. DALE OWEN

Profligando a doutrina insensata e perniciosa do materialismo, da qual guardamos apenas triste lembrança, temos sustentado a tese oposta, isto é, que existe na criatura humana um elemento psíquico, íntegro e indestrutível, a afirmar o seu dinamismo depois da morte. Para quantos se aplicam a estudos de alta filosofia espiritualista, isso, aliás, já não é objeto de crença, ou uma esperança mais ou menos bem fundada; é mais ainda: é certeza — e certeza absoluta, deduzida do mais lúcido raciocínio e corroborada pela lógica irrefragável dos fatos. Nesses estudiosos a dúvida cedeu lugar ao conhecimento e este elevou-se acima da fé: a gélida noite do túmulo — digamos assim como Delanne — já não tem terrores para nós, porque possuímos a prova certa de que os mausoléus não guardam senão cinzas inertes, e que o ser pensante continua a existir, após fechar a morte o ciclo de sua peregrinação terrena.

Laboram em erro os anatomistas e fisiologistas em pensando que alma é uma secreção da matéria cerebral; não entenderam ainda que a alma é invisível a olhos comuns e, de resto, se o corpo virou cadáver é que ela definitivamente o abandonou.

A verdade, radiosa e insuperável, é que o cérebro físico é um mero instrumento

de que a alma precisa e dele se serve para a sua manifestação exterior durante a vida carnal. Mesmo quando esse instrumento acusa anomalia ou deficiência, consequentes de acidente ou lesão grave, nem sempre a alma se vê impossibilitada de emitir o seu pensamento e atestar a sua individualidade. Não é esta uma afirmação sem base.

À Academia de Ciências de Paris, na sessão de **23** de dezembro de **1913**, o Dr. Edmond Perrier apresentou a observação de um seu colega, o Dr. Robinson, a respeito de um homem, que viveu um ano, quase sem sofrimento, sem nenhuma perturbação mental aparente, com um cérebro reduzido ao estado de papas, formando um vasto abscesso purulento. Em **24** de março de **1917**, na mesma Academia, também o Dr. Guepin mostrou, operando um soldado ferido, que a ablação parcial do cérebro não impedia a manifestação da inteligência. Às vezes, remata Flammarion, a quem tomamos este relato, restam bem modestas parcelas da substância cerebral, mas o Espírito serve-se engenhosamente do que pode.¹⁸

Nossos ancestrais não possuíam um conceito, exato e preciso, acerca da alma humana. Imaginavam-na uma coisa vaga, como um sopro de vento, um clarão furtivo, algo de abstrato e imponderável. Foi preciso que o Espiritismo viesse dissipar a obscuridade, revelando a teoria do perispírito, que nos faz conceber a Psiché como uma entidade concreta, de forma definida. O perispírito é, em síntese, um envoltório com que se apresenta a alma fora do corpo físico, antes ou depois da morte deste. É sua cópia fiel, de natureza sutil e etérea. Não fosse o perispírito, a reprodução perfeita do corpo somático, e não se podia estabelecer a identidade dos Espíritos nas aparições visíveis e tangíveis de vivos e de mortos.

"Estudei — declara o Professor Elliott Cowes, que presidiu ao Congresso Psíquico de Chicago, em **1893** — estudei todos os fenômenos chamados espiritualistas ou espíritas. Que se deve concluir deles? Nada, se não se partir de um fato, primordial: que existem um corpo material e um corpo astral (ou psíquico) e que os dois corpos se separam*, um do outro, mesmo durante a vida."¹⁹

Essa separação, temporária, do ser espiritual encarnado, a evidenciar a sua completa independência da matéria organizada, ficou, rigorosa e concludentemente demonstrada nas memoráveis experiências científicas, realizadas em Paris pelo Engenheiro Alberto de Rochas.

Não é por falta de uma bibliografia específica que muitos ignoram esses fenômenos. Em numerosos livros estão relatados os casos surpreendentes de exteriorização do duplo fluídico, sendo os seus autores vultos preeminentes na ciência contemporânea, em sua maioria convertidos de um cepticismo mórbido

¹⁸ (1) Camille Flammarion — A Morte e o seu Mistério, vol. I, págs. **52/3** — ed. Briguiet, Rio. **1922**.

¹⁹ (2) Alfred Erny — O Psiquismo Experimental, p. **73** (H. Gamier, editor). Consultar também o livro do Dr. Gustave Geley. Resumo da Doutrina Espirita, ed. Estudos Psíquicos. Lisboa. **1945**.

graças aos resultados de suas investigações.²⁰

Mais tarde voltaremos a este assunto quando abordarmos os casos de bilocação e clarividência.

Um dos mais conscienciosos experimentadores de nosso tempo, o Dr. Gustave Geley, que foi diretor do Instituto Metapsíquico Internacional e da Revue Metapsychique, faz notar que — nem um só homem de ciência negou jamais a realidade dos fenômenos, depois de qualquer estudo, por mais pequeno que fosse.²¹

Sim, porque, em verdade, a negação resulta sempre da incapacidade de compreender ou da obstinação em não examinar a coisa que se apresenta a julgamento. Os incrédulos, mui especialmente os misoneístas, apegados às suas ideias do passado, não perquirem, não investigam, mas querem ver para crer, exigem até milagres... Constantemente clamam por provas, e não refletem que o que melhor teriam para fazer era examinar as provas que existem, copiosíssimas, pois já se tornou desnecessário buscar mais.

Ora, se quisermos sinceramente assegurar-nos da existência de um princípio pensante no homem, e, pois, persuadir-nos de que o corpo e o Espírito são absolutamente distintos e inconfundíveis, posto que se completam na formação do agregado humano, basta demorar-nos na análise dos casos de catalepsia, quer de natureza patológica ou magnética. Num ou noutro estado depara-se-nos um indivíduo virtualmente morto, tão morto que a analgesia tornou-o insensível à dor. Mas, passado algum tempo, ei-lo que recupera a atividade psicofísica e então vemo-lo volver à vida que aparentemente o abandonara. Ao materialista devemos indagar por que arte, por que mistério adquiriu aquele indivíduo a mobilidade e os sentidos. Ou, por outra, por que nele os sentidos se esvaíram e o movimento cessou? Cremos não ser preciso ir adiante para que se veja quão desarrazoada é a opinião de Hermann Sheffler, segundo a qual o Espírito é apenas uma força da matéria, resultante da atividade nervosa. Que todos os órgãos do aparelhamento fisiológico conservaram-se intactos, comprova-o o reatamento da função vital. Não se compreende, assim, porque sobreveio a letalidade, ainda que factícia e provisória, como vimos. Raciocinando sobre esse ponto, adverte admiravelmente Martins Velho que, se o Espírito é produto do funcionamento nervoso, fica ainda por explicar qual é a força que produz essa atividade nervosa decantada por Sheffler. Podem, portanto, os materialistas continuar a encolher os ombros ou esboçar o costumeiro riso de desdém; uma verdade, contudo, permanece, resistindo e desafiando contestação séria: é que essa energia geradora da

²⁰ (3) Além da magnífica obra de A. de Rochas, *A Exteriorização da Sensibilidade*, hoje considerada clássica, muito aproveita ler entre outras: *Animismo e Espiritismo e Um Caso de Desmaterialização Parcial de um Médium*, de Alexandre Áksakof; *O Psiquismo Experimental*, de A. Erny; *Espiritismo e Faquirismo Ocidental*, de Paul Gibier; *O Fenômeno Espírita*, de Gabriel Delanne. Ver, outrossim, o que escreve Geley no seu livro supracitado, págs. 35 a 37.

²¹ (4) Geley, ob. citada, p. 48.

atividade nervosa, ou que aciona o funcionamento orgânico, é inerente à própria alma, representa o extraordinário potencial dinâmico com que ela em diversas circunstâncias ostenta a sua unidade e soberania. No caso particular de morte aparente, por efeito cataléptico de ambos os gêneros, os indícios todos da morte real se patenteiam em virtude do êxito do perispírito. Sendo ele que registra as sensações físicas e recolhe as vibrações externas, desde que em situação anormal, como aquela, se viu projetado fora da carne, a insensibilidade corporal não é mais que uma decorrência daquele estado especial dos órgãos. Retomando o seu invólucro material, o perispírito, *ipso-facto*, revitaliza-o e fá-lo recair no seu ritmo ordinário. (5)

Identicamente ocorre quando uma pessoa é submetida à ação do clorofórmio ou do éter. Pela inspiração dos vapores do anestésico o paciente começa a sentir uma espécie de delíquio, até mergulhar em profundo letargo, o que bem caracteriza a desagregação gradual do Eu consciente é o seu momentâneo afastamento do corpo. Se este, nesse estado, pode ser até retalhado sem a mínima sensação de dor, é óbvio concluir que a sede da sensibilidade é o perispírito. Esse transcendental fenômeno de exteriorização do duplo tem sido presenciado e descrito por clarividentes de inatacável probidade, e julgamos que muito importa tornar essas descrições largamente conhecidas. Apraz-nos reproduzir as narrações do famoso clarividente americano André Jackson Davis, mas por agora limitar-nos-emos ao testemunho não menos edificante de um distinto médico e publicista da mesma nacionalidade, possuidor do precioso dom mediúnico. No capítulo segundo de um apêndice à já citada obra de Zingaropoli — Morte aparente, o Dr. Francisco Kloris Werneck, ilustrado poliglota brasileiro, que a traduziu para o vernáculo, resume assim a visão descrita pelo Dr. Rillet Brisbane Houte, depois de breve apresentação que dele nos faz, dando-nos a conhecer também seus vastos dotes intelectuais e sua cultura:

"O primeiro caso foi o de uma senhora a quem se administrou anestesia geral. O Dr. Brisbane Houte dela se aproximou no momento exato da aplicação e assim pôde ver, durante a intervenção, a formação do Espírito acima do corpo da paciente. O Espírito separou-se lentamente, do mesmo, até chegar a uma altura de cerca de sessenta centímetros, sempre em posição horizontal, como o corpo físico, e, nessa posição permaneceu flutuando, durante todo o tempo em que durou a operação. Ele estava unido ao corpo material por meio de um cordão fluídico, que tinha muita semelhança com o cordão umbilical que nos une à placenta durante a nossa vida fetal e que é cortado no momento, permitindo-lhe a vida e o desenvolvimento primário.

O corpo astral da referida senhora apresentava a fisionomia serena das pessoas profundamente adormecidas e não manifestava a menor contração, nem sinal de sentir as incisões e suturas que, mais embaixo, eram feitas na mesa operatória. Quando tudo terminou, o corpo fluídico deixou de flutuar e

desapareceu finalmente como se houvesse entrado em seu corpo físico e a enferma voltou a si, sem o menor sinal de contrariedade, sendo conduzida ao seu leito."

Depois de narrar outro sucesso idêntico, prossegue o Dr.

Francisco Klors Werneck:

"O terceiro caso foi, realmente, o mais interessante, pela posição e pelas circunstâncias que vamos expor. Um jovem de robusta compleição física ia ser operado de apendicite. Praticadas as diligências preliminares, foi colocado na mesa operatória e devidamente anestesiado e não tardou em perder os sentidos, porém aqui está o interessante: seu corpo astral, ou Espírito, estava alerta e plenamente consciente. Além disto, em vez de ficar na posição horizontal como os outros, tomou a posição vertical e pôs-se a passear na sala de operações. Foi visto pelo Dr. Brisbane Houte, a pouca distância do operador, observando, com a maior atenção, os menores movimentos e detalhes da operação.

Em dado momento começou a percorrer a sala, examinando as ferramentas cirúrgicas e os diversos instrumentos que via. À proporção que a operação chegava ao termo final, o corpo astral perdia sua atividade e animação, até que, acabada a operação, desapareceu definitivamente no corpo físico do paciente, no momento exato em que este voltava a si."

Vamos em seguida exhibir outros testemunhos e fatos, com vistas aos que não admitem a alma humana como elemento autônomo e separável do corpo material.

— VI —

Testemunho de uma escritora inglesa a propósito do seu caso pessoal de desdobramento fluídico sob a ação do clorofórmio — Desdobramento em estado de vigília — O caso célebre de Emilie Sagée — Uma senhora, na Bahia, com quem se dava o fenômeno de exteriorização da alma — Manifestações extracorpóreas de Santo Antônio de Pádua e São Francisco Xavier — Adormecido em Arienzo, Santo Afonso de Ligueri assiste à agonia e à morte do Papa Clemente XIV, no Vaticano ~ Centenas de casos desse gênero classificados e estudados cientificamente pela Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres — Fotografias do duplo fluídico obtida por vários experimentadores.

... Uma coisa são os órgãos dos sentidos, e outravé a faculdade de sentir. Aqueles são dependências do organismo, esta é uma faculdade da alma.

A. A. MARTINS VELHO

Vimos, no estudo precedente, como a alma se refugia fora do corpo, quando este é submetido à narcose na mesa operatória. A dualidade do ser humano assume, não obstante, outras características evidenciais, como veremos no desenvolvimento deste capítulo, impondo-se mesmo como uma realidade inequivocamente objetiva, em face da impressão simultânea, na chapa fotográfica, da forma física de uma pessoa e do seu molde psíquico momentaneamente

destacado.

Abordemos primeiramente um caso análogo àquele com que rematamos o nosso trabalho anterior. Trata-se de um episódio verificado com a própria narradora, a senhora Edith Archdale, da Inglaterra, que o comunicou por carta ao diretor do Light e por esta publicação foi divulgado em 1916. Mrs. Edith Archdale, segundo Ernesto Bozzano, é um nome de projeção nas letras de seu país, mercê dos vários livros que tem publicado sobre viagens e explorações africanas. O que se passou com ela, teve lugar quando de sua estada em Johannesburg, África do Sul, ao ser cloroformizada para extração delicada de um dente. Submetida aos preparativos para inspirar o clorofórmio, cada vez que o dentista se lhe aproximava com o boticão, ela advertia: "Ainda não estou dormindo", e a essa voz o odontólogo naturalmente lhe administrava nova dose do entorpecente. Em dado momento a paciente se viu em pé ao lado da cadeira em que jazia o seu corpo e sentiu um vivo desejo de não mais nele se integrar. Insistiu em pedir mais e mais clorofórmio, com o fim deliberado de se fazer matar, porém o cirurgião, prudentemente, resolveu não atendê-la, renunciando a extrair-lhe o dente naquele momento. Pouco depois, cessada a ação do narcótico, a forma perispiritual foi atraída para o corpo e... a senhora Archdale despertou.

Colocada, mais tarde, numa espreguiçadeira, em outro quarto, um médico, chamado especialmente, fez nova aplicação do anestésico e o dente foi, enfim, extraído.

Conta a protagonista desse incidente que, durante a operação, coisas extraordinárias com ela se passaram. Achava-se fora do corpo denso, suspensa no ar, mas perfeitamente cônica da mudança que nela se havia dado. De súbito irromperam-lhe na memória reminiscências longínquas que se estendiam por séculos... Sentia-se alegre nesse estado, embora soubesse não estar morta e ter de voltar dentro em pouco ao seu corpo; e não tardou a ir penetrando nele, por meio de impulsos sucessivos, em cada um dos quais se ia esquecendo, em parte, do que havia visto e aprendido.

"Depois desta ocorrência — concluiu Mrs. Edith Archdale — não mais duvidei do futuro do Além. Pela ação do clorofórmio, minha personalidade espiritual foi momentaneamente libertada dos liames corporais e se achou no meio que a espera depois da crise que chamamos morte. Tive a prova, portanto, de que não morremos".²²

Por mais extraordinário que pareça o caso que aí fica num breve resumo, outros bem mais curiosos e impressionantes avolumam os anais das ciências psíquicas, destacando-se os do mesmo gênero que se dão no estado de vigília. O desprendimento transitório do Espírito normalmente ocorre quando a pessoa se acha sob uma forte emoção, ou no estado comatoso, se não, o que é natural,

²²(1) Ernesto Bozzano. Metapsíquica Humana, págs. 137-39 (Trad, de Araújo Franco].

durante o sono ordinário. Porém os dois casos que vamos sumariar constituem notável exceção à regra e suscitam maiores considerações sobre esse aspecto particular do problema psíquico.

As aparições do duplo de Emile Sagée, uma jovem professora, de origem francesa, registravam-se com tanta frequência e tornaram-se tão notórias, que ela, ao ser despedida, por esse motivo, do pensionato de Neuwelcke, na Livônia, quase em desespero, confessou que, antes, tinha estado em dezoito casas de ensino; só conseguia colocação em lugar distante onde o seu nome fosse inteiramente desconhecido. Ali mesmo, em Neuwelcke, ao fim de um ano e meio de exercício nas funções de subdiretora do colégio, o número de alunas, que era de **42**, baixou para **12**, pois os pais delas, ao serem inteirados da estranha ocorrência, iam-nas retirando do estabelecimento, ou elas, tomadas de medo, por si mesmas o abandonavam.

Pouco tempo depois de haver ingressado no pensionato, começaram os comentários a seu respeito; quando uma pensionista dizia tê-la visto em um lugar, quase sempre outras afirmaram que ela se lhes deparara em outra parte, no mesmo instante. A princípio várias educandas, tanto quanto os professores, acreditaram numa pilhéria ou equívoco; mas as coisas não tardaram a complicar-se, assumindo um caráter que excluía toda a possibilidade de se tratar de uma ilusão de óptica.

De uma feita, quando Emilie Sagée escrevia uma passagem a ser explicada no quadro negro, perante treze alunas, estas, presas de enorme terror, de repente viram duas Sagées, uma ao lado da outra. Contudo somente a pessoa verdadeira tinha um pedaço de giz na mão, ao passo que o seu duplo se contentava em imitar os movimentos que ela fazia para escrever.

Mas as aparições dúplices da jovem professora culminaram quando ela, certa vez, foi vista em dois sítios por todas as internas do colégio, em número de **42**, como ficou dito. Estavam entregues a serviço de bordado, numa sala do pavimento térreo do qual quatro portas envidraçadas davam para o jardim. Dali observavam a subdiretora entretida a colher flores; mas eis que, ao mesmo tempo, ela aparece sentada em uma cadeira no aposento! Não era uma miragem, era uma visão coletiva, real e tangível. Duas moças, das mais corajosas e já habituadas com o fenômeno, aproximaram-se do duplo e o tocaram, notando uma ligeira resistência à semelhança da que teria oferecido um leve tecido de musselina ou crepe. Uma delas chegou mesmo a passar através de uma parte da forma astral e, apesar disso, a visão durou ainda alguns instantes, dissipando-se, 'depois, gradualmente. ..

Uma notícia circunstanciada deste fato é dada por Alexandre Aksakof no livro com que ele fulminou as hipóteses materialistas do filósofo alemão Eduardo von Hartmann. Também Gabriel Delanne o resume em uma de suas obras. ²³

²³(2) Alexandre Aksakof. Animismo e Espiritismo, pág. **543**, ed. Gamier; Gabriel Delanne.

Ambos esses autores observam que a jovem educadora de Neuwelcke não tinha conhecimento algum desse desdobramento e nem sequer suspeitava do estado em que ficava; nunca o tinha visto e sabia-o tão-somente por ouvir dizer.

O contrário disso ocorre com uma senhora residente na capital da Bahia, pessoa de nossas relações de amizade, com a qual se vem dando essa manifestação extracorpórea. Trata-se de uma senhora das mais dignas e virtuosas que temos conhecido, pelo que não hesitamos em acolher como absolutamente fidedigna a sua palavra. Data de poucos meses quando se sentiu estremecer de terror e perplexidade; estando deitada na cama, de súbito assalta-lhe uma sensação de abatimento e languidez, e em seguida vê-se transformada em tuas — a sua cópia fluídica a deambular pelo quarto... O mais extraordinário é que se sentia duplamente consciente.

Posteriormente, quando o fato se repetiu pela terceira ou quarta vez — conta a referida senhora — uma entidade de radiante aspecto penetrou no aposento e convidou-a a um passeio astral... Cindiu com ela o espaço... Transportada a uma esfera resplandecente, o espetáculo no qual os seus olhos se deslumbraram excedeu a tudo pela sua beleza e ineditismo.

Tornando ao seu estado ordinário, essa senhora descreve com desembaraço e minúcias o que viu, o que com ela se passou, embora não oculte um acentuado desgosto em virtude de forte mal-estar e incômodo físico que o desprendimento lhe acarreta. Essa angústia perdura por espaço de algumas horas.²⁴

Objetarão os cépticos que tudo isso não passa de pura ilusão, delírios mentais de cérebros místicos; mas a história nos mostra, de par com outros exemplos, a vida do grande Swedenborg pontilhada desses êxtases espirituais, e S. Paulo também declara ter sido arrebatado ao sétimo céu...

Tais são os fenômenos de bicorporeidade, dos quais os de bilocação não passam de um complemento.

Assaz conhecido, dentre outros prodígios operados pela poderosa mediunidade de Fernando de Bulhões (o glorioso Santo Antônio da agiografia católica) é aquele episódio de sua vida que no-lo mostra na cidade de Pádua, Itália, a provar a inocência de seu pai e salvá-lo de suplício a que era conduzido por falsa acusação

O Espiritismo Perante a Ciência, págs. 249 e seg.; Camille Flammarion, no segundo tomo da sua obra A Morte e o seu Mistério, (cap. II) também relata o mesmo fato.

Quem primeiro o registrou, porém, foi Roberto Dale Owen, no seu livro intitulado Footfalls on the Boundary of Another World (Rumor de Passos Sobre a Fronteira Dum Outro Mundo)

²⁴ (3) Poucos anos após a composição destes escritos, a referida senhora transferiu sua residência para o Recife.

A angústia que ela dizia experimentar depois que a sua alma reabsorvia-se no corpo, é inerente a essa espécie de fenômenos, porquanto no desprendimento, o corpo fica momentaneamente como que aniquilado e privado de sensação.

Veja-se a propósito o que diz Allan Kardec, em comentário à margem da questão 455, do O Livro dos Espíritos.

de homicídio, na mesma hora em que proferia um sermão em localidade da Espanha.

Quando viajava do Japão para a China em novembro de **1571**, conforme escreve Dassier, citado por Oeianne, São Francisco Xavier correu o risco de perecer com o pessoal do navio que o transportava. Acossado o barco por violenta tempestade, e dele se tendo desamarrado um escaler com quinze homens, ficando ao sabor das ondas enfurecidas, o piedoso monge entregou-se a orações, ao tempo que soerguia o ânimo abatido dos companheiros de bordo, garantindo-lhes que o escaler e seus ocupantes desaparecidos se salvariam. Efetivamente, depois de várias horas de ansiedade e desespero, a frágil embarcação apareceu e os quinze marinheiros ameaçados foram recolhidos ao navio. Mas quando subiram e o piloto quis fazer largar o escaler, todos protestaram dizendo que era preciso deixarem primeiro sair Xavier, que estava com eles. Foi em vão que tentaram persuadi-los de que o santo não havia saído do navio, porquanto os quinze homens unanimemente afirmaram que Xavier os tinha acompanhado durante todo o temporal, reanimando-lhes a coragem e conduzindo-os de volta ao barco em que viajavam.²⁵

Mais ilustrativo, porventura, é o seguinte lance da vida de Santo Afonso de Liguori, narrado por vários historiadores eclesiásticos, e que o escritor francês Gabriel Delanne reproduz de *A História Geral da Igreja*, escrita pelo barão Henrion, às páginas **137-38** do seu livro *A Alma é Imortal*:

"Na manhã de **21** de setembro de **1774**, Afonso, depois de haver dito missa, atirou-se num sofá. Estava abatido e taciturno. Ficou sem fazer o menor movimento, sem articular uma só palavra de qualquer oração e sem se dirigir a pessoa alguma, e assim passou o dia todo e a noite que se lhe seguiu. Nenhum alimento ingeriu durante todo esse tempo e ninguém notou que manifestasse o desejo de que lhe dispensassem qualquer cuidado. Logo que se aperceberam da situação em que ele se encontrava, os criados se colocaram perto do seu quarto, mas não ousaram entrar.

A **22**. pela manhã, verificaram que Afonso não mudara de posição e não sabiam o que pensar disso. Temiam fosse mais do que um êxtase prolongado. Entretanto, quando o dia já ia alto. Liguori tocou a campainha para anunciar que queria celebrar missa.

Ouvindo aquele sinal, não só o irmão leigo que lhe ajudava a missa, como todas as pessoas da casa e outras de fora acorreram pressurosas. Com ar de surpresa, pergunta o prelado porque tanta gente. Responderam-lhe que havia dois dias ele não falava, nem dava sinal de vida. "É verdade, replicou; mas, não sabeis que eu fora assistir ao papa, que acaba de morrer?"

Uma pessoa que ouviu essa resposta, no mesmo dia, a foi levar a santa Ágata e a notícia ali se espalhou logo, como em Arienzo, onde Afonso residia. Julgaram que aquilo fora apenas um sonho; não tardou, porém, chegasse a notícia da morte de

²⁵ (4) Gabriel Delanne. *O Espiritismo Perante a Ciência*, pág. **264**, ed. Garniar.

Clemente XIV, que a **22** de setembro passara à outra vida, precisamente às **7** horas da manhã, no momento mesmo em que Liguori recuperava os sentidos."

Os exemplos acima citados são categóricos e bastariam para nulificar a famigerada hipótese alucinatória e outras teorias fantasiosas, com que se tem pretendido explicar as manifestações anímicas desse gênero. Todavia, queremos recorrer a outros testemunhos.

Com o objetivo especial de desmentir, cientificamente, ou cientificamente confirmar a existência de uma personalidade psíquica, independente, soberana e indestrutível, uma plêiade de sábios dos mais conspícuos, da Inglaterra, fundaram, em Londres, no ano de **1882**, uma organização a que denominaram — *Society for Psychical Research* (Sociedade de Pesquisas Psíquicas) "cujos trabalhos conquistaram para logo grande autoridade justamente pela precisão, pelo escrúpulo e pelo método com que os pesquisadores se entregaram a essa grande investigação. Os principais resultados obtidos desde há dez anos, foram consubstanciados pelos Srs. Myers, Gurney e Podmore, em dois volumes intitulados — *Phantoms of the Living* (Fantasmas dos Vivos) e as observações diariamente feitas são relatadas em resenhas que se publicam todos os meses, sob o nome de *Proceedings*."²⁶

Num período de cinco lustros de estudo, diz Léon Denis, aquela Sociedade de homens eminentes erigiu um verdadeiro monumento científico com a publicação dessas duas obras, num total de vinte e dois volumes, em cujas páginas estão descritos milhares de casos de aparições, observados com todo o rigor que os sábios aplicam ao estudo dos fenômenos, e assinalam as circunstâncias e as provas que dão a cada fato o seu cunho de autenticidade e o apoio de testemunhos severamente esmerilhados.²⁷

Aí está, como se vê, o pronunciamento da ciência, que um outro fato, transcendente, vem ratificar.

Esse escritor, *doublé* de publicista honesto e investigador das altas questões atinentes à imortalidade, no seu volume *No Invisível* destaca o caso do Professor Istrati, exarado no livro *A Alma Humana, seus Movimentos, suas Luminosidades*, escrito pelo Dr. Baraduc, caso em que aquele docente, aliás membro do conselho de ministros da Rumânia, tendo adormecido sob prévia concentração da vontade, pôde exteriorizar-se e aparecer ao Dr.

Hasden, a mais de **50** quilômetros de distância, e por ele se fazer fotografar em Espírito.

Em novembro de **1894**, a *Revue Spirite*, fundada por Allan Kardec, inseriu uma notícia, não menos impressionante, referente a um instantâneo fotográfico,

²⁶ (5) Idem. idem. *A Alma é Imortal*, pág. **100**.

²⁷ (6) Léon Denis, *No Invisível*, p. **149** (trad. de Leopoldo Cirne. ed. **1939**). Na sua obra, já citada, *A Morte e o seu Mistério*, (tomo **2.º**) Camille Flammarion ocupa-se exaustivamente da questão do duplo dos vivos.

obtido pelo coronel De Rochas e o Dr. Barlemont, num ateliê de Paris, refletindo duas imagens iguais de um só indivíduo. Tratava-se do corpo do médium e o seu modelo psíquico, que dele se separava, no momento em que fora batida a fotografia. A notícia da *Revue Spirite* tem a ilustrá-la o *fac-simile* da chapa fotográfica. (7)

Também a obra do Dr. Alexandre Aksakof, atrás mencionada, que é um repositório de fatos de grande valor probativo, expõe numerosos clichés de duplos fluídicos retratados por fotógrafos.

Os fenômenos que respigamos e demos ao conhecimento do leitor, numa breve síntese, podem conduzir a uma luminosa certeza: a de que a alma humana é dotada de espontaneidade, de recursos inerentes e imensuráveis, que ela utiliza quando lhe apraz tornar ostensiva sua sobrançaria às leis fisiológicas.

Fora dos limites do corpo, independentemente dos sentidos físicos, não resta a menor dúvida, a alma, altaneira, ostenta sua individualidade, como continuaremos a ver no prosseguimento de nossa tese.

— VII —

Ainda os fenômenos de bicorporeidade — Espíritos de vivos que se manifestam pela incorporação — Um rapaz cujo duplo se isola e vai anunciar a outro a própria morte — O fantasma de um vivo previne e salva a tripulação de um barco — Aparição fluídica de um deputado inglês em plena sessão da Câmara dos Comuns — O Presidente Abraham Lincoln se vê em dupla forma — A visão do Imperador Vespasiano — Exemplos citados por Allan Kardec — Trasladação.

Esse duplo, sócia do ser vivo, não é uma miragem, uma imagem virtual, ou uma alucinação. É a própria alma que se revela, não só pela sua aparição, mas também, intelectualmente, por mensagens que lhe atestam a individualidade.

GABRIEL DELANNE

Os argumentos e fatos que aduzimos no capítulo anterior, mostrando a alma encarnada em eventuais incursões fora do seu envoltório corporal, falam mais alto que o arrazoado dos que a têm como um elemento coeso e inseparável da matéria organizada. Chegamos a apresentar o argumento máximo, irre-torquível, aquele da fotografia da individualidade exteriorizada, ao lado do corpo físico, durante a fase do desprendimento.

Daremos maior desenvolvimento a este assunto, concor-demente à observação feita por Delanne e outros autores de que a diferença entre fenômenos anímicos e espíritos é puramente nominal. As manifestações de vivos, com indícios materiais, por eles deixados, indicam que elas são perfeitamente idênticas às manifestações dos mortos.

Realmente assim é. O espírito de um vivo, transportando-se fora dos limites da esfera do corpo, pode operar, relativamente, os fenômenos de que é capaz o ser desencarnado, quer pela produção de efeitos físicos — como golpes, deslocamentos de objetos, escritura, voz direta, etc. — quer incorporando-se num

médium e revelando-se pelos órgãos vocais do sensitivo.

Léon Denis — sabem-no de sobejo quantos conhecem a bibliografia espírita — foi, dentre os grandes escritores, depois de Kardec, o mais opulento, o mais completo, porque a sua obra, magnífica, de cunho acentuadamente bilateral, reflete a preocupação do mestre em desvendar os arcanos da fenomenologia, dando de cada fato aí observado, a explicação teórica, consentânea e lógica, por maneira a colocar ao alcance de qualquer inteligência bem intencionada as duas faces de um problema transcendental da mais alta importância para o homem.

Pois bem, é esse arguto pesquisador e insigne publicista que nos traz o seu testemunho pessoal, acerca do Espírito de um vivo que, durante três anos consecutivos, se manifestou, por via de incorporação, no Grupo que ele dirigia, em Tours, França, sem que o pudessem distinguir dos outros Espíritos, desencarnados, que intervinham habitualmente nas sessões. Tratava-se de um indivíduo, que houvera sido sacristão em certa vila, na Sarthe, o qual, a respeito da sua identidade, fornecia indicações minuciosas e positivas, descendo, até, aos menores incidentes ligados à sua modesta profissão, como fossem o mau estado da igreja e dos paramentos deixados à sua guarda, as repreensões do cura por motivo da sua desídia e de suas bebedices...

Tão minudentes e categóricos eram aqueles informes dados pelo manifestante, que, tendo ido à indicada região o secretário do Grupo, fora-lhe deferido o encargo de proceder uma pesquisa e ver se tinha existido ali a pessoa com aqueles característicos. Grande foi a emoção e a surpresa do averiguador quando ' ele se viu na presença do indolente sacristão, pois ainda pertencia a este mundo em carne e osso. "Nosso secretário, termina Léon Denis o seu relato, o pôde ver e conversar com ele. Achando-se velho e cada vez mais dado à preguiça e à embriaguês, tivera que abandonar suas funções?. Todas as noites, às primeiras horas, se deitava e adormecia profundamente. Podia, assim, exteriorizar-se, transportar-se até junto de nós e incorporar-se em um dos nossos médiuns, a quem o prendiam laços de afinidade cuja causa se nos conservou sempre ignorada."²⁸

A ocorrência que aí fica documentada é sobremodo demonstrativa, valendo por quantas pudéssemos apresentar, do mesmo gênero.

Vêm a propósito dois outros casos de categoria análoga, mas com outras modalidades de produção, semelhando-se ambos às aparições de defuntos. O primeiro é narrado por Cícero, na sua obra *De Divinationi*, **1**, § **27**, e assim no-lo transmitem os escritores que o reproduziram:

"Dois amigos chegam a Mégara e tomam alojamentos separados. Mal um deles adormece, vê diante de si o seu companheiro de viagem, que lhe vem anunciar, aflito, que o estalajeiro concebera o projeto de assassiná-lo e pede que o amigo venha em seu socorro o mais depressa possível. O outro desperta, mas, convencido

²⁸ (1) Léon Denis, *No Invisível*, segunda parte.

de que apenas tivera um mau sonho, torna a adormecer. Aparece-lhe de novo o amigo e lhe suplica que se apresse, pois que os assassinos estão quase a lhe entrar no quarto. Turbado, ele se admira da persistência do sonho e se dispõe a correr em auxílio do amigo; mas a reflexão e a fadiga acabam por triunfar e ele novamente se deita. O amigo, então, se lhe apresenta pela terceira vez, ensanguentado, e lhe diz: "Desgraçado, não vieste quando eu te implorava que me socorresses. Agora, vinga-me. Ao despontar do dia, depararás, à porta da cidade, com uma carreta carregada de estrume: detém-na, manda que a descarreguem e darás com o meu corpo escondido nela. Faze-me sejam prestadas as honras fúnebres e persegue os meus assassinos." Tão grande obstinação e tão precisos pormenores não lhe permitiram hesitar mais: o amigo do assassinado levantou-se, correu à porta indicada e lá deu com a carreta. Prendeu o condutor, que se perturbou todo, e logo às primeiras buscas achou o corpo do amigo."²⁹

Tais são os termos da narrativa de Cícero.

Se fora nosso coevo e professasse o Espiritismo, haveriam de presumir os cépticos que o escritor latino houvera fantasiado aquela história para fazer propaganda da sua crença. Todavia, mesmo afastada essa conjetura, outros pretenderão explicar o fato socorrendo-se da chamada hipótese alucinatória, ou coincidência fortuita, porque isto é muito cômodo e dispensa o trabalho de raciocinar. Ademais esse juízo apriorístico fala daquela lei do menor esforço a que se cingem os apedeutas da ciência, mencionados na sátira do grande Rui. Amparado em autoridades como Flammarion, Picone Chiodo e José Lapponi, pensamos sensatamente que Cícero não teria incluído aquele relato na sua obra, se lhe não sobrassem razões para se certificar da sua veracidade.

Aqui vai o outro caso, que o sábio Alexandre Aksakof considera absolutamente notável e se acha consignado em livros de autores circunspectos e escrupulosos. Não importa a data em que ocorreu (**1828**), pois uma verdade é sempre atual e jamais perde o seu valor. Vamos, pois, resumi-lo o quanto possível, recomendando ao leitor, acaso desejoso de conhecê-lo na íntegra, as fontes de onde o estamos extraindo.

Viajando por perto de Terra Nova no navio de que era imediato, o Sr. Roberto Bruce permanecia assentado no seu camarote, ocupado em cálculos de longitude. Em dado instante ergue a vista e enxerga no camarote vizinho, o do comandante, um estranho a *escrever na lousa*. Corre ao encontro do seu superior para avisá-lo; ambos descem ao aposento do capitão e verificam que aí não se encontra pessoa alguma. Dão uma busca minuciosa em todo o navio e embalde tentam surpreender o desconhecido. Entretanto na ardósia que servia para os cálculos náuticos do capitão estavam escritas estas palavras: "***Steer to the north-west***", isto é, aproai

²⁹ (2) C. Picone Chiodo. A Verdade Espiritualista, p. **140**: Camille Flammarion, As Casas Mal-Assombradas, pág. **47** e Urânia. pág. **128**: Dr. José Lapponi. Hipnotismo e Espiritismo, pág. **163**.

para noroeste. Intrigado com o fato, e depois de refletir um momento, o comandante decidiu rumar para o ponto indicado, e, após três horas de navegação estava com a sua nau perto de um barco encalhado numa montanha de gelo, na Iminência de submergir. Recolhidos os que nele se achavam pelo navio salvador, eis que diante de uma daqueles naufragos Roberto Bruce empalideceu e recuou comovido. Era o estrangeiro que ele vira escrevendo na lousa! Pede-lhe, então, para traçar na pedra as mesmas palavras: *steer to the north-west*. A escrita era perfeitamente idêntica à que ainda se conservava no outro lado da lousa, sem que o próprio que a redigira soubesse compreender o mistério. Todavia, contou o capitão do barco naufragado que aquele passageiro, pouco antes do meio dia, adormecera profundamente e uma hora depois, despertando, lhe dissera: "Capitão, hoje mesmo seremos salvos; sonhei que estava a bordo de uma nau e que ela vinha em nosso socorro".³⁰

Na categoria dos chamados fatos telepáticos, podemos incluir, como um dos mais significativos, a aparição fantasmática daquele deputado inglês, em plena sessão da Câmara dos Comuns, a que não pudera comparecer, por se achar de cama, fortemente atacado de influenza. Registraram-na os grandes jornais ingleses, de onde se fez a transcrição para os Anais das Ciências Psíquicas, de junho de 1905. O *Daily News*, o *Evening News*, o *Daily Express* e *Umpire* foram os que primeiro divulgaram o acontecimento. Assim é que os seus milhões de leitores ficaram sabendo da presença de "Sir" Carne Rachse no plenário daquela casa legislativa, em Espírito, fato que é garantido pelos depoimentos de outros parlamentares, sendo que um deles, "Sir" Arthur Hayter, no jornal *Umpire*, de 14 de maio de 1905, contou-o em resumo, da seguinte maneira:

"Era meu desejo tomar parte no debate, mas esqueceram-se de chamar-me. Dirigindo-me para a minha cadeira, meus olhos deram com "Sir" Carne Rachse. sentado perto do lugar que habitualmente ocupava. Sabendo eu que ele estivera doente, fiz-lhe um gesto amistoso, dizendo-lhe: "Desejo que esteja melhor. Mas não obtive nenhum sinal de resposta, o que me espantou. Achei-o muito pálido. Estava assentado, tranquilo, apoiado em uma das mãos. A expressão da fisionomia era impassível e dura. Detive-me um instante refletindo sobre o que convinha fazer: quando me voltei de novo para "Sir" Carne, ele desaparecera'. Pus-me incontinenti à sua procura, contando encontrá-lo no vestíbulo. Lá não se achava. Ninguém o vira."

E o jornal acrescenta:

"O próprio "Sir" Carne não duvida de que tenha realmente aparecido na Câmara, sob forma do duplo, preocupado como estava com a ideia de comparecer à sessão para dar o seu voto ao governo."³¹

³⁰ (3) Gabriel Delanne, *O Espiritismo Perante a Ciência*, quarta parte. cap. II; Alexandre Aksakof. *Animismo e Espiritismo*, pág. 569; Dr. José Lapponi, ob. cit., pág. 173.

³¹ (4) Léon Denis, *O Além e a Sobrevivência*, pág. 23; e *O Problema do Ser, do Destino e*

Um dos melhores biógrafos do malogrado presidente Abraham Lincoln, o Sr. Cari Sandburg, num livro excelente em que retrata a vida desse famoso estadista americano, brutalmente assassinado em abril de **1865**, se refere ao episódio da dupla imagem que ele vira num espelho. Escreve Sandburg:

"Era em **1860**. Uma das faces brilhava de animação e de vida: a outra, dir-se-ia de um fantasma. Que o mistério tinha a sua significação era para Lincoln claríssimo: a primeira imagem correspondia a uma passagem segura do seu primeiro período como Presidente da República; a segunda queria dizer que o seu segundo período seria interrompido, em meio, pela morte."³²

E foi o que se deu pela maneira trágica como conhecemos.

Outro caso de exteriorização, apreciável por seu valor histórico, é colhido em uma obra de Tácito, por Allan Kardec, e diz respeito à visão que tivera o imperador Vespasiano, em Alexandria, quando no interior do templo, a portas fechadas, atento ao que ia dizer o oráculo sobre as coisas do império. Justamente nessa ocasião Vespasiano percebeu por detrás de si, um dos mais eminentes egípcios, chamado Basilídio, que ele sabia estar doente em localidade longínqua. "Inquiriu dos sacerdotes se Basilídio viera naquele dia ao templo; inquiriu dos transeuntes se o tinham visto na cidade; por fim, despachou alguns homens a cavalo, para saberem de Basilídio e veio a certificar-se de que, no momento em que este lhe aparecera, estava a oitenta milhas de distância. Desde então, não mais duvidou de que tivesse sido sobrenatural a visão, e o nome de Brasilídio ficou valendo por um oráculo."³³

No ano de **1861** apareceu na Europa uma obra alemã, de autoria do Dr. Maximiliano Perty, professor da Universidade de Berne, intitulada: Os Fenômenos Místicos da Vida Humana, na qual o escritor relata um sem número de casos de aparições de pessoas vivas. O codificador do Espiritismo coligiu na obra de Perty os exemplos mais notáveis, que podemos ler em Obras Póstumas sob a rubrica: "Dos homens duplos e aparições de pessoas vivas", acrescidos das explicações teóricas que elucidam devidamente aqueles fenômenos. Ainda outros, que foram constatados diretamente por Allan Kardec, integram o capítulo VII de O Livro dos Médiuns.

É de notar que em todos os casos que até aqui temos apreciado, salientando a insubsistência das concepções antlespirituais, sempre é o perispírito que desempenha o papel de Intermediário nas manifestações visuais do princípio inteligente. O corpo mortal, durante os intervalos da emancipação da alma, quer esteja adormecido ou vígil, invariavelmente conserva-se algures.

Por maneira que os fenômenos de traslação, deslocando o indivíduo de um ponto

da Dor, pág. **104**; Camilíe Flammarion, A Morte e os seus Mistérios, t. II, pág. **60**.

³² (5) Ver Seleções do Readers Digest, janeiro de **1944**, págs. **96** e seguintes, onde se resumiram os episódios finais do livro Abraham Lincoln, por Cari Sandburg.

³³ (6) Allan Kardec, O Livro dos Médiuns, cap. VII. n.º **120**.

para outro, embora sejam raríssimos, porém não menos reais que aqueles, tocam as raias do inacreditável, como os de transfiguração, que também a seu tempo abordaremos.

Apolônio de Tiana, depondo em Roma perante Domiciano, desaparece do tribunal que o ia julgar, surgindo na ilha Calipso, na Grécia; de outra vez é trasladado subitamente de Smyrna a Éfeso.

No começo do nosso século, os irmãos Pansini, na Itália, assombraram o mundo científico com o seu incrível dom medianímico. Com eles o singular fenômeno da trasladação ocorria com frequência. Desapareciam e apareciam em lugares diferentes e distantes, ao mesmo tempo, chegando a se constatar a presença deles em duas paragens remotas, no mesmo dia. O Dr. José Lapponi, que foi médico dos papas Leão XIII e Pio X, dedica algumas páginas do seu livro *Hipnotismo e Espiritismo* ao caso dos irmãos Pansini.

A Bíblia Sagrada, onde todos os fenômenos do Espiritismo se encontram abundantemente registrados, dá também notícia de fatos análogos.

O profeta Ezequiel é transportado de um lugar para outro; o mesmo se dá com Eliseu. Felipe é arrebatado de Gaza para Azoto, ficando só e estupefacto o cidadão etíope com quem ele se ajuntara no caminho.³⁴

Dirão que são coisas de lenda, que tudo isso exorbita do possível. Nós afirmamos que é real e que não há nada impossível de ser explicado, senão que padecemos de insuficiência de conhecimento para explicar tudo o que fere os nossos sentidos. O homem que se destrone do seu orgulho e reconheça, como Allan Kardec, que a Natureza não nos revelou ainda todas as suas leis.

— VIII —

A concepção teológica da alma induz à descrença e ao obscurantismo — O perispírito, suas propriedades e sua função — Os fenômenos sonambúlicos — Comentários do Codificador do Espiritismo sobre a dupla vista ou visão à distância — Apolônio de Tiana — Swedenborg — Nostradamus — A prova da independência da alma pelos sonhos.

Enquanto o homem se perde nas sutilezas de uma metafísica abstrata e ininteligível, em busca das causas da nossa existência moral, Deus cotidianamente nos põe sob os olhos e ao alcance das mãos os mais simples e patentes meios de estudarmos a psicologia experimental.

ALLAN KARDEC

Ao mais modesto investigador das questões que vimos esmerilhando nestes escritos, um fato para logo reponta e causa estranheza: é precisamente o de que todas as religiões e seitas que se firmam no principio da existência e sobrevivência

³⁴(7) Sax Rohmer, *O Romance da Feitiçaria*, pág. 85; A. Coste, *Fenômenos Psíquicos Ocultos*, pág. 5; José Lapponi, ob. cit, págs. 153 e seguintes; Bíblia, Ezequiel, 3: 14-15; Atos, 8: 39.

do ser, quanto à sua forma e condição póstuma, nada ensinam com fundamento que a nossa razão possa aceitar. O que elas se esforçam por inculcar como verdades, por si mesmo subtrai-se a aceitação. Sua hermenêutica não se impõe pela nitidez; incongruente e confusa, traduz bem o intento clericalista de ensinar ao povo somente aquilo que o possa distanciar da verdade, ou que o próprio clero na realidade não sabe explicar. Atreito às instruções dos velhos compêndios teológicos, ninguém ficará sabendo como se vive depois da morte e nem mesmo o que se é.

Fica-se na total ignorância do assunto. Logo, não serão as igrejas, com seus dogmas e suas inibições, que eliminarão as causas de descrença e obscurantismo, como muito ingenuamente pensam.

É necessário dar asas ao pensamento. O povo precisa compreender para crer. Muito importa levar às massas o ensino ético de uma religião filosófica que, numa linguagem adogmática, possa fazer penetrar as verdades espirituais em todos os entendimentos.

O Espiritismo não diferiria das religiões populares — aliás fadadas a desaparecer com o progresso das luzes — se ficasse no terreno da verbiagem metafísica e das teorias improváveis. Por isso é evidente o antagonismo entre ele e a velha pedagogia ortodoxa das igrejas.

Ora, em outra parte já tivemos ocasião de falar acerca do perispírito, mas o fizemos em termos muito lacônicos. É chegado agora o momento de examinarmos o assunto com mais cuidado, por maneira a diluir as brumas teológicas que obscurecem a personalidade psíquica, ou mal permitem entrevê-la, ainda assim, como uma entidade abstrata e sem forma.

Em todos os tempos, faz notar Gustave Geley, uma objeção se opôs ao espiritualismo, relativamente à dificuldade de co- ceber a própria alma sem forma alguma definida. Tal réplica à noção de perispírito suprimiu. Sem esse mediador plástico, como o denomina o filósofo Cudworth, o caminho naturalmente continuaria aberto à descrença e à negação, de vez que não menos difícil, por outro lado, era imaginar uma entidade puramente espiritual; quer dizer, sem contacto e sem analogia com a matéria.

A corporeidade da alma, ou o seu envoltório fluidico, induz, *ipso facto*, a considerá-la inseparavelmente unida a uma substância material, mas de natureza sutil e etérea que normalmente escapa aos nossos sentidos.

Reveste-se, portanto, a Psiché, de uma forma que a limita e circunscreve; e essa imagem, vaporosa, imponderável, mas que a própria alma, por ação voluntária, torna visível e tangível, tal como nas experiências de materialização, guarda, com absoluta fidelidade, o mesmo aspecto e todos os caracteres distintivos do tipo humano que ela animou durante a vida terrestre, ou a que se conserva ainda ligada até a morte.

Tal é o que nós designamos por perispírito e os espiritualistas chamam corpo

astral; São Paulo chamava simplesmente corpo espiritual, como se vê na sua primeira epístola aos co-ríntios.

O perispírito, escreve um reputado autor, é um foco de energias criadoras. A força magnética, por certos homens projetada em abundância, e que pode, de perto ou de longe, fazer sentir sua influência, aliviar, curar, é uma de suas propriedades. Nele tem sua sede a força psíquica indispensável à produção dos fenômenos espíritas. Para todos que têm estudado demoradamente o assunto, e particularmente para o meticoloso pesquisador Gabriel Delanne, é este princípio intermediário entre o Espírito e a matéria que individualiza a alma, conforme vimos nas descrições antecedentes em que ela estadeou seus vastos poderes através dos fenômenos de desdobramento.

Nossas sensações, impressões, fatos da nossa vida de relação, todas as imagens e lembranças se gravam no perispírito e nele ficam registradas. O tempo não as apaga. Durante a encarnação, no estado ordinário, o ser psíquico tem as suas vibrações reduzidas sob a pressão da carne; mas essas vibrações, explica Léon Denis, "readquirem sua amplitude logo que o Espírito se desprende da matéria e reassume a liberdade. Sob a intensidade dessas vibrações as impressões acumuladas no perispírito ressurgem. Quanto mais completo é o desprendimento, mais se dilata o campo da memória; as mais remotas lembranças reaparecem. O indivíduo pode reviver suas passadas vidas; assim temos verificado várias vezes em nossas experiências, declara aquele filósofo. Pessoas imersas, por uma influência oculta, no estado sonambúlio, reproduziam os sentimentos, as ideias, os atos deslembados de sua existência atual, de sua primeira juventude; reviviam mesmo cenas de suas anteriores existências, com a linguagem, as atitudes, as opiniões da época e do meio."³⁵

Se os documentos que temos apresentado e a argumentação que desenvolvemos acaso não tiveram a força de lançar no Espírito do leitor, porventura incrédulo, que nos vem acompanhando até aqui, a convicção, referentemente à existência da centelha divina que nos confere o dom da imortalidade, era o caso de o convidarmos a observar os resultados a que se chega por meio do sonambulismo.

Este existe de duas espécies: natural e magnético. A diferença que distingue o sonambulismo natural do sonambulismo magnético é que aquele sobrevém espontaneamente e independe de qualquer causa exterior conhecida; este último é provocado, usando de processos artificiais aquele que o quer produzir.

São por demais conhecidos e comentados os casos de pessoas que, dormindo, se levantam do leito e desenvolvem qualquer ação. inteligente, sem que disso tenham conhecimento ao despertarem. Outras há que sonham, falando alto, podendo até sustentar, por algum tempo, uma conversação com alguém que esteja acordado, desde que este consiga penetrar o objeto de sua preocupação e interpor-se ao

³⁵(1) Léon Denis, No Invisível, pág. 49.

interlocutor ideal do sonho. O escritor: Gabriel Delanne resume um episódio sumamente interessante, que ele foi colher na Enciclopédia Francesa. O protagonista é um certo abade, que se levantava todas as noites e se encaminhava à sua secretaria, onde ficava longo tempo redigindo sermões, e depois voltava a se deitar. As homilias que aquele ciérigo compunha, dormindo, primavam, sobretudo, pelo estilo, pois o jovém sonâmbulo levava o seu apuro ao ponto de retocar, com muito acerto, algumas partes da redação que lhe não agradavam, escrevendo por cima as correções.

Vejam agora este outro exemplo de sonambulismo natural, dado à publicidade pelo Professor Soave, que ensinava filor sofia e história natural na Universidade de Pádua, Itália:

"Um farmacêutico de Pavia — escreve ele — sábio químico a quem se devem descobertas importantes, ievan- tava-se todas as noites, durante o sono, e ia para o laboratório retomar seus trabalhos não acabados. Acendia fornalhas, colocava alambiques, retortas, vasos, etc. e prosseguia suas experiências com uma prudência, com uma agilidade que talvez não tivesse quando despertado; manejava as substâncias as mais perigosas, os venenos os mais violentos, sem que lhe acontecesse nunca o menor acidente. Quando carecia de tempo para preparar durante o dia as receitas que lhe mandavam os médicos, ia buscá-las nas gavetas onde as guardava, as abria, as colocava umas sobre outras na mesa, e procedia aq seu preparo com todo o cuidado e com todas as precauções desejáveis."³⁶

Não esqueçamos a advertência do Professor Soave de que o sonâmbulo tinha constantemente os olhos cerrados pelo espaço de tempo em que executava o seu trabalho escrupuloso, findo o qual apagava as fornalhas, punha em ordem os objetos deslocados e voltava à cama, onde permanecia tranquilo até o despertar na manhã seguinte.

Fora desse largo campo de investigações científicas, pode- -se asseverar que os problemas da psicologia experimental permanecerão insolúveis por toda a vida. Para o Espiritismo, diz o seu preclaro Codificador, o sonambulismo é mais do que um fenômeno psicológico, é uma luz projetada sobre a psicologia. É aí que se pode estudar a alma, porque é onde ela se mostra a descoberto. Ora, um dos fenômenos que a caracterizam, sem dúvida alguma, é o da clarividência independente dos órgãos ordinários da vista.

I Pelos órgãos do corporal escreve Kardec em outra parte — a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas e limitadas a percepção das coisas materiais; pelo sentido espiritual, ou psíquico, elas se generalizam; o Espírito vê, ouve e sente por todo o seu ser. tudo o que se encontra na esfera de irradiação do seu fluido perispi- rítico."

"No homem, tais fenômenos constituem manifestações da vida espiritual; é a

³⁶(2) Gabriel Delanne, O Espiritismo Perante a Ciência, parte segunda, cap. II.

alma a atuar fora do organismo. Na dupla vista, ou percepção pelo sentido psíquico, ele não vê com os olhos do corpo, embora muitas vezes, por hábito, dirija o olhar para o ponto que lhe chama a atenção. Vê com os olhos da alma, e a prova está em que vê perfeitamente bem com os olhos fechados e vê o que está muito além do alcance do raio visual.^H

⁴No caso da visão à distância — é ainda o mestre quem fala o sonâmbulo não vê as coisas de onde está o seu corpo, como por meio de um telescópio. Vê-as presentes, como se se achasse no lugar onde elas existem, porque sua alma, em realidade, lá está. Por isso é que seu corpo fica como que aniquilado e privado de sensações, até que a alma volte a habitá-lo novamente. Essa separação parcial da alma e do corpo constitui um estado anormal, suscetível de duração mais ou menos longa, porém não indefinida. Daí a fadiga que o corpo experimenta após certo tempo, mormente quando aquela se entrega a um trabalho ativo.³⁷

Bem certo é que, diante das provas esmagadoras que o sonambulismo oferece da existência da alma espiritual, através de suas manifestações exteriores, torna-se uma evidente insensatez a concepção niilista de que tudo no homem se acaba quando os seus olhos se fecham para sempre.

A dupla vista não é uma faculdade invariável, igual em todos os indivíduos que a possuem. Ela se mostra em graus diversos. Em certas pessoas apenas se manifesta por meio de uma certa agudeza de espírito, uma singular perspicácia que facilmente se observa e admira, e a que chamaremos o senso da previdência; em outras se faz patente pelos pressentimentos, que são instituições de sucessos ulteriores que mais tarde se confirmam. Quando a dupla vista se desenvolve ao mais alto grau e atinge ao seu máximo poder, o portador desse dom admirável vê e descreve acontecimentos que estão para dar-se ou se estão verificando no mesmo instante a considerável longitude.

Assim se explicam as visões de Apolônio de Tiana e de outros iluminados, em todos os tempos.

Encontrava-se Apolônio em Éfeso, na Ásia Menor, falando ao povo que o cercava, ansioso de instruir-se na sua sabedoria. De súbito, eis-lo que interrompe a peroração e, de olhos esbugalhados, dá dois passos frente e se põe a gritar: "Mata, Stefanos! Mata o tirano!"

Toda a multidão emudeceu de assombro, ao passo que o taumaturgo, detendo-se um pouco a fixar os efésios:

— Ganhai coragem, porque o tirano foi morto hoje mesmo. Por Minerva, neste mesmo momento em que falo!

E na verdade a notícia não tardou a vir de Roma, cientificando o dia e a hora em que o sábio tianeu vira cair o imperador Domiciano trepassado pelo punhal de um

³⁷(3) Allan Kardec, *A Gênese*, cap. XIV, n.º 22; *O Livro dos Espíritos*, cap. VIII, comentário à questão 455.

liberto.³⁸

Swedenborg, grande sábio, filósofo e escritor do século XVIII — o precursor do Espiritismo na Escandinávia, segundo o Dr. Laponni — foi, a seu turno, um dos mais extraordinários extáticos de todos os tempos. Por meio de seus transportes espirituais, viva- ele quase em permanente comunhão com o mundo astral, e dentre as suas numerosas predições inclui-se a da sua própria morte.³⁹

A **10** de julho de **1756**, de volta duma viagem através da Inglaterra, Swedenborg desembarcara em Gottenborg, cidade sueca, distantç de Estocolmo cerca de **200** quilômetros. Havendo saído de casa, à noitinha, daí a pouco Swedenborg voltou, pálido e consternado, anunciando que naquela hora tinha irrompido um incêndio em Estocolmo, na rua em que ele morava, e, finalmente, descreveu todos os efeitos da catástrofe até quando foi extinta. Toda a cidade se comoveu com a notícia, e chegou a ficar atônita, ao receber "dois dias depois o correio real de Estocolmo com a relação do incêndio, a qual concordava plenamente com a descrição feita por Swedenborg."⁴⁰

De Michel de Notre Dame, mais conhecido por Nostradamus, relatam-se acontecimentos curiosos atribuídos ao seu dom profético. Conta-se, por exemplo, que ele, vendo passar uma criança, o príncipe de Bearn, predisse a ascensão dele ao trono de França ná pessoa de Henrique IV; e a elevação do monge franciscano Feliz Peretti ao papado, o que realmente se deu em **1585**, passando dessa data em diante a ser o Papa Sixto V.⁴¹ Em **1610** a arma assassina de um fanático, Francisco de Ra- vaiillac, punha por terra aquele mesmo Henrique IV, numa rua de Paris. Exatamente às **4** horas da tarde, quando a tragédia se consumava, o preboste da cidade de Pithiviers, que jogava as cartas em sua casa, repentinamente hesita, e, imerso em profundos pensamentos, diz, solenemente, aos circunstantes: "Acabam de assassinar o rei!" Pudera estar o vidente delirando!⁴² Tais são as maravilhas da lucidez sonambúlica e da dupla visão. Tais são os fatos que estamos adicionando

³⁸(4) Padre Alta, O Cristianismo do Cristo e o dos seus Vigários, pág. **218**, edição de **1939**; Dr. José Laponni, ob. cit., pág. **164**; Dr. Albert Cost, Fenômenos Psíquicos Ocultos, pág* **4**; Gabriel Delanne. O Espiritismo Perante a Ciência, pág. **85**, trad, de Alberto Durão Coelho, ed. Gamier. Ver também o interessante livro de Sax Rohmer. O Romance da Feitiçaria, obra assaz instrutiva, de um autor imparcial.

³⁹(5) Em fevereiro de **1771** Swedenborg escreveu a Wesley: "Informaram-me do mundo dos Espíritos, que desejas ardentemente conversar comigo. Folgaria muito de ver-vos, se me quisésseis visitar." Wesley confessou que tivera esses desejo, mas que a ninguém o confiara. E respondeu que só daí a seis meses poderia ir a Londres. Swedenborg replicou que seria muito tarde, pois que partiria para o mundo espiritual a **29** de março, o que, com efeito, aconteceu. (Ver de Epes Sargent, Bases Científicas do Espiritismo, cap. VIII, pág. **333**. (Ed. Gamier. **1906**, trad. do Marechal Francisco Raimundo Ewerton Quadros).

⁴⁰(6) Dr. José Laponni, ob. cit., pág. **169**; Dr. Albert Cost, idem, idem, pág. **8**.

⁴¹(7) Sax Rohmer, O Romance da Feitiçaria, pág. **112**, trad, de Leonel Ve- landro, ed. da Livraria do Globo — Porto Alegre, **1940**.

⁴²(8) Epes Sargent, Bases Científicas do Espiritismo, pág. **380**.

aos já enumerados em escritos anteriores e com os quais trouxemos um modesto reforço à tese da imaterialidade do Eu.

Os sonhos, por outro lado, constituem prova cabal da existência de um princípio espiritual independente, livre e ativo, a irradiar fora do corpo denso quando este jaz prostrado pelo sono. Porém os sonhos oferecem matéria longa e complexa, de que trataremos no capítulo seguinte.

— IX —

O sono e os sonhos — Sonhos ordinários, sonhos etéreos, sonhos alegóricos e sonhos proféticos — O Oniromancia na anti- guidade — Os grandes sonhos da História — Aviso em sonho da próxima morte de um poeta brasileiro -3 Os mortos vivem!

Existem para o ser humano modos de percepção e de manifestação muito diferentes do dos sentidos materiais.

LÉON DENIS

Deixemos de lado o que é redundante ou supérfluo, e vamos sem demora transmitir ao leitor o pouco que sabemos, relativamente ao assunto em pauta. Muito embora conste do sumário, a hipnologia não entra aqui como matéria especial de estudo, daí a termos agora por desnecessária.

Ademais, o sono, quem o não conhece de experiência própria importa mais que assinalemos, desde já, o erro em que incidem os corifeus da ciência materialista, no pretenderem que uma pessoa dormindo, com ela as faculdades intelectuais jazem adormecidas também.

isto não é exato. As faculdades intelectuais são peculiares ao Espírito; não carecem de repouso, porque este não dorme nem se cansa. Os órgãos cerebrais, estes sim, é que mais ou menos dormitam, visto que é através deles que as faculdades psíquicas operam no estado de vigília.

Aliás não haveria explicação para os sonhos. Pelo menos para certos sonhos.

Estes, segundo Léon Denis,⁴³ podem dividir-se em três categorias principais; o sonho ordinário — que se compõe de cenas indecisas, sem coordenação e sem nexos, refletindo quase sempre as imagens arquivadas no cérebro durante o dia, quando não resultam de uma simples repercussão de nossas disposições físicas ou de nossas preocupações morais; o sonho profundo ou etéreo — aquele em que o Espírito, completamente desprendido da carne, percorre a imensidade e entra em comunhão com os seres superiores e com seus guias espirituais, numa permuta de pensamentos e desígnios, cujas impressões, todavia, raramente afetam o cérebro físico, em virtude de sua impotência vibratória, mas se gravam na consciência e os seus vestígios se traduzem sob a forma de intuições, de pressentimentos, a influir em nossos atos e na direção da nossa vida; o sonho alegórico — pelo qual, debaixo

⁴³(1) No Invisível, segunda parte.

de uma forma figurada, ou simbólica, um esclarecimento nos é ministrado do Alto e de alguma coisa somos advertidos.

Ilustremos esta última espécie de sonho com um que tivéramos, em época remota, quando eu e minha consorte nos achávamos seriamente preocupados e tristes por causa de uma doença grave que acometera a nossa primogênita. O estado da menina era quase desesperador, a ponto de só pensarmos no desenlace a qualquer momento. Inerte e lívida, o corpinho todo inchado, era com as lágrimas a nos afluírem aos olhos que a contemplávamos no leito. Certa manhã, contudo, despertei reanimado e até meio alegre, graças a um sonho que tivera e que me deixara a intuição de que a nossa filhinha recobriria a saúde. Eu achara-me a bordo de uma pequena embarcação, em alto mar, e esta era sacudida, impetuosamente, por tremenda borrasca que a colocara em iminente perigo de ir ao fundo. Todos os que nela estávamos fazíamos esforços inauditos por contornar a catástrofe, e numa porfia gigantesca, passamos longo tempo a enfrentar a morte, transidos de um pavor que nos gelava o sangue. Ao fim, raiou a esperança: o temporal amainou, as ondas marinhas diminuíram a sua agitação e a frágil nau safou-se do risco de submergir com os seus tripulantes. Desperto, não me fora difícil compreender o simbolismo do sonho, por isso que, ao narrá-lo, manhãzinha, à companheira, afirmei, enfaticamente, que a nossa enferma se salvaria daquela doença. E o interessante é que um remédio simples, barato, preparado por um farmacêutico da cidade, punha a menina boa, dentro de alguns dias!

Às três categorias acima referidas por Denis, devemos acrescentar uma outra, em que inscreveremos os sonhos proféticos ou premonitórios. São estes, incontestavelmente, os mais extraordinários e significativos, tão verídicos e reais, que muitos ocupam lugar de relevo nas páginas da História.

Antes, porém, de citá-los, recuemos ao passado e vejamos que atenção mereciam os sonhos por parte dos antigos.

Os gregos reconheciam-nos de duas espécies: o sonho comum, oriundo de uma causa física, a que chamavam *onar*; e o sonho repar, de origem psíquica.⁴⁴

Essa distinção que os gregos faziam deixa perceber que eles não acreditavam nas alucinações hipnogógicas, isto é, nessas visões incoerentes e fugidias que soem se produzir logo que as pálpebras se cerram... O que tinham em alta conta eram os sonhos lúcidos, profundos, portadores de revelações e mensagens espirituais. Com o intuito de instruir o povo, ensinando-o a decifrá-los e extrair-lhes a sabedoria, na velha Hélade os *fo-liculários* compunham e faziam circular profusamente manuais sobre sonhos, existindo, como um corolário dessa literatura, uma classe respeitável, a dos especialistas na interpretação onírica, a servirem os seus clientes mediante certa paga.

Na Caldeia, a Oniromancia era bastante cultivada, assim como o era entre os

“(2) Léon Denis, *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, pág. 87, (nota à margem).

romanos e os egípcios, constituindo, tanto quanto para todos os povos antigos, a forma mais usada de adivinhação.⁴⁵

Colho de um escritor moderno, de nacionalidade americana, os períodos seguintes:

"Existiam muitos relicários no antigo Egito, nos quais os crentes procuravam obter a revelação dos deuses. Era costume dos fieis rezar ao deus que em sonhos lhes aparecesse. O ritual se compunha da seguinte oração: "Sois vós que efetuais os milagres e sois benevolentes em todas as vossas ações; criastes a magia, os céus e a terra, e podeis conceder-me os meios de salvamento." Depois desta invocação, o consultante dormia no templo, até que um sonho lhe fizesse a revelação fiel do que desejava. A história registra que esses sonhos não eram simbólicos, não precisavam de intérpretes, eram claros e simples. O próprio sonhador podia logo entendê-los..."⁴⁶

Ninguém mais do que os hebreus acreditava nos presságios dos sonhos. Tanto assim que a Bíblia os consigna em larga cópia, fazendo-nos saber, ao mesmo tempo, que era esse, nas épocas recuadas, um dos meios de que se serviam os Espíritos para entreter o seu comércio com os homens. Muitos daqueles personagens bíblicos grangearam celebridade e imenso prestígio, mercê da sua perícia na arte de traduzir e explicar o misterioso simbolismo dos sonhos. Um mancebo, por nome José, repentinamente viu-se guindado por Faraó a uma situação privilegiada, por ter interpretado o sonho do copeiro, do padeiro, e, depois, o do próprio rei.⁴⁷ Por sua vez o profeta Daniel chegou a ter diante de si, em atitude de submissa adoração, o poderoso Nabucodonosor! Este soberano em seguida concedeu-lhe o governo de Babilônia, em recompensa por lhe ter feito Daniel a elucidação de um sonho alegórico que não pudera ser desvendado por nenhum dos magos, astrólogos e encantadores que o monarca fizera vir à sua presença.⁴⁸ Lê-se no Novo Testamento que, tendo José em mente separar-se de Maria, por causa de gravidez prematura, visto não haver ainda coabitado com ela, um anjo lhe apareceu enquanto dormia, persuadindo-o de que o caso não era para sobressalto e nem trazia infamação à sua honra. Mais tarde, já depois do nascimento de Jesus, volta, de novo, em sonho, o mesmo Espírito a prevenir a José que fugisse para o Egito, a fim de escapar à ira de Herodes. Morto o tetrarca, em data posterior ao massacre das crianças que ele ordenara, pela terceira vez o solícito mensageiro

⁴⁵ (3) A. Lobo Vilela, *O Destino Humano*, pág. 26 (edição "Inquérito", 1941).

⁴⁶ (4) Brewton Berry, *Você e Suas Superstições*, pág. 159 (Edit. Universitária Ltda., São Paulo, 1945).

O livro deste escritor fornece importantes conhecimentos históricos, mormente no capítulo em que ele trata de Diabos e Feiticeiros. Pena é que o Sr. Brewton Berry tenha renunciado a uma crítica circunspecta do assunto e admita que tudo o que se conhece sob o nome de Magia ou Ocultismo não passa de grosseiras superstições

⁴⁷ (5) Bíblia — *Gênesis*, caps. 40-41.

⁴⁸ (6) Idem, — *Daniel*, cap. II.

espiritual entra em comunicação onírica com o esposo de Maria, anunciando a cessação do perigo e ordenando o seu regresso a Belém.⁴⁹

Sem dúvida fora insânia atirar todos os sonhos para o rol das superstições e credices populares. Por eles muitas coisas têm sido reveladas aos homens, grandes verdades ihes têm vindo ao conhecimento.

Cláudio Galeno, famoso médico grego dq II século, confessava que os seus sonhos eram-lhe úteis nos diagnósticos das doenças de seus clientes e no preparo de suas receitas.⁵⁰

Sabe-se que Voltaire, sonhando, compôs um canto completo da sua Henriáde.

Os cultores da boa música conhecem uma sonata de José Tartini, em que há um trecho denominado Trillo dei Diavolo. Como foi escrito nem todos o sabem. O exímio violinista e compositor adormecera, depois de ter-se extenuado em vão esforço por terminar a sua obra. Sonha então e se vê prosseguindo, inutilmente, no trabalho que não lograra concluir. Nisto aparece- -Ihe um Espírito, travestido de Satã, e ao artista se propõe, em troca da sua alma, a concluir a sonata. Selado o estranho pacto, o suposto Belzebu executa ao violino o lindo trecho musical, e é nessa ocasião que Tartini desperta e pula da cama, indo escrevê-lo, celeremente, de um jato!⁵¹

Um próspero negociante baiano, a quem fôramos apresentado, falou-nos textualmente: "O que possuo não devo, por assim dizer, ao trabalho, à inteligência ou à esperteza; devo-o quase que exclusivamente aos sonhos. E contou-nos longamente curió- síssimos casos em que, dormindo, é sempre prevenido acerca da cotação dos produtos do seu comércio, conseguindo, desta maneira, lucros abundantes e certos nos negócios.

Exemplos, contudo, mais eioquentes, oferta-nos a História e aqui não nos furtaremos de apresentar alguns.

Cícero (De Divinatione, **1, 27**) refere que Simonides salvara-se de um naufrágio devido a um sonho que tivera, com um homem que ele encontrara morto e a quem prestara as derradeiras homenagens, sepultando-o. Dormindo, apareceu-lhe o falecido e o aconselha a não viajar no navio a partir para Delos, onde já tinha comprado passagem, porque a embarcação iria a pique. Simonides ficou em terra e soube, dias depois, que o navio havia afundado, perecendo toda a tripulação e os passageiros.⁵²

O mesmo escritor e também Plutarco (Vida de Júlio César) relatam que Calpúrnia, mulher de César, antes do assassinio deste, sonhara que a estátua do imperador vertia sangue, e, na véspera da tragédia, numa visão onírica,

⁴⁹ (7) Idem, — Mateus. **1:19-20; 2:13; 2:19-2Q.**

⁵⁰ (8) Brewton Berry, obra retrocitada; A. Lobo Vilela, idem, idem, p. **28.**

⁵¹ (9) Camille Flammarion, O Desconhecido e os Problemas Psíquicos, p. **378.**

⁵² (10) Ver Léon Denis, No Invisível, pág. **163, 4.*** edição; idem. Martins Velho. O Espiritismo Contemporâneo, pág. **47.**

presenciara o marido tombar aos golpes do punhal de Brutus, pelo que fez todo o possível para dissuadi-lo de ir naquele dia ao Senado.

Num sonho nítido, de uma vivacidade impressionante, tivera Abraham Lincoln o prenúncio de sua morte. Eis como o inolvidável chefe de Estado americano o descreve, segundo a versão de Hill Lamon, que era o encarregado principal da segurança pessoal do Presidente, privando de sua mais estreita intimidade:

"Aqui há uns dez dias — fala Lincoln — fui-me deitar muito tarde, e comecei logo a sonhar. Parecia haver em torno de mim uma quietude de morte. Ouvi em seguida soluços abafados, como se estivesse por ali muita gente a chorar. Senti então que me levantava da cama, e, descendo as escadas, safa a vagar pela casa. Fui assim de sala em sala. Em todas elas havia luzes acesas. Tudo, porém, deserto. Os objetos me eram familiares; mas de onde viria aquele choro, que parecia de corações a rebentar de aflição? Entrei, afinal, no salão Este. Aí me esperava desagradável surpresa. VI diante de mim um catafalco, e sobre este um cadáver, envolvido em trajes fúnebres. Em torno, soldados a postos e povo, uns em lamentações ao pé do morto, cuja face estava coberta, outros a chorar de fazer pena. "Quem morreu na Casa Branca?" — perguntei a um dos soldados. "O Presidente — respondeu o homem—, foi assassinado!" A essa altura, os lamentos da multidão se fizeram ouvir tão alto, que despertei com o ruído. Não pude mais conciliar o sono; e, embora se trate de um sonho, confesso que tenho estado, desde então, aborrecido com o caso."⁵³

Note-se que não nos estamos esforçando por incutir no Espírito do leitor a crença na realidade dos sonhos. Tão-somente com esses exemplos para aqui transportados, quisemos ilustrar e erguer a melhor conceito uma verdade de todos os tempos, que nunca pôde ser razoavelmente impugnada. Podemos encará-la como uma premissa, da qual partimos para um resultado, que é, incontestavelmente, a Alma. Entram em repouso as células do nosso corpo, os membros todos se relaxam, os olhos fecham-se, obscurecem-se as atividades sensoriais, e, não obstante, — sentimos, vemos, ouvimos, gozamos e sofremos; todas as emoções, enfim, experimentamos, sem o auxílio dos sentidos materiais. Nisto é que a independência do Ser se torna palpável.

Mas não olvidaremos outro testemunho, com que remataremos este estudo, testemunho que sobrepaira a qualquer dúvida, por ser de ontem, e pela honradez dos nomes que o subscrevem. Além do mais, está contido em uma missiva, redigida do próprio punho pelo percipiente do fato, o saudoso poeta Aníbal Teófilo, sacrificado a tiros, em junho de **1915**, na capital do País. O jornalista Leal de Sousa, numa conferência que pronunciou a **21** de setembro de **1924**, no Rio de

⁵³ (11) Ver *Seleções do Readers Digest*, janeiro de **1944**, onde se reproduzem partes da obra de Cari Sandburg, sobre Lincoln. Consultar também *A Morte de Lincoln*, de Clara E. L'oughlin, que descreve, de maneira idêntica, o sonho fatídico do malogrado estadista.

Janeiro, reviveu o lutuoso acontecimento, mencionando alguns pormenores e antecedentes que a ele ficaram ligados.

Conta o conferencista que Aníbal, certa manhã, surgira em sua casa e confessou que se sentia enfermo, antevendo o próximo fim. Queria, pois, expressar-lhe suas últimas vontades. Leal de Sousa percebeu que o poeta não tinha nenhuma doença, e isto se confirmou daí a pouco, quando o fez examinar por um médico. E escreve à página 16 do folheto que enfeixa a sua conferência:

^MA explicação de sua visita, quando foi constituir-me em depositário de suas vontades extremas, tivemo-la, após o seu trespasse, em carta endereçada a uma pessoa residente em São Paulo e hoje guardado, o documento, por Gregório da Fonseca. Nessa missiva descrevia Aníbal um sonho que tivera:

"Era noite cerrada, de espessa treva. Caminhando ao longo da muralha do cais da Glória, Aníbal ouviu um barulho de remos batendo na água e, parando, viu encostar-se ao paredão um bote negro, de onde saltaram marinheiros vestidos de negro, que o cercaram.

"— Tens medo? perguntou-lhe um deles.

— Não! B- respondeu-lhe Anibal.

'— Vem conosco.

"— Embarcando no bote funéreo, Aníbal, com os marinheiros enlutados, atravessou, sobre as águas cheias de sombras, o silêncio escuro da noite, e longe, no meio da Guanabara trevosa, passou-se para um navio inteiramente negro, a cujo lado, junto à escada, encostara o bote. Ao percorrer o interior desse navio funerário, Aníbal constatou, com surpresa, que os seus camarotes e beliches eram túmulos com epitáfios e lendo, numa lápide, o nome de seu pai, abriu-a. Apareceu-lhe, então, a amada figura paterna, que lhe disse:

"— Meu filho, está próxima, muito próxima, a tua última hora. Fiz quanto me foi possível para salvar-te, mas nada consegui. Vai e prepara-te para morrer."

"Disse e desapareceu. Aníbal, afastando-se desse camarote, qu sarcófago, regressou no mesmo bote à terra, onde o deixaram os marinheiros misteriosos. Então despertou."

Meditemos, amigo leitor, na palpitante realidade deste sonho premonitório, mas atentemos, particularmente, na expressão lamentosa de um pai morto ao filho dileto, prestes a ser fulminado por balas assassinas: "Fiz quanto me foi possível para salva r-te, mas nada consegui."

Palavras são estas que nos dão a consoladora esperança, ou melhor, a esplêndida CERTEZA de que a vida além da morte continua. Sim, nossos amigos, nossos parentes, que nos antecederam na indefectível partida para o mundo espiritual, lá se encontram, mais vivos do que nunca, a velar por nós, a receber-nos e permutar conosco o seu afeto e os seus pensamentos, por muitos modos, inclusive, de maneira mais direta — pelos sonhos.

— X —

A crença remota na existência da Alma — Universalidade da ideia religiosa — O que é a morte — Uma alegoria do Mahabarata — O fenômeno psíquico e fisiológico da morte descrito por famosos médiuns clarividentes — No pórtico da vida espiritual.

A despeito das inumeráveis religiões, ainda no coração dos que as aceitam e praticam subsiste uma considerável dose de dúvida quanto à sobrevivência depois da morte.

BRADLEY

Vem de longe, remonta às mais afastadas eras, a crença do homem numa outra forma de vida subsequente aos anos que passamos sobre a terra. Essa crença sempre foi o alento de todos os anseios de imortalidade, mesmo antes de se esboçar na mente humana a ideia de uma habilitação celeste... As mais antigas gerações, escreve Fustel de Coulanges, sem que ainda existissem filósofos, acreditaram numa segunda existência depois desta. Encaravam a morte, não como dissolução do ser, mas como simples mudança de vida para melhor.⁵⁴

Um povo de saduceus parece que nunca habitou o nosso globo, em tempo algum. Will Durant, que para compor o primeiro tomo da sua História da Civilização, teve que resolver todo o passado e fixar, com visão de arqueólogo, os costumes e as tendências de nossos remotíssimos ancestrais, não esconde uma certa hesitação quando alude a alguns povos que ele julga tenham sido os primitivos ateus. Encontrar-se-iam, pois, entre os componentes das tribos dos pigmeus africanos *e dos anões do Camerum, os primeiros incrédulos e negadores da Divindade. Mas o historiador logo reconhece que tais casos são excepcionais, e a velha crença de que a religião é universal ele a considera substancialmente certa.

Efetivamente o conceito segundo o qual existe na criatura humana um princípio espiritual sobrevivente à destruição orgânica, é intuitivo e congênito e tem caráter de absoluta generalidade. Nenhuma sociedade ou raça admitiu jamais o corpo somático desassociado de uma alma imperecível

A morte não é, pois, senão uma mudança de forma, a transição de uma vida a outra. O ser é por si mesmo indestrutível e eterno; o que perece e se decompõe é a vestimenta carnal com que ele é obrigado a penetrar na atmosfera deste mundo.

No Mahabarata, o grande poema índico, um dos mais antigos do mundo, há uma emocionante história de amor, que ao mesmo tempo nos faz compreender o significado exato da morte. Trata-se de uma alegoria, é claro; mas toda alegoria é a representação figurada de uma realidade conhecida. Conta-se, então, que Savitri, filha do magnânimo rei Açwapati, tendo atingido a idade núbil e obtido consentimento do seu pai para escolher um esposo, encontrou o eleito do seu

⁵⁴(1) Fustel de Coulanges, A Cidade Antiga, vol. 1.º.

coração na pessoa de Satyavan, descendente de um outro monarca. Ciente da resolução de Savitri. Narada, o sábio celestial, exaltou as altas virtudes de Satyavan, vaticinando, porém, a sua morte daí a um ano, a contar daquele dia.

Casaram-se, e, eis chegado o dia fatal. Satyavan põe o machado ao ombro e parte para a floresta. Na floresta Satyavan sente a cabeça doer e todos os membros, o coração por fím. E prostrou-se. Surge, então, Yama, o Senhor da Morte, e lança-se à tarefa de extrair do corpo de Satyavan a sua alma. Desentra-nhando-a e deixando o corpo sem vida, Yama segue com ela — segue sob os clamores de Savitri, que a quer de volta aos seus despojos materiais, para que os dois esposos possam continuar a viver unidos e felizes...

A verdade, aqui, aparece fantasiada; mas, no fundo, é a mesma que emana do raciocínio dos filósofos e da visão espiritual dos sensitivos.

Aliás, o fenômeno psíquico e fisiológico da morte tem merecido a atenção de vários escritores, que o descrevem consoante a descrição feita por famosos médiuns clarividentes.

Por outro lado, não há como negar a existência de pessoas que possuem o dom especial de ver os Espíritos, e essas pessoas trazem, sem dúvida, um testemunho digno de fé quando contam o que viram no leito mortuário durante os últimos instantes de um moribundo.

Reproduzindo alguns casos desse teor, presenciados por indivíduos dotados da faculdade da dupla visão, queremos reduzir às suas proporções reais o fenômeno da morte e evidenciar que esta é apenas mudança de forma e de meio para o ser que realizou na carne uma etapa da sua evolução terrestre.

Vejam, em primeiro lugar, o que diz Mrs. Joy Snell, senhora inglesa, de educação e cultura superiores, e autora de um interessante livro — O Ministério dos Anjos. Uma reviravolta da sorte fez com que Mrs. Joy Snell se visse obrigada a ganhar a vida em serviço de enfermagem. E durante um período de vinte anos, a cuidar de doentes, ela assistiu inúmeras vezes à exteriorização do corpo etéreo à cabeceira de agonizantes, contendo o seu livro acima mencionado uma descrição *sui-ge-neris* desse transcendental fenômeno. Mas, a primeira visão desse gênero teve Mrs. Snell junto ao leito de uma de suas amigas e alguns anos antes de se dedicar à profissão de enfermeira. Dessa visão, é a segunda parte que a seguir transcrevemos:

"Encontrava-me em casa de Maggie, havia três ou quatro dias, quando uma noite foi ela acometida de crise súbita e terrível, que a fez expirar nos meus braços, antes que o médico tivesse tido tempo de chegar.

"Era o primeiro caso de morte a que assistia. Logo que o coração de Maggie cessou de bater, eu vi distintamente alguma coisa de parecido com o vapor que se desprende de uma vasilha em ebulição, elevar-se do seu corpo, parar um pouco acima dele e ir-se condensando em uma figura semelhante à de minha amiga. Esta forma, a princípio muito vaga, tomou, aos poucos, contornos mais precisos até se

tornar inconfundível.

"Estava envolvida em uma espécie de véu branco, com reflexos de pérola, sob o qual as formas ressaltavam nitidamente. A fisionomia era a da minha amiga, mais radiante e sem qualquer vestígio dos espasmos sofridos durante a rápida agonia.

"Quando mais tarde tive de fazer-me enfermeira, profissão em que permaneci durante vinte anos, tive ocasião de assistir a numerosas pessoas morrerem, podendo constantemente observar essa condensação da forma • etérea por sobre o corpo dos moribundos, forma sempre semelhante àquela de que se desprendia e que, apenas condensada, me desaparecia da vista."⁵⁵

Ernesto Bozanno, a quem tomamos esta narrativa, faz notar a concordância entre as descrições desse gênero, feitas por videntes, em diversos lugares, e desconhecidos entre si, o que prova a uniformidade do fenômeno e o quanto é merecedora de aceitação a palavra daqueles que possuem o privilégio de o constatar e descrever.

Esse autor italiano, conhecido como um dos mais eruditos em assuntos de psiquismo, alude, outrossim, a crença, nesse' sentido, dominante entre povos selvagens, e reproduz o que foi dita por um missionário que esteve na Polinésia e conviveu com os aborígenes do arquipélago de Tahiti:

"No momento da morte — escreve o citado missionário no *The Metapsychical Magazine* — pensam aqueles indígenas que a alma se retira para a cabeça, para daí sair e sofrer um longo e gradual processo de reabsorção em Deus, de que dimana... É curioso e interessante que os taitianos creiam na saída de uma substância real que tomaria a forma humana; são levados a nisto crer pelo que dizem alguns dentre eles, dotados de vidência, que afirmam que desde que o moribundo deixa de respirar, uma espécie de vapor se desprende da cabeça e se condensa a pequena distância sobre o corpo, ao qual fica ligado por meio de um cordão formado da mesma substância. Esta substância, acrescentam, aumenta consideravelmente de volume e toma os traços do corpo de que sai; quando, enfim, este se torna gelado e inerte, o cordão se dissolve e a alma, então livre, voa no meio de mensageiros invisíveis que parecem assisti-la no momento da transição."⁵⁶

Agora passemos a um outro exemplo do mesmo gênero e tenhamos em vista a riqueza de detalhes que lhe dão maior colorido. A descrição é feita por André Jackson Davis e permite melhor ajuizar acerca do processo de desagregação da alma do agonizante, — ocorrência esta que, para o corpo físico, significa morte, e para o elemento espiritual que o animava representa sua reintegração na plenitude da vida.

Queremos, antes, frisar que André Jackson Davis, de origem americana, falecido na idade de **84** anos, em **1910**, foi um dos homens mais íntegros que o

⁵⁵ (2) Ernesto Bozzano, *Metapsíquica Humana*, págs. **151-2** (tradução de Araújo Franco, edição de **1928**).

⁵⁶ (3).Ernesto Bozzano, ob. cit., págs. **153-4**.

mundo há conhecido e os seus maravilhosos dons espirituais verdadeiramente o colocaram numa posição de singular evidência.

Suas visões assemelhavam-se às que teve João, na ilha de Patmos, e às do grande Emmanuel Swedenborg, no século XVII, na Suécia.

Por isso mesmo o Rev. Haraldur Nielsson, num belo livro que escreveu, relatando as suas experiências espíritas, declara não ver razão para que se tenha por Davis menos estima do que pelos profetas do Antigo Testamento, os quais mergulhavam também no estado medianímico e eram clarividentes.⁵⁷

Realmente, Davis profetizou, em **1856**, o aparecimento dos automóveis, das máquinas de escrever e da navegação aérea, havendo, antes, em **1847**, predito o advento do Espiritismo, dizendo que mui brevemente essa verdade seria revelada e demonstrada.⁵⁸

Dez anos mais tarde, isso se deu.

A propósito de seus relatos acerca da morte, copia Haraldur Nielsson, de Davis, as suas próprias palavras em um dos livros que ele escreveu e traz o título de *A Morte e a Vida Depois da Morte*.

Diz o vidente:

"E agora quero expor-vos o que ví. Minha descrição desse fenômeno não é produto da imaginação ou da febre cerebral. Não sei se é necessário que eu observe que há **15** anos tenho o dom de ver através do corpo humano. Devo fazer notar que recolhi nestes doze últimos anos um grande ensino. Encontrei-me, muitas vezes, na cabeceira de muitos moribundos, porém a descrição do que vi, um dia, servirá para todos os outros casos."⁵⁹

Uma de suas observações específicas, cujo realismo guarda relação com as minudências, foi a que ele realizou, no momento extremo de uma senhora, de sessenta anos, a quem Davis frequentemente prestara cuidados médicos.

"Quando soou a hora da morte— começa o vidente — achava-me, felizmente, em perfeito estado de saúde, o que permitia o pleno exercício de minhas faculdades de vidente.

"Coloquei-me de modo a não ser visto ou interrompido nas minhas observações psíquicas, e pus-me a estudar os misteriosos processos da morte.

"Vi que a organização física não podia mais bastar às necessidades do princípio intelectual; diversos órgãos internos pareciam, porém, resistir à partida da alma. O sistema muscular procurava reter as forças motrizes. O sistema vascular debatia-se para reter o princípio vital; o sistema nervoso lutava quanto podia para

⁵⁷ (4) Rev. Haraldur Nielsson, *Minhas Experiências Espíritas*, p. **94** (trad. e ed. do Dr. Francisco Klors Wemeck).

Fazendo circular em uma segunda tiragem esta interessante obra, numa edição "Mundo Espírita", em **1950**, o tradutor deu-lhe um novo título — *O Espiritismo e a Igreja*

⁵⁸ (5) introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, edição de **1946**.

⁵⁹ (6) Rev. Haraldur Nielsson, ob. cit., pág. **95**.

impedir o aniquilamento dos sentidos físicos, e o sistema cerebral procurava reter o princípio intelectual. O corpo e a alma, como dois cônjuges, resistiam à separação absoluta um do outro. Esses conflitos internos pareciam a princípio produzir sensações penosas e perturbadoras. Foi com satisfação que percebi que tais manifestações físicas indicavam — não a dor ou o sofrimento, porém apenas a separação da alma e do organismo.

"Pouco depois, a cabeça ficou cercada duma atmosfera brilhante; em seguida, de repente, vi o cérebro e o ce- rebelo estenderem suas partes interiores e suspenderem o exercício de suas funções galvânicas, tornando-se saturados de princípios vitais de eletricidade e magnetismo, que penetravam nas partes secundárias do corpo.

"Por outras palavras, o cérebro tornou-se dez vezes mais preponderante do que era no estado normal.

"Esse fenômeno precede invariavelmente a dissolução física.

"Constatei depois o processo por meio do qual a alma ou Espírito se -destaca do corpo. O cérebro atraiu os elementos de eletricidade, magnetismo, movimento, vida e sensibilidade espalhados em todo o organismo. A cabeça como que se iluminou, e observei que, ao mesmo tempo que as extremidades do corpo se tornavam frias e obscuras, o cérebro tomava um brilho particular.

"Em torno dessa atmosfera fluídica que cercava a cabeça vi formar-se outra cabeça, que se desenhava cada vez mais nitidamente. Tão brilhante era que eu mal podia fitá-la; à medida, porém, que ela se condensava, desaparecia a atmosfera brilhante. Deduzi daí que esses princípios fluídicos, que tinham sido atraídos pelo cérebro, de todas as partes do corpo, e então eram eliminados sob a forma de atmosfera particular, antes se achavam solidamente unidos, segundo o princípio superior de afinidade do Universo, que se faz sempre sentir em cada parcela de matéria.

"Com surpresa e admiração, segui a fase do fenômeno.

"Do mesmo modo por que a cabeça fluídica se desprendera do cérebro, ví formarem-se sucessivamente o pescoço, os ombros, o tronco, e enfim o conjunto do corpo fluídico. Tornou-se evidente para mim que as partes intelectuais do ser humano são dotadas duma afinidade eletiva que lhes permite reunir-se no momento da morte. As deformidades e os defeitos do corpo físico tinham quase inteiramente desaparecido do corpo fluídico.

"Enquanto esse fenômeno espiritualista se desenvolvia diante das minhas faculdades particulares, aos olhos materiais das pessoas presentes no quarto, o corpo da moribunda parecia experimentar sintomas de sofrimento, os quais eram fictícios, pois apenas provinham da partida das forças vitais e intelectuais, que se retiravam de todo o corpo para se concentrar no cérebro e depois no organismo novo.

"O Espírito (ou inteligência desencarnada) elevou-se verticalmente acima da

cabeça do corpo abandonado; porém, antes da separação final do laço que por tanto tempo reuniu as partes intelectuais e materiais, vi uma corrente de eletricidade vital formar-se sobre a cabeça da moribunda e sob o novo corpo fluídico

"Deu-me isto a convicção de que a morte é apenas um renascimento da alma ou do Espírito, que se elevam dum grau inferior a um estado superior, e que o nascimento duma criança neste mundo e a formação dum Espírito no outro são fatos idênticos; nada realmente faltava, no fato que eu observava, para que o símile fosse completo, nem mesmo o cordão umbilical que era figurado por um laço de eletricidade vital. Por algum tempo subsistiu esse laço entre os dois organismos.

"Descobri então (o que não notara ainda nas minhas investigações psíquicas) que uma pequena parte do fluido vital voltava ao corpo material, logo que o cordão ou liame elétrico se quebrava.

"Esse elemento fluídico ou elétrico, espalhando-se por todo o organismo, impedia a dissolução imediata do corpo.

"Não é prudente enterrar o corpo antes de começar a decomposição. Muitas vezes, antes da inumação, o cordão umbilical fluídico de que falei ainda não está quebrado. É por isso que pessoas que pareciam mortas voltam à vida no fim de ou ou dois dias, narrando as sensações que experimentaram.⁶⁰ Esse estado foi denominado catalepsia, letargia, etc.

"Logo que se desprende dos laços tenazes do corpo, a alma da pessoa que eu observava, constatei que o seu novo organismo fluídico era apropriado ao seu novo estado, mas que o conjunto se assemelhava à sua aparência terrestre. Não pude saber o que se passava nessa inteligência que revivia; observei, porém, a sua calma

∞ (*) A morte completa, definitiva, só se dá pela rutura desse fio tênue, que por muitas horas fica mantendo o Espírito vinculado aos despojos materiais. Se um morto volta à vida, como eventualmente ocorre — haja vista os casos de catalepsia patológica — é bem de ver que esse laço fluídico, "semelhante ao cordão umbilical que liga o nascituro ao seio feminino", ainda se conserva íntegro. Poderá, assim, o Espírito, mediante os recursos técnicos empregados, de um lado pelos médicos, e de outro, pelos espiritualistas, ser atraído e volver ao corpo imerso na aparência da morte.

Em um apêndice posto ao livrinho de Francesco Zingaropoli, por nós várias vezes citado nos primeiros capítulos deste livro, o seu tradutor, Dr. Francisco Klors Werneck, resume o caso do Dr. Wiltse, caso rigorosamente estudado pelos cientistas ingleses. Drs. Fredric W. H. Myers, de Cambridge, e Richard Hodgson, ambos da Sociedade Real Inglesa.

O Or. Wiltse, médico, logo que voltou a si, contou todas as sensações que experimentara o seu Espírito durante as quatro horas da sua separação da matéria, posto que "um tenuíssimo cordel partia do seu occiput e, semelhante a um fio de aranha, ia ligar-se ao outro corpo na base do pescoço..."

Leia-se a propósito o que diz o Irmão Jacob, no seu livro póstumo "Voltei", às págs. **30-31, 1.*** edição de **1949**; e também o livro de Ernesto Bozzano — Animismo ou Espiritismo, especialmente o cap. IV, que trata dos fenômenos de bilocação.

e a profunda admiração que lhe causava a dor daqueles que choravam em volta do seu corpo.

"Pareceu-me que ela compreendeu, por fim, que essas pessoas ignoravam o que realmente se passara.

"As lágrimas e as lamentações excessivas dos parentes e amigos provêm do ponto de vista falso em que se coloca a maioria dos homens, isto é, da crença materialista de que tudo finaliza com a morte corpórea.

"Pelas minhas experiências, posso afirmar que, quando a pessoa morre naturalmente, nenhuma sensação penosa experimenta a alma.

"O período de transformação que acabo de descrever durou duas horas, tempo que não é o mesmo para todos os entes humanos. Se pudésseis ver com os olhos psíquicos, perceberíeis perto do corpo rígido uma forma fluídica tendo a mesma aparência que o ente humano que acaba de morrer; porém essa forma é mais bela e está como que animada dum vida mais elevada."⁶¹

Finalmente acabamos de ver como se processa o êxodo da alma no instante derradeiro. O fenômeno comumente chamado morte, não tem nada pois de trágico ou doloroso; não passa, como diz o sábio Oliver Lodge, de mera separação entre a alma e o corpo — e com isso a alma liberada do corpo mais ganha do que perde.

Para a individualidade emancipada, restituída à vida primitiva e normal nas esferas espirituais, houve dilatação de suas faculdades, e ela agora dispõe de meios de ação que a matéria lhe restringia.

A sua incursão no plano terráqueo, de onde volveu, ocorrerá a seu talante e com a naturalidade com que, durante o sono físico, se transportava às regiões do Espaço. Pelo conduto medianímico não lhe faltarão ensejos de atestar a sua presença e identificar-se aos seus parentes e amigos que aqui ficaram.

Se isso por um lado traz consolações para eles, por outro lhes dará a certeza irrecusável de que a vida persiste depois que o corpo se extingue.

A doutrina insensata e desesperadora do nada só assim se extirpará de certos cérebros trabalhados pela descrença.

O intercâmbio entre os Espíritos desencarnados e aqueles que permanecem na carne é um fato de todos os tempos que tem comprovação universal.

Negá-lo hoje em dia, diante de uma literatura específica difundida em todos os idiomas, ou à revelia dos testemunhos particulares absolutamente fidedignos, é dar mostra de incultura ou de espírito sectário.

Os fenômenos espíritas propriamente ditos constituirão, precisamente, a segunda parte deste nosso trabalho.

Cada modalidade medianímica é um recurso de que se vai a alma livre e imortal para uma demonstração da sua imortalidade. Se na simples incorporação mediúnica pode ela tornar patente a sua identidade, mediante conversação com parentes

⁶¹(7) Alfred Erny. O Psiquismo Experimental, parte segunda, cap. II (ed. Garnier).

seus sobre assuntos íntimos somente deles conhecidos, por formas outras, ou mais particularmente, pela voz direta e pela materialização momentânea, a identificação se lhe fará de um modo fácil e indubitável.

O que vamos apresentar não são, portanto, teorias nem hipóteses, mas uma resenha de fatos na sua eloquência e na sua férrea lógica.

SEGUNDA PARTE

FENÔMENOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS (OS FATOS ESPÍRITAS)

A nossa imaginação se queda estarrecida diante da força ente- nebrecedora das ideias preconcebidas que arrastam os homens a afirmarem o oposto do que atestam os fatos.

ERNESTO BOZZANO

CHICO XAVIER E OS ESPÍRITOS

Estarnos buscando e reunindo fatos espíritas, propriamente ditos, que nos chegam por via mediúnica; porém não faz parte do nosso plano de trabalho um estudo, ainda que superficial, sobre qualquer espécie de mediunidade. Tarefa desse porte incumbe aos competentes, e muitos, ao que sabemos, incursumos nessa área, obtendo resultados apreciáveis. Sua páginas andam por aí, nas estantes particulares e nas livrarias espíritas.

A mediunidade é um vasto campo de investigações, e o que dei a provém constitui um outro campo não menos extenso, devendo em ambos os pesquisadores conduzir-se isentos de preconceito ou ideias apriorísticas. Cremos que existem médiuns invigilantes, ou mistificadores, responsáveis pela contrafação de fenômenos aparentemente reais, que não resistem a um exame cuidadoso. Para distinguir o verdadeiro do falso é imprescindível lentidão na pesquisa e um agudo senso de discernimento. A verdade pura, sem jaça, neste terreno, não nos parece facilmente encontrada, como se afigura aos despreparados, que agem com muita curiosidade e pouca prudência.

Está porque ao Rev. George Vaie Owen, Vigário de Oxford, Lancashire, na Inglaterra, "fez-se mister um quarto de século para que se convencesse: — dez

anos de que a comunicação , dos Espíritos era um fato, e quinze de que esse fato era verdadeiro e bom"⁶²

"Sir" Oliver Lodge, por sua vez, declara no seu Raymond: "A mim muitos anos de experiências me foram necessários para que eu admitisse como finalmente conclusivo o corpo de provas que reuni."

Os relatos que esses psiquistas fizeram, e se encontram nos livros que ambos publicaram, dir-se-ia o testemunho mais escrupuloso e fidedigno de quantos foram dados por outros homens honestos, que mantiveram colóquio com os mortos e desta verdade se certificaram por todos os meios práticos e científicos ao seu alcance.

Tenha-se em vista que uma atitude de prudente reserva, adotada pelos experimentadores conscienciosos, antes de se pronunciarem, em definitivo, com referência à comunicabilidade dos Espíritos, nunca é excessiva, e sim, perfeitamente justificável, pois revestem-se de maior valor e autoridade os seus pronunciamentos. De tal sorte que, lendo depoimentos como esses do Rev.-Vale Owen e do cientista Oliver Lodge, ninguém, de boa fé, duvidará do que estes dois experimentadores afirmam, em relação aos seus contactos com os desencarnados. Tampouco do que escreveu Carlos Chiesa, escritor portenho, enunciando que, sem o dom outorgado aos médiuns não seria, talvez, possível chegar-se à certeza da imortalidade⁶³.

E hoje, como estamos vendo, esta certeza é matemática, tal como dois com mais dois são quatro. Graças a essa dádiva incomparável da Providência, que é a Mediunidade, os Espíritos livres das limitações da carne, estão por toda parte, com a sua presença e com os seus feitos, lavrando o seu protesto contra a morte.

Há pessoas que acumulam várias modalidades medianímicas e, neste grupo, cremos poder incluir Francisco Cândido Xavier como o principal.

Desde criança ele via os Espíritos. Depois da desencarnação de sua genitora, esta apareceu-lhe muitas vezes, para orientá-lo e confortá-lo, pois na infância e na juventude a sua vida foi duramente atribulada.

Como psicógrafo, o primeiro livro que Chico Xavier recebeu, todo em poesias, ditado por diversos autores, foi em **1927**, sob o título "Parnaso de Além Túmulo". Chico contava então **16** anos de idade.

Daquela data em diante não mais parou de produzir, e a sua bibliografia, versando assuntos variadíssimos e complexos, em **1977**, quando se festejou o seu cinquentenário de atividade lítero-mediúnica, subia a um total de **150** volumes.

Esses livros todos atingiram a **570** edições, eivando-se a **4.726.500** exemplares, até a data acima mencionada. Se Chico recolhesse ao seu bolso a renda fabulosa desses livros, eie seria um dos maiores milionários do Brasil, senão

⁶² (*) Rev. Vale Owen, A vida além do véu, edição de **1921**, tradução de Carlos Imbassahy.

⁶³ (*) Carlos Chiesa, in "O Revelador", revista paulistana, extinta, edição de setembro de **1941**.

o maior de todos. Porém, como os direitos autorais são inteiramente concedidos às editoras e instituições de beneficência social, Chico Xavier vive tão-somente dos minguados proventos da sua aposentadoria no cargo de escriturário, nível **8**, do serviço público federal, pelo Ministério da Agricultura.

Chico Xavier possui todas as virtudes de um verdadeiro discípulo do Cristo, a começar por sua inexcedível humildade. E essas virtudes são inatas, muito embora possamos admitir que, nessas vintenas de anos, convivendo com os Espíritos, e dócil às exortações do seu sábio guia Emmanuel, elas se tenham desenvolvido e se fortalecido mais. Quando Leopoldo Machado esteve na Bahia, em **1942**, promovendo conferências espíritas, não nos furtamos de o interpelar a respeito de Chico, por serem ambos muito amigos e Leopoldo constantemente o visitava. A resposta do bravo paladino, há mais de **20** anos na Espiritualidade, ele a resumiu nestas palavras: "Miguel, se na Terra existe alguma pessoa que mereça o qualificativo de santo, essa pessoa é certamente o médium Francisco Cândido Xavier."

Como dissemos, a mediunidade de Chico se desdobra em diversas modalidades. Além da psicografia, que é a usual, ele é vidente, auditivo, psicofônico, de efeitos físicos, de materialização, de línguas estrangeiras, etc.

Aquiescendo a convite para visitar os Estados Unidos da América do Norte, Chico Xavier e o Dr. Waldo Vieira, grande médium também, empreenderam a excursão em **1965**. Ali tiveram oportunidade de psicografar algumas mensagens em inglês, de amigos norte-americanos, desencarnados, sendo que dois deles se identificaram, para gaudio e surpresa dos assistentes.

Fenômeno dos mais curiosos é o da xenografia, que consiste na inversão da escrita da direita para a esquerda, e cuja leitura somente é possível colocando-a frente a um espelho. Temos aqui um belo livro, escrito pelo Sr. Luciano Napoleão da Costa e Silva, em homenagem aos **50** anos de labores mediúnicos do sensitivo de Uberaba, em cuja página **146** há um *fac-simile* dessa misteriosa escrita, obtida em **29** de março de **1937**, por Chico Xavier, perante um auditório de cerca de **600** pessoas, reunido na Sociedade de Metapsíquica de São Paulo, para assistir a uma conferência do Dr. C. G. Shalders. Visando prevenir qualquer dúvida ou objeção posterior, o autógrafo foi grafado em papel timbrado de S. M. S. P. e previamente rubricado pelo conferencista e outro distinto personagem.

Em programa de tevê, milhões de espectadores no Brasil viram que as mensagens espirituais o famoso médium as obtém de um jato, com o lápis a deslizar celeremente sobre o papei. Mas cremos que era coisa inédita, e só agora se ficou sabendo, pelo livro do Sr. Luciano Napoleão⁶⁴ que Chico Xavier tem o poder assombroso de psicografar até dois livros em um só dia. Ouçamos o que informa o Sr. Luciano:

«(*) Luciano Napoleão da Costa e Silva, "Nosso Amigo Chico Xavier*", edição **1977**.

"Em **1952**, escreveu em dois dias, "Roteiro", de Emmanuel, com **172** páginas, e "Pai Nosso", de Meimei, com **104** páginas, respectivamente, nos dias **10** e **12**.

"Em **1963**, escreveu também dois livros em dois dias: "Opinião Espírita", com **204** páginas, e "Sexo e Destino", com **360** páginas, ambos de André Luís, respectivamente, nos dias **2** e **4** de julho.

. 'Em **31** de março de **1969**, ele escreveu dois livros no mesmo dia: "Passos da vida", (Espíritos diversos), com **156** páginas, e "Estante da Vida" (Irmão X), com **184** páginas, portanto, um livro em apenas meio dia."

É óbvio que no mundo nenhum escritor existe, por mais portentoso e veloz que seja na produção literária, capaz de alcançar esse inacreditável recorde. Chico Xavier, não somente realizou a proeza fantástica, como não sentiu o menor cansaço mental ou físico — exatamente porque funcionou como mero instrumento dos Espíritos.

Aliás é público e notório que ele, no tocante a instrução escolar, não passou além do curso primário. No entanto, quando fala agradecendo as homenagens que lhe prestam, a sua palavra fluente empolga e impressiona. A mesma segurança e maleabilidade vocabular, também é manifesta quando o vemos, através do vídeo, respondendo a todas as perguntas de seus interlocutores. O sopro de inspiração do seu Guia Emmanuel assegura ao Chico essas estrondosas vitórias.

É sem dúvida alguma o maior médium do mundo de todos os tempos, e isto se deve ao desenvolvimento perfeito de suas faculdades e a submissão às diretrizes de seus mentores espirituais, notadamente de Emmanuel.

Nossos sábios indígenas, quer dizer, os eruditos mestres brasileiros que fazem a glória da ciência oficial, já se dissuadiram de uma tentativa de estudar o fenômeno Chico Xavier, considerando a inanidade dos métodos materialistas que teriam de pôr em prática. No princípio disseram e escreveram muitas as- **101** neiras, declarando mesmo que tudo em Chico eram imposturas, não passavam de endrôminas para iludir os tolos. Afinal aperceberam-se de que iam afundando no ridículo, e resolveram em tempo estender um véu de silêncio sobre Chico Xavier.

E o médium mineiro, humilde e desprendido como um santo, prossegue, incansável, na sua faina bendita a serviço dos Espíritos, estes dissipando as trevas da descrença com a luz rutilante da imortalidade.

AS APARIÇÕES

Os fenômenos anímicos que deixamos para trás, em dez capítulos, constituem a primeira parte desta obra e representam um prelúdio da imensa capacidade que tem a alma humana, livre das contingências da matéria. Desagregada do envoltório fisiológico, que lhe impunha certas limitações, as suas faculdades se dilataram, a sua visão adquiriu maior amplitude e limpidez. Notável conotação existe entre a emancipação definitiva da alma e o alvará de soltura concedido ao prisioneiro. Só que a entidade espiritual restituída à liberdade, reconquistou poderes que o

homem não possui.

Inúmeros os desencarnados que se preocupam em aparecer a *seus* parentes e amigos, mormente se estes duvidam da sobrevivência, interessados em convencê-los de que a morte é assim como uma mudança de domicílio. Dir-se-ia alguém que emigrasse para um país estrangeiro e aii ficasse temporariamente residindo. A vida em lugar remoto poderia ser-lhe até mais agradável, e meios não lhe faltariam de comunicar-se com seus parentes e amigos.

As aparições visuais são um fenômeno realmente probante, e ocorrem com certa frequência. Conhecemo-lo através de leituras várias, e de narrativas verbais de pessoas respeitáveis, que o testemunharam durante o sono ou no estado de vigília.

Honestamente não se podem acoimar de mentirosos ou patranheiros tantos percipientes merecedores de fé, nem aplicar esses qualificativos a escritores eminentes e austeros, que chegaram a promover inquéritos, coligindo fatos indubitáveis e reunindo-os em livros que as livrarias têm à venda.

Um psiquiatra de fama internacional — que amadureceu suas convicções no longo período de trinta e cinco anos de estudo e experimentações perseverantes — conforme palavras suas em carta dirigida ao Professor Asmara — dentre as numerosas monografias que escreveu, quase todas vertidas para a língua portuguesa, deixou aquela intitulada Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte⁶⁵.

Se acaso ainda não o leu, recorra o leitor a esse volume de pouco mais de trezentas páginas, e tome conhecimento de uma variedade de casos de aparição de mortos, inclusive de moribundos no momento do trespasse.

Ocorre-nos à memória um caso, histórico, deste teor, trasladado pelo Dr. José Lapponi para o seu livro Hipnotismo e Espiritismo. O Dr. Lapponi, catedrático de Antropologia em Roma, e antigo médico dos Papas Leão XIII e Pio X, transcreveu o fato da História Universal, de Teodoro Agrippa d' Aubigné, nos termos seguintes:

"A **23** de dezembro de **1574** morria em Avinhão o cardeal de Lorena, achando-se nessa cidade então o rei com a sua corte. À noite, a rainha Catarina de Médicis deitava-se e conversava com algumas damas e cavalheiros. Quando ia despedir as pessoas presentes, atirou-se de sobressalto sobre o travesseiro, tapou o rosto com as mãos, e clamando socorro, às pessoas presentes apontava, aos pés do leito, o cardeal, que lhe estendia as mãos.

A aparição durou poucos segundos. O rei mandou à residência do cardeal um dos seus fidalgos, o qual declarou que o cardeal tinha morrido havia poucos minutos."

Mais três fenômenos similares, apenas, queremos acrescentar a este que acabamos de resumir. Desde que não se trata de uma questão quantitativa,

⁶⁵ (*) Ernesto Bozzano, Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte, tradução do Dr. Carlos Imbassahy, edição de **1927**.

desnecessário recorrer ao Anais das Ciências Psíquicas, ou ao Velho e ao Novo Testamento — fontes inesgotáveis relacionadas à fenomenologia espírita.

Entre as entidades espirituais que transmitem suas mensagens pela psicografia de Chico Xavier, conta-se a poetisa Cármen Cinira, que a morte ceifou há mais ou menos quatro decênios. Era um talento e uma inteligência precoces, e para prová-lo basta este soneto, que eia, na véspera da sua morte, pedindo papel e lápis, escreveu no seu leito de dor:

A VIDA

Vida, que és boa para tanta gente,
E a tanta gente embriagas de prazer,
Para mim foste má, foste inclemente,
E deixaste-me exausta de sofrer.
Quando, às vezes, recordo, tristemente,
As agonias do meu pobre ser,
Tu me causas pavor...
De tão descrente,
Alegro-me, ao pensar que vou morrer...
Caiba ao destino a culpa de ter sido
A minha mocidade um só gemido;
Mas, sei que o meu faminto coração
Na morte que, bem sinto, virá breve,
Há de achar o carinho, que não teve,
E a paz, que tanto mendigou em vão!...

No dia seguinte, tendo piorado, pediu a presença de suas irmãs, despedindo-se delas, serenamente, com palavras de conselho e resignação. Estava certa de que o Espírito de seu pai, desencarnado havia muitos anos, viria ao encontro do seu. De súbito, empalideceu mais. Todos sentiram, em torno, que era a morte que chegava. Os lábios da moribunda descerraram-se, porém, e ela exclamou, numa voz em que havia qualquer coisa de intenso júbilo:

— "Meu pai chegou! Eu o estou vendo... Eu o estou vendo..."

E quase num arrebatamento:

— "A vida é um cárcere... A morte é a liberdade!..."

E expirou⁶⁶.

Na década de **40** — não nos recordamos o ano — à instância do Inspetor Fiscal da Região, com sede na cidade de Caravelas, embarcamos num avião, que nos deixou naquela localidade do extremo sul da Bahia. Ali iríamos desempenhar as nossas funções junto ao comércio; porém o atraso e a monotonia do lugar levaram-nos a solicitar o retorno à capital no breve período de um mês.

⁶⁶(**) Humberto de Campos, Sombras que Sofrem.

Certo dia de domingo, a companheira do inspetor Fiscal e este reuniram um grupo de pessoas, para um passeio ao distrito de Juerana, lugarejo distante de Caravelas uns dez quilômetros. Não havia estrada vicinal, e o caminhão, velho, rodou aos solavancos por um caminho estreito e perigoso. Ali e acolá uma ponte improvisada com toros de madeira, metendo maior susto ao pessoal à passagem trepidante do veículo.

Após o regresso, uma senhora que tomara parte no passeio, e que era hóspede da mesma pensão onde ficáramos, queixava-se de dores agudas em várias partes do corpo. A conselho nosso, a criatura foi à consulta ao médico local. Usou os remédios receitados, porém não obteve melhora alguma.

Ora, um barco vindo dos Abrolhos estava atracado no cais de Caravelas, cujo comandante nos disseram ser espírita e se chamar Evaldo. A grata notícia nos fez caminhar até a embarcação, e aí nos identificamos, durando cerca de meia hora a nossa expansão de alegria e cordialidade. Evaldo convidou-me para participar, no dia seguinte, à noite, de uma reunião espírita em casa de uns conhecidos seus. Com membros daquela família amiga, e mais algumas pessoas, ele costumava efetuar sessões toda vez que o seu barco atracava em Caravelas.

Na companhia da senhora doente, comparecemos à casa onde se ia realizar a sessão. Esta decorreu num ambiente de suavidade e inefável conforto espiritual. Evaldo atuou como médium, e que excelente médium! Três Espíritos por *ele se* manifestaram em belíssimas e substanciosas preleções, falando por último Bezerra de Menezes. Assim que o venerando médico dos pobres encerrou a sua empolgante alocução, pedimos a ele sua caridade para aquela mulher que tanto padecia, em consequência da viagem que fizéramos a Juerana. Bezerra garantiu que a doente naquela noite seria socorrida. Caso ele próprio não comparecesse, outro Espírito iria em seu lugar.

Quando o dia amanheceu, levantamos logo cedo com pancadas na porta do nosso quarto. Era a mulher, que não cabia em si de contente. Seu Miguel! — foi dizendo, maravilhada: não foi o Dr. Bezerra de Menezes que veio, não; compareceu, em lugar dele, o acadêmico Humberto de Campos, moço, bonito, vestido com o fardão da Academia Brasileira de Letras. Reconheci-o bem pelos retratos que lhe tenho visto. Começou a aplicar-me passes, que duraram uns dois minutos; por fim, tomou as minhas mãos em suas mãos, sacudindo-me os braços com vigor; e ao largar-me as mãos, num impulso mais enérgico, então eu despertei. Agora estou aqui, seu Miguel, completamente boa, disposta, e acreditando, como quem mais acredite na ação dos Espíritos.

Agora, o último caso.

Passava um pouquinho da meia-noite. A companheira de leito estava dormindo. De súbito eia se acordou, agitando-me o corpo e pedindo que acendesse a luz. Suas palavras denunciavam medo, pois, segundo dizia, estava vendo um homem ao pé da cama.

Calcamos imediatamente o botão do abajur, espalhando a luz precária na escuridão do quarto. Ainda está vendo o homem? — perguntamos. — Estou, siiví; e ele olha para você. — Pois, converse com ele, pergunte-lhe o nome e se nos conhece. Com Espírito se conversa pelo pensamento, não precisa articular palavras. Ele não lhe fará nenhum mal.

Estabelecido o diálogo mental a companheira deu-nos os primeiros informes:

— Ele disse que é seu genro e se chama Clemenceau Sapucaia. — Pois diga-nos agora a feição do seu rosto, sua cor e outros detalhes. Faça-o saber que já morreu, isto é, que o seu corpo carnal foi sepultado, que está agora na condição de Espírito.

— Ele é de cor branca, tem o rosto meio comprido, ligeiramente calvo.

— Que história é essa de eu ter morrido, se me deito todo dia com Lindai⁶⁷ — retrucou com visível espanto.

Em pouco mais de um minuto, após termos orado, o desencarnado deixou de ser visto por minha mulher. Já lá se foi um ano e meio e ele nunca mais apareceu. A descrição do seu tipo físico, coincide em tudo com a sua pessoa. Mas há uma particularidade no caso, que ressalta a sua veracidade e mais impressionou a querida companheira. Ela sabia que aquele meu genro se chamava Clemenceau; porém ignorava completamente que ele tivesse o sobrenome de Sapucaia. Jamais ouvira alguém pronunciá-lo, e só depois de sua morte, por ele mesmo, veio a saber!

BELL E O MASCATE

A pequena casa, construída de madeira, ganhou fama de mal-assombrada tempo depois que um certo Bell dela se mudou com sua gente e ninguém mais o viu. Mais tarde um tal Michel Veckmann ocupou a casinha, porém sua permanência foi curta, abandonando-a uma noite, precipitadamente, com a família. Não suportaram as misteriosas e mais do que incômodas perturbações que aii se desenrolavam.

O sucessor de Veckmann na habitação mal-assombrada foi um casal de protestantes metodistas, pais de três filhas menores, Léa, Catarina e Margarida, respectivamente de **8**, **12** e **14** anos de idade.

Pouco crentes, ou totalmente descrentes de coisas do outro mundo, todos passaram cerca de três meses despreocupados e tranquiios. Ora, tudo o que falam a respeito desta casa não passa de invencionices — pensaram — e os que fugiram daqui, com medo, imaginaram ter ouvido o que nunca, na realidade, ouviram.

Pois sim. Antes que findasse o trimestre, começaram a ouvir percussões nas paredes, nas portas, no soalho, nos móveis ... Eram pancadas quase sem intermitência, perturbando-lhes sensivelmente o sono.

Prestaram a máxima atenção a tudo, esquadrinharam todos os cômodos da residência, até a parte exterior devassaram, na suposição de surpreender um

⁶⁷ (::) Linda — abreviatura de Lindalva — era a esposa de Clemenceau.

possível causador daquela pancadaria... Todas as pesquisas inteiramente em vão.

Dentro do lar as Insólitas batidas continuavam a ressoar, amiudadas e mais fortes. John Fox, sua mulher e as meninas, contudo, mantinham o bom ânimo, graças à sua fé em Deus, ou porque fossem eles mesmos os escolhidos para desvendar aquele mistério.

Uma noite, quando os *raps* tornaram-se mais intensos e es* trídulos, a menina Catarina Fox teve a ideia de estalar os dedos da mão. Imediatamente ouviram igual número de estalos.

A outra irmã bateu as palmas um certo número de vezes. Igual número de pancadas lhe respondeu como se fora um eco.

Isso levava a crer que a origem do fenômeno devia ser atribuída a uma causa inteligente.

Então à mãe de Catarina ocorreu perguntar:

. — Sois um ser humano?

Silêncio absoluto.

— Sois um Espírito? Se o sois, batei duas pancadas.

Duas pancadas foram a resposta.

Nesse ponto fazia-se imperioso estabelecer um diálogo com a entidade invisível, cujos golpes vibrados nos móveis, na portas e em outros locais eram um chamamento e indicavam o interesse de fazer uma revelação qualquer.

Catarina e Margarida conceberam um meio, conquanto trabalhoso e difícil, de se corresponder com a personalidade oculta. Usaram de um processo que consistia em assinalar as letras do alfabeto por batidas que correspondiam ao número de ordem de sua colocação. Era assim usada, pela primeira vez, a tipologia alfabética, primitiva forma de comunicar com os Espíritos, de que mais tarde iria se ocupar Allan Kardec no desenvolvimento da matéria exposta no capítulo XI de *O Livro dos Médiuns*.

O trabalho foi demorado e cansativo, porém grandemente útil do ponto de vista da revelação estarrecedora que o Espírito fez. Ele contou que era um homem de **31** anos, vivia de um pequeno comércio de quinquilharias, percorrendo algumas localidades do interior do Estado de New York, inclusive a povoação de Hydesville. Aí, certa feita, pedira pousada em uma casinha, por não querer prosseguir viagem na escuridão da noite. O morador, por nome Bell, e sua mulher, o acolheram com satisfação, dando mostras de serem pessoas de bons costumes. Entretanto, tendo-se inteirado de que o forasteiro era mascate, e devia conduzir boa quantia em dinheiro, além das mercadorias, a horas mortas, quando ele dormia, Bell não hesitou em assassiná-lo e apoderar-se de seus haveres. O corpo sem vida ele e a mulher o arrastaram para a parte térrea abaixo do assoalho, enterrando-o sem deixar vestígios. O morto comunicante disse que se chamava Charles Rosna.⁶⁸ e

⁶⁸(*) Devido, talvez, ao processo usado para identificar o Espírito do mascate assassinado,

forneceu mais alguns pormenores do crime.

Obtida a inesperada confissão do Espírito do indivíduo que naquela mesma casa, por coincidência, fora vítima de um latrocínio, o Sr. John Fox entrou a investigar pelas redondezas tudo o que dissesse respeito àquele homem, especialmente porque nunca mais fora visto nos lugares por onde costumava passar vendendo suas bufarinhas.

Com efeito, depois de longas e minuciosas averiguações, o Sr. Fox chegou à evidência de que um vendedor ambulante, com aquele nome, havia muito tempo pernoitado na sua atual moradia, então ocupada pelo citado Bell, e daí por diante se fizera pesado silêncio em torno do hóspede e do seu hospedeiro. ..

Um fenômeno espírita desta ordem tem a seu favor tudo o que se possa exigir como garantia de autenticidade. Não obstante, como se a respeito dele ainda pairasse um resquício de dúvida que carecesse devidamente dissipada, 56 anos depois deu-se o desabamento de uma parede do porão da casa, e aí foi descoberto o esqueleto de Charles Rosna por pessoas que procederam a escavações no local. Como prova maior da identidade do vendedor ambulante abatido por Bell, foi achado também, junto à ossada, carcomido pela ferrugem, o baú em que ele conduzia os artigos do seu pequeno comércio. O *Boston Journal*, órgão de imprensa sem nenhum compromisso ou simpatia com o Espiritismo, registrou com destaque o fúnebre achado, em sua edição de 23 de novembro de 1904.

Os *raps* de Hydesviile, ininterruptos, insistentes, perturbadores, visando a uma forma qualquer de comunicação com os encarnados, não aconteceram, porém, por iniciativa própria do seu agente invisível. Um grupo de Espíritos Superiores o induziu a esse trabalho preliminar, começo da execução de um plano bem elaborado, tendo por fim despertar a atenção de homens cultos e distintos para examinarem seriamente o problema psíquico e o seu corolário — a imortalidade da alma.

Esses pesquisadores eram todos admirados e acatados pelo seu saber e pela dignidade de seus cargos, sobressaindo entre eles o Juiz John Edmonds, do Supremo Tribunal de New York e presidente do Senado; o professor Mapes, da Academia Nacional; o professor Robert Hare, da Universidade de Pensilvânia, e o escritor e diplomata Robert Dale Owen. Lançaram mãos à obra, e foram os primeiros a testificar, sob a autoridade de seus nomes, a legitimidade das manifestações espíritas, ante a excelência dos resultados a que chegaram. A história guarda com carinho o testemunho altamente fidedigno desses precursores do Espiritismo na América do Norte. Além das jovens Fox, outros médiuns foram surgindo e uma diversidade de fenômenos extraordinários deu maior força e extensão ao movimento espiritualista. Jornais foram fundados e

quanto à exatidão do seu nome alguns autores divergem. Gabriel Delanne, por exemplo, nomeia-o Charles Ryan; Martins Velho escreve Charles Rayn. Léon Denis e Leopoldo Cime, com o seu Charles (Carlos) Rosna, é que nos parecem estar certos.

seus noticiários irradiaram- -no por larga faixa do território norte-americano. A causa tomava incremento e conquistava multidões de aderentes, mas, por outro lado, a reação clerical hostilizou o quanto pôde as três mocinhas.

Depois que se mudou para a cidade de Rochester, a família Fox suportou constantes amarguras e ultrajes, por causa da mediunidade de suas filhas. Uma ocasião pouco faltou para Margarida e Catarina serem linchadas pela turba enfurecida dos misoneístas e fanáticos.

Contudo, essas injustas e selvagens perseguições revigoraram o caráter de incontestabilidade dos fatos, haja vista que a terceira comissão, composta de homens os mais dignos e honrados, escolhidos pelos negadores, confirmou plenamente o pronunciamento das duas comissões anteriores.

Não havia mais como irrogar o qualificativo de impostoras às jovens Fox, e, sim, curvarem-se todos à insuperável realidade dos fatos, e declarar solenemente, como o fizeram as três comissões, que Margarida e Catarina eram portadoras de um dom natural, ou faculdade, de que se serviam os Espíritos para produzir aqueles efeitos.

Os fenômenos de Hydesville, assim chamados por terem culminado com inusitada intensidade, em **31** de março de **1948**, naquela cabana de madeira habitada pela família Fox, seguidos de providencial repercussão, representam o prelúdio do Espiritismo, sistematizado e codificado em Paris, onde o seu primeiro livro, contendo a parte filosófica, foi posto nas livrarias no primeiro semestre do ano de **1857**.

MÉDIUM BAIANO EXCEPCIONAL

Alto, robusto, rosto comprido, cor branca, lhamo no trato e melo gago — eis o tipo *físico de* Artur Leitão Pires, cujo retorno ao mundo espiritual consternou a Bahia em **4** de junho de **1961**.

Era médium e espírita. Apaixonado das letras evangélicas, foi no Espiritismo que Artur Pires aprimorou os seus predicados morais, e ao mesmo tempo disciplinou e dignificou a sua mediunidade. Vivia modestamente do trabalho, como comerciário, servindo numa importante firma desta praça. Prestava assistência espiritual nas horas e dias de lazer, deixando .por sua conta' as despesas de transporte, quando tinha de atender a solicitações em bairros periféricos. Os vários borocotós da cidade Artur Pires ainda tinha, às vezes, que palmilhar, desde que do ponto terminal do bonde até à casinha humilde do padecente houvesse certa distância a percorrer. Em casos mais graves, quando o estado do doente exigia pronto atendimento, o abnegado médium curador ia direto socorrê-lo, após fechar o estabelecimento onde trabalhava. Às sete e meia, oito horas da noite, voltava, cansado, à residência. Encontrava a esposa um tanto aflita, mas

conformada, por sabê-lo a serviço de caridade, sendo ela caridosa e boa também.

Artur Leitão Pires curava por meio de passes e preces. Tão poderosos eram os seus passes e as suas rogativas, que aos olhos do vulgo ele realizava o que esse mesmo vulgo chama milagres... Até a vista a cegos, Pires restituiu. Cegos, bem entendido, por ação obsessiva. Médicos, atacados de enfermidades exóticas e rebeldes a todas as tentativas de cura pela Medicina Oficial, alguns deles Artur Pires ergueu do leito e fez voltar, em poucos dias, às suas atividades normais. Lembro-me bem daquele facultativo vindo da cidade de Canavieiras, no sul da Bahia. Ele foi levado a um conceituado hospital de Salvador, queixando-se de tanta coisa estranha a supliciar-lhe o corpo, que não via como fazer, ele próprio, o seu diagnóstico. Já não tinha a quem ou a quem recorrer, no intuito de conseguir, pelo menos, um alívio... Os colegas que o atenderam naquele no- socômio, médicos de reconhecida competência, submeteram-no a um exame demorado e completo. Por fim balouçaram a cabeça, entreolharam-se, e concluíram: — "Rapaz, você anda impressionado com doença que não existe; isto é auto-sugestão; tire isso da cabeça; domine-se."

E o médico de Canavieiras foi conduzido, dias depois, para a casa de parentes, no distrito de Brotas. Aí continuou com as suas dores, os seus gemidos, a sua inquietação; com os mesmos sintomas esquisitos e inexplicáveis...

O desânimo tomou conta de todos. Apelar agora para quem? Que espécie de doença era aquela, que nenhum colega de F. descobria? Essa história de auto-sugestão, não convence. Ninguém sofre porque queira sofrer. Finalmente, que espécie de males são esses e como se há de combatê-los?

Nesse comenos, uma senhora da vizinhança, que estava presente, arriscou, meio tímida, um alvitre:

— Já ouviram falar num médium por nome Artur Pires, que dizem curar muitas doenças complicadas como essa? Por que não apeiam para esse recurso, convidando seu Pires para vir até aqui?

Todos de casa aplaudiram a vizinha; somente o enfermo, ouvido, refutou — "porque ele não ia com esse negócio de espiritismo" —, porém acabou aquiescendo.

Quando viram chegar aquele homenzarrão, com um sorriso afável e o seu augúrio de paz em nome de Jesus, um ar de alegria e confiança se estampou em todos os semblantes. Como de praxe, Artur Pires começou a preparar o ambiente, entrando em conversação amistosa com o pobre médico prostrado no leito. Uns três minutos depois, pediu a todos que elevassem o pensamento para Deus, iniciando a prece e os passes. Prece que não sabíamos se havia quem a proferisse mais comovedora e tocante. Prece que era uma enternecida exortação a possíveis Espíritos obsessores, para que renunciassem os seus propósitos e deixassem em paz a sua presa. Terminado esse ato psíquico- -terápico, o paciente sentou-se na cama, a pedido do médium; pouco mais, este manda que ele se levante e ande pela casa, no que foi obedecido, à vista dos circunstantes tomados da maior surpresa.

Nessa tarde o doutor ingeriu alimento, e só tomou ao leito à hora de dormir. Artur Pires voltou a assisti-lo mais duas vezes, em dias alternados. No terceiro dia, o clínico de Canavieiras, doente sem doença, era visto, bom e risonho, passeando pela Rua Chile.

Possuía Artur Pires um certo magnetismo no olhar; e essa influência impunha autoridade e respeito onde quer que ele chegasse. Se entre as pessoas reunidas havia algum leviano, prendendo ou deixando escapar um risinho zombeteiro, Pires circunvagava o olhar, e todos ficavam sérios e reverentes. Começava a atuar sobre o paciente, conjugando aos passes as palavras que tocavam a sensibilidade do malfeitor invisível, e logo a emoção de muitos exteriorizava-se em forma de lágrimas incontidas.

Quem, porventura, se propusesse a fazer uma resenha das curas surpreendentes operadas por esse médium excepcional, que a Bahia tanto conheceu e admirou, teria de compor páginas em tão grande número que dariam um livro volumoso.

Porém mais um caso, apenas, tratado pelo médium Artur Pires, queremos oferecer a meditação do leitor, e este que diga se tem notícia de outro caso similar.

Dois jovens de ambos os sexos, noivos, descendentes de distintas famílias baianas, viram chegar o dia das núpcias e, felizes, tornaram-se marido e mulher.

Foi uma festividade brilhante, gente da alta roda exprimindo almejos de muitas venturas aos recém-casados. Discursos e brindes, alacridade e júbilo em todos os semblantes,

Passava um pouco de meia-noite quando os últimos convivas se retiraram, e os cônjuges recolheram-se aos aposentos. Eufóricos e radiantes, o amor a unir-lhes estreita e docemente os corações. Dois corpos, em trajes sumários, deitaram-se juntos para os prazeres do amor naquela noite venturosa. Mas eis que, no momento em que o marido tentou possuir a sua jovem e bonita esposa, esta, num gesto brusco e violento, trovejando nomes impróprios com voz forte e máscula, afastou-o resolutamente de junto de si. — Saia, miserável! Saia! — bradava a moça, enfurecida. Outras tentativas de posse foram reiteradas, e repelidas com a mesma decisão e veemência.

. Na manhã seguinte, inteirada da cena da noite, a linda cônjuge, tomada de espanto, jurava não se recordar absolutamente do acontecido.

O mesmo insucesso da noite nupcial teve lamentável repetição nas duas noites subsequentes, até que o rapaz, estupefato e desiludido, levou o fato singular ao conhecimento dos pais da moça.

Genro e sogro, desapontados, bateram aos consultórios de psiquiatras e neurologistas; porém a esses representantes da ciência médica* somente perplexidade e assombro lhes causou a narrativa.

Quando pessoa amiga e experiente sugeriu uma consulta do casal ao médium

Artur Pires, e foram ter como ele à sua residência, nessa noite os dois consortes fruíram pela primeira vez os intensos prazeres do matrimônio.

O moço contou a Pires, em particular, o que vinha se passando desde o dia em que se consorciou, e ambos os casais passaram a uma palestrinha à base de assuntos espirituais. Preparadas as condições propícias ao êxito do trabalho, o médium se colocou em frente da jovem, começou a orar e fazer-lhe passes magnéticos. Não houve demora: uma entidade do plano.ex- tráfísico incorporou-se nela, e a sua voz enérgica, com entonação de revolta, se fez ouvir: Eu sou Evaristo! Eu sou Evaristo! — Esse miserável não terá relações com a minha noiva! Jamais! Jamais!⁶⁹.

Essa imprevista revelação causou estupor. Todos conheceram Evaristo — arrebatado pela morte em compromisso de noivado com a criatura que no momento servia-lhe de médium.

O seu Espírito permanecia confuso, aturdido, embora decorresse mais de um ano de sua desencarnação. Julgava-se vivo na carne, e não sofrera alteração o seu ciúme pela ex-noiva.

Foi devidamente esclarecido e doutrinado. As palavras eloquentes de Artur Pires levaram luz à sua mente conturbada, fazendo-o reconhecer o seu novo estado. Era preciso desligar- -se da moça e extinguir a animadversão que nutria contra o rapaz com quem ela se casara. Esse não merecia nenhuma odio- sidade, porquanto ao encetar namoro com a sua atual esposa, encontrara-a inteiramente desobrigada, e ainda sentindo a perda daquele que pretendia desposá-la. Por morte de noivo, uma moça não fica privada de namorar, noivar e se casar com outro. Evaristo, a seu turno, não merecia reproche, visto que estivera agindo inconscientemente, por falta de noção da sobrevivência, e da perturbação resultante da passagem de uma vida a outra. Agora, elucidado, instruído, era pedir a Deus que o guiasse em sua nova trajetória.

O Espírito escutou, atento, a doutrinação, debulhou-se em lágrimas, implorou perdão aos dois recém-casados e prometeu não mais os perseguir. A todos agradeceu com palavras entrecortadas de emoção, e desprendeceu-se da antiga ex-noiva, por cujo conduto mediúnico logrou manifestar-se depois da morte, recebendo a bênção da elucidação libertadora naquele momento inesquecível.

⁶⁹ /*) Outro era o nome verdadeiro do manifestante póstumo. Sob o nome fictício de Evaristo, achamos prudente ocultar a identidade do morto, por sobreviver-lhe parentes na Bahia.

DE QUE MODO FOI DENUNCIADO O CRIMINOSO E SOLTO DA PRISÃO O INOCENTE

Nossos cinquenta e tantos anos de estudo do Espiritismo, ter-nos-iam feito uma autoridade neste magno assunto, não fôramos um homem que ingressou no curso das primeiras letras e encerrou o labor escolar no fim do terceiro ano. Já contamos em mais de uma ocasião porque não pudéramos continuar como discente do curso primário e dos cursos subsequentes. A vida, na sua impiedosa dureza, ofereceu-nos duas opções, a saber: prosseguir no estudo, e viver na extrema penúria, ou lançarmo- -nos ao trabalho contínuo e rude, preservando-nos contra a fome no lar humílico. A condição de mendicantes não nos seduzia, e a debandada da escola, com os dois manos, foi a solução preferida. Ambos os irmãos, mais tarde, estavam metidos no comércio, e nele permaneceram, satisfeitos com a sua pouca instrução. Nós, que nascêramos com pendores literários, e já havíamos lido, com grande proveito, *O Caráter e Ajuda-te*, do moralista inglês Samuel Smiles, perseveramos na leitura e nunca mais paramos de ler.

Um autor de livro otimista nos aconselhou a ler de tudo — até aquilo que fosse contrário ao nosso gosto e desaconselhado pela morai... De tudo, frisava, o homem precisa conhecer um pouco. Está porque não hesitamos em meter na cabeça algo de Schopenhauer, de Vargas Vila e do irreverentíssimo Albino Fôrjaz de Sampaio...

Ainda não completáramos vinte anos de idade, e já nos íamos familiarizando com Allan Kardec, tendo lido, antes, *O Porquê da Vida*, do clássico Léon Denis. Chegáramos cedo aonde devíamos ficar. Compulsamos todas as obras do Codificador do Espiritismo, repetindo algumas vezes a leitura. Bastariam essas obras, lidas e meditadas, para fazer de quem as lesse um espírita convicto. Para robustecer a convicção e ampliar os conhecimentos, nada melhor do que manusear os volumes escritos por Léon Denis, Gabriel Delanne e Camille Flammarion, esses esses três grandes contemporâneos e discípulos do insigne mestre.

Ora, quando o indivíduo se afeiçoa aos livros espíritas, ad- míra-o deveras a infinidade de meios de que dispõem os desencarnados para se manifestar aos homens e tornar patente a sua identidade. Como que os domina um desejo veemente de vir convencer aos da Terra que a morte, causadora de terror a muitos, não é mais do que o reingresso da alma na verdadeira vida.

Pelos dons especiais que Deus concedeu a inúmeras pessoas, é que os Espíritos fazem sentir a sua presença, através de uma variedade de fenômenos, que vão dos mais simples aos de maior transcendência. Até operações cirúrgicaá eles

realizam, como as efetuadas por intermédio do saudoso Zé Arigó, e outros feitos prodigiosos. A mediunidade mais comum é a de incorporação, ou falante, por isso, também, a mais sujeita a imitação e a fraude. Servindo-se momentaneamente dos órgãos vocais do médium dessa categoria, a entidade espiritual transmite sua mensagem. Esse médium pode ser mecânico ou semi mecânico; isto é, inconsciente ou meio consciente. No primeiro caso ele não guarda lembrança alguma do que disse e fez durante o transe; no segundo caso, conserva memória esmaecida do que falou, embora cômico de ter servido de veículo à manifestação de um Espírito.

A mediunidade de incorporação, ou psicofônica, como dissemos, é suscetível de imitar, e não ignoramos que incontáveis sabidórios não escrupulizam em ilaquear os inexperientes, simulando que estão realmente mediunizados... Às vezes, também, acontece que o médium está mesmo incorporado, e o Espírito é que trapaceia e mente, dada a sua condição de inferioridade moral. Esses percalços são inevitáveis, mormente se o sensitivo não cultiva o hábito de orar e vigiar, fiscalizando a sua própria mediunidade.

Felizmente a grande maioria dos médiuns dessa classe, numa prova de que não são mercenários nem simuladores, quando em transe, fazem até precognições, que se concretizam literalmente. Num livro publicado em 1976, o culto confrade Paulo de Frontim Werneck trouxe a público a excelente mediunidade falante de sua mulher, dona Carol, e cita vários prognósticos de desencarnação de parentes e conhecidos, feitos por ela, quando atuada pelo Espírito do seu saudoso genitor, no círculo familiar cognominado Papai Raul. O autor do volume — A Reencarnação desvenda todos os mistérios — dentre os casos de premonição, positivados, inclui o daquele médium de Vitória da Conquista, Edvaldo de Oliveira e Silva, cuja desencarnação fora prevista pelo Papai Raul para menos de três anos, em 13 de março de 1971, e se verificou em data de 8 do mesmo mês, no ano de 1974.

Não se contam os exemplos de incorporações psíquicas, severamente examinados e comprovados, não somente esparsos ou assistidos nos Centros Espíritas, bem como arquivados em diversos jornais e revistas, sem se falar nos que figuram em livros de autores eminentes e de reputação ilibada. Poderíamos, com um pouco mais de paciência e trabalho, enumerar uma série desses casos; mas, conforme ficou dito noutra parte, um fato garantido por sua insuspeitável autenticidade equivale a muitos do mesmo teor, de vez que, tornada conhecida a lei que o preside, o fator quantitativo é coisa secundária e de somenos importância.

O fenômeno espírita que vamos assinalar neste capítulo, teve enorme repercussão quando foi amplamente noticiado pela imprensa do país, em março de 1950, e apresenta uma singularidade capaz de deixar o leitor boquiaberto. Máxime o leitor que, a esta altura, ainda se mantém alheio ao estudo do Espiritismo, ou, pelo menos, não se fez um frequentador dos bons Centros

Espíritas.

Temos de resumir a estranha ocorrência, do longo noticiário telegráfico, inserto com destaque no vespertino baiano **Estado da Bahia**, cotidiano fora de circulação há cerca de três lustros. Dera-se na cidade de Rosário, Rio Grande do Sul, um crime bárbaro, caindo sem vida um rico e conceituado negociante. A polícia encetou diligências para prender o autor ou autores do homicídio. Vários suspeitos foram detidos para averiguações, entre estes um que a autoridade policial, tendo em vista certos indícios, acreditou que fosse o verdadeiro criminoso. Manteve-o sob custódia, e os seguidos interrogatórios a que submeteram o pobre operário, pacato e simplório, mais robusteceram as suspeitas. Não adiantou ele sustentar, firme e reiteradamente, sua inocência. Instauraram na delegacia um processo, remeteram este à instância superior; a justiça mandou a júri o indigitado réu, que foi condenado à pena de **9** anos de reclusão*, da qual já tinha cumprido **14** meses.

Entretanto, quem poderia imaginar o que vinha acontecer, para que fosse expellido do cárcere um pobre homem que não cometera delito algum!

Pois aconteceu certo dia, na mesma cidade de Rosário, num grupo de homens, um deles empalidecer um pouco, seus olhos se esgazearem, o corpo girar como se fosse cair, a ponto de ser amparado e fazerem-no sentar-se em uma cadeira. E o homem começou a falar, com uma entonação de voz que não era a sua, fazendo uma confissão surpreendente e terrível! Era . o Espírito do comerciante assassinado quem estava denunciando o homicida pela própria boca do assassino! Quem lhe estava servindo de médium, naquele instante, era verdadeiramente o autor da tragédia, frio matador do comerciante com o objetivo do roubo. Fugira, em seguida, para lugar distante e ignorado, voltando a Rosário quando o suposto culpado estava há mais de um ano cumprindo a sentença da justiça e já não se comentava o crime⁷⁰.

Quando o Espírito da vítima se despreendeu do improvisado médium, a polícia já presente no local, o denunciado autor do homicídio confirmou que fora realmente o matador do negociante, embora se fizesse acompanhar de outro indivíduo, que fugiu da cidade e dele jamais se teve notícia.

Bem inteirada do ocorrido, a justiça de Rosário, que condenara um simples

⁷⁰ Os originais deste livro estavam ainda em poder do autor, quando este leu o registro de um acontecimento análogo no *Jornal A Tarde*, editado na capital baiana, edição de **7/3/1978**. Encimada com o retrato da vítima e **O** título *Denúncia fantástica*, a notícia de *A Tarde* vai adiante transcrita *ipsis verbis*:

' "Chicago (UPI)

Segundo matéria publicada no jornal *Chicago Tribuna*, Teresita Basa, morta a facada há quase um ano, revelou por meio de um médium, o nome do seu assassino, até então desconhecido pela polícia.

Falando através de uma mulher em transe, Teresita, que era filipina, apontou Allan Showery, de **31** anos, como o criminoso, revelando também as circunstâncias e os motivos do crime."

suspeito à pena de 9 anos de prisão, deu-se pressa em expedir o alvará de soltura, restituindo o inditoso operário à liberdade e ao convívio da família.

Nosso propósito, nesta segunda parte do livro, é narrar fatos reais e irrefutáveis, deixando os comentários por conta dos leitores. Se alguém retrucar que outros inocentes pagaram no cárcere, e outros estão pagando por crimes que não cometeram, e as vítimas não vieram, como nesse episódio, denunciar os seus autores, não obstante, diremos que são insondáveis os desígnios de Deus. Aliás, se isso se desse normalmente, em matéria de diligências e averiguações as autoridades policiais pouco teriam o que fazer... Nós, espíritas, sabemos que, em face da reta Justiça — a do Alto — nesta vida ou na vida espiritual, somente sofrem aqueles que têm culpa. No dia-a-dia de nossa existência vemos registrarem-se acontecimentos estarrecedores, enigmáticos, inimagináveis, para os quais nem a ciência humana encontra explicação. Mas nem por isso deixam de ter uma causa e uma origem — atuais ou remotas — considerando que vivemos antes desta outras existências, e que é mister levar em conta o axioma científico segundo o qual não há causa sem efeito nem efeito sem causa. Para fazer luz sobre certos mistérios, não há como penetrar no âmago da Doutrina Espírita, que surgiu justamente para explicar fatos e coisas que, sem ela, ficariam para sempre fora do entendimento humano.

MATERIALIZAÇÃO DE ESPÍRITOS

Um testemunho da imortalidade do ser, que muita gente rejeita por incrível ou inverossimilhante, é o que advém de um Espírito tomar a forma humana e se apresentar a olhos nus com as mesmas características pessoais que o distinguem na terra.

Esse fenômeno, porém, avulta nos anais das ciências psíquicas, existindo pelo menos as experiências fortemente peremptórias de William Crookes, Alexander Aksakof, Charles L. Vermorel e E. Esmeralda, consideradas por eminentes autoridades no assunto, como em condições de responder a todas as exigências da crítica, e ser consideradas clássicas.

O grande erro dos negativistas é se manifestarem *a priori*, menosprezando uma rica literatura específica, da autoria de cientistas e sábios os mais respeitáveis, que firmavam sua convicção após o absoluto êxito das pesquisas que empreenderam.

Sobejas razões assistem ao Dr. Gustave Geley quando assevera no seu Resumo da Doutrina Espírita que, "depois de qualquer estudo, por muito pequeno que fosse, nem um só homem de ciência negou jamais a realidade dos fenômenos" (grifos do Dr. Geley).

As materializações de Katie King, jovem indiana que se chamara Annie Morgan

em sua última e longínquo existência terrestre, obtidas pelo reputado químico e astrônomo William . Crookes, em sua residência na capital londrina, realizaram-se debaixo de tão minuciosas precauções por parte do experimentador, e tanta divulgação tiveram, através dos órgãos da imprensa e de livros, que, hodiernamente, consideramos supérflua e exaustiva qualquer referência sobre elas. Em virtude da superabundância de provas, que tornaram sua autenticidade totalmente insuspeitável, desde que as mencionadas experiências se encerraram, em **1874**, após mais de três anos de duração, mereceram tidas como assunto pacífico, ou, se assim preferem, um fato transcendente passado em julgado. Primeiro Kate Fox e por fim Florence Cook, estas as duas grandes médiuns que emprestaram o seu concurso ao famoso sábio inglês, deixando à posteridade o seu glorioso feito.

Anterior a este acontecimento, a história do psiquismo experimental põe em destaque as sessões realizadas pelo banqueiro Charles Livermore, em Nova Iorque, de **1861 a 1866**, para obter a presença tangível de sua esposa Esteia. Os resultados foram tão inequívocos e concludentes como os conseguidos por Crookes, mas não tiveram o eco e a intensidade daqueles. Esteia Livermore desencarnou em **1860**, e no ano seguinte seu marido iniciou as sessões, que se elevaram a **388**, até o ano de **1866**. A médium foi a mesma Kate Fox, aquela que atuou com a sua irmã. Margarida, nos célebres *raps* da cabana de Hydes- ville.

Até a quadragésima segunda experiência, a materialização de Estela era parcial e nebulosa. A partir da **43.^a** em diante pôde o marido reconhecê-la sob intensa claridade, como velhos conhecidos que se vissem frente a frente em plena luz do dia.

A fisionomia, a cor, a compleição física de Esteia eram perfeitas e inconfundíveis; a sua identidade era atestada da maneira mais firme e decisiva, não somente pelo marido, senão por quantos dos presentes que a conheceram no curso da vida material. Todavia, sendo ela mesma, ao que se supunha, a mais interessada em desfazer qualquer desconfiança ou dúvida acerca de sua personalidade, Esteia escrevia bilhetes do próprio punho ao seu esposo, e, às vezes os redigia em francês, língua que ela conhecia e falava corretamente. A caligrafia póstuma foi confrontada com a existente em documentos que ela redigira em várias oportunidades, antes do decesso, não havendo entre uma e outra diferença sensível.

O caso de Esteia Livermore é outro que também não comporta a menor discussão.

Particularidade singular apresenta, a seu turno, a produção desse gênero veiculada por Elisabeth d'Esperance, médium norueguesa, de quem existe em nossa língua um precioso livro, denominado No País das Sombras. A obra é ilustrada com **28** estampas de Espíritos, flores, plantas, etc. Os dons psíquicos de Mme. d'Esperance eram vários, inclusive o de pintar e concorrer com o seu

potencial medianímico para os desencarnados se mostrarem em forma humana. Sua curiosa singularidade consistia em obter a materialização sem cair em transe ou sono magnético. O Espírito-guia das sessões, conhecido pelo nome de Válter, quando se apresentava visível, conversava com a médium, sentados ambos, em presença dos assistentes. O mesmo se dava nas experiências em que se materializava uma forma de mulher de rara beleza, que se dava o nome de Nepenthés e declarava-se contemporânea da época heróica da antiga Grécia. Para o sábio Ernesto Bozzano, o caso de Nepenthés e os dois anteriores com que nos ocupamos neste capítulo são clássicos e do maior valor teórico, porque atendem a todos os requisitos da crítica científica.

O agnosticismo, ainda subsistente neste luminoso final de século, é indício seguro de que seus sequazes, conforme lemos algures, são fósseis de uma época do pensamento humano que já passou. Nós apresentamos fatos concretos e documentados, eles dizem, com ares superiores, que tudo são fantasmagorias para impressionar as pessoas excessivamente crédulas.

Responde por nós o bom senso de Delanne: — “Não se pode razoavelmente supor que homens pertencentes a todas as esferas sociais, de indiscutível honradez, se hajam conluiado para atestar mentiras. Há, pois, nessas experiências uma nova estrada, uma mina fértil a ser explorada pelos pesquisadores ávidos de conhecimentos sobre o Além”⁷¹.

Dissemos no princípio deste capítulo que o fenômeno de materialização de desencarnados sobressai nos arquivos do Espiritismo, pois é, na verdade, de constatação universal. No Brasil têm-se produzido materializações em alguns lugares, e médiuns dessa especialidade há por aí muito bons, como eram Francisco Peixoto Lins (Peixotinho) e dona Ana Prado.

Mesmo as pessoas que não possuem ou não conhecem o livro *O Trabalho dos Mortos*, organizado pelo Dr. Nogueira de Farias, mas que sejam de idade avançada, se recordam das materializações acontecidas em Belém do Pará, na residência do comerciante Eurípedes Prado, por intermédio de sua esposa.

Esta, infelizmente, não era espírita e fazia pouco caso do seu dom. Os fenômenos foram todos descritos em atas, assinadas pelos presentes, e as atas, bem como muitas fotografias de Espíritos e moldagens transcendentais (pés e mãos) encontram-se nas páginas do citado livro do Dr. Nogueira de Farias.

As fotografias eram obtidas à luz do magnésio, pelo Sr. Ettore Bossio.

Toda a imprensa brasileira se ocupou muito com esses fenômenos e não poucas controvérsias eles suscitaram da parte de incrédulos e de elementos clericais. Nenhum antagonista logrou êxito na discussão, isto porque os fenômenos eram absolutamente reais. Assistiam a eles personalidades distintas da capital paraense, inclusive quase toda a classe médica local. Punham sua assinatura nas

⁷¹ (*) *A Alma é Imortal*, pág. 60, edição de 1939.

atas aqueles que examinavam cuidadosamente os fatos decorrentes da ação mediúnicamente da Sra. Ana Prado e reconheciam sua incontestável veracidade. Com espanto de todos, certo médico, numa sessão, hesitou em assinar a ata... por ter achado uma materialização perfeita demais!

Eram realmente desse tipo quase todas as que se produziam perante seletos e numerosos públicos, na casa da família Prado.

Foi, uma ocasião, enviado um recado ao Sr. Frederico Figner, no Rio de Janeiro, para que ele viesse a Belém do Pará, a fim de rever sua falecida filha Raquel.

Muitos espíritas de nossos dias não sabem quem era esse personagem, o papel que ele desempenhou no cenário espírita brasileiro. Frederico Figner nascera na Boêmia, e aos 12 anos atirou-se ao mundo, decidido, em busca de um lugar ao sol. Viajou por vários países e, finalmente, desembarcou no Brasil no último decênio do século passado. Trouxe da América um fonógrafo, e lá conheceu o inventor do aparelho, o genial Thomas Edison. Passou a exhibir para o público a máquina falante, vendo o dinheiro correr-lhe para o bolso. Anos depois fundava a Casa Edison do Rio de Janeiro, tornando-se em pouco tempo um homem muito rico.

Judeu de origem, não tardou a se apaziguar com o Cristo, fazendo-se espírita fervoroso sob a influência de Antonio Luis Sayão. Sensível e generoso, a distribuição da caridade material e a aplicação de passes curadores passaram a ser o seu afã de todos os dias, de todas as horas, subindo e descendo morros, para atender aos sofredores, principalmente aos pobres e desamparados.

Ainda tirava tempo do tempo para escrever sobre o Espiritismo em jornais leigos, e até manter polêmicas, como aquela que ele sustentou com o padre Fiorêncio Dubois, na Folha do Norte, do Pará, em 1921, da qual se tem notícia em uma brochura que Fred Figner deixou, com o título de Crônicas Espíritas. A essas páginas bem escritas e elucidativas, Fred adicionou interessantes matérias publicadas no velho Correio da Manhã, e mais o corajoso discurso do Bispo Strossmayer, no Concílio do Vaticano, em 1870.

Depois do seu desenlace, em 1947, o magnânimo judeu convertido ao Espiritismo, contou para os que ficaram as surpresas e os encantos da morte, naquele Voltei, livrinho em que se oculta sob o pseudônimo de Irmão Jacob.

Mas dizíamos que Frederico Figner foi chamado a Belém do Pará, por ocasião das materializações na residência da família Prado, a fim de ver sua saudosa filha e poder abraçá-la e beijá-la *post-mortem*.

Foi uma cena indescritível a aparição de Raquel, perfeita e nítida, a caminhar para o pai e cingirem-se ambos, ouvindo-se o som dos beijos e as palavras de ternura!

Fred Figner, nunca, em tempo algum, tivera um transbordamento de júbilo e indizível emoção como experimentou naquele momento para sempre inesquecível.

Bem a propósito das lavras seguintes, escritas por um emérito escritor

francês:

"Que descoberta maravilhosa essa possibilidade de qualquer um se convencer da sobrevivência do ser pensante por meio de provas materiais!"

Efetivamente, não fossem essas demonstrações objetivas, dadas pelo Espiritismo, e nas quais fica firmado o princípio de imortalidade da alma esta verdade profundamente consoladora e fundamental na vida do homem não sairia nunca do terreno movediço das especulações e das hipóteses...

FOTOGRAFIA PSÍQUICA

Já vimos que o Espírito se materializa, assumindo a exata forma humana que distinguia a sua personalidade na vida terrena. As obras clássicas do Espiritismo apresentam significativas cópias desse fenômeno transcendental, e o convencimento inabalável dessa maravilhosa realidade depende do exame metucioso dos relatos circunstanciados que deles fazem os autores dos aludidos livros.

Lendo e observando é que se aprende. Em livro fechado, e na indiferença dos acontecimentos, nada se colhe. A pobreza de conhecimento permanece, quando não leva o indivíduo, às vezes, a ficar presunçoso, opinando a favor do erro e desdenhando a verdade, inconscientemente.

Porém não se confunda o retrato que a máquina fotográfica gravou de um Espírito momentaneamente materializado, com a foto de outro Espírito que apareceu na chapa, sem que antes fosse visto, junto da pessoa, ou grupo de pessoas, que posaram para a objetiva.

Esta é a verdadeira fotografia psíquica, da qual existe uma variedade de espécimes nos arquivos espíritas, e muitas andam reproduzidas em publicações congêneres e jornais e revistas leigos.

Em um trabalho precedentemente publicado ⁷² mencionamos casos impressionantes desta espécie, que achamos ocioso reeditar neste volume.

Falar nisto, na nossa coleção encadernada da revista portuguesa Estudos Psíquicos ⁷³ encontram em os números de fevereiro e outubro de **1951**, respectivamente, duas fotografias supranormais, ambas extraídas do jornal inglês *Two Worlds*, de Manchester, que as divulgou e comentou em primeira mão. A primeira foto foi tirada de três irmãs reunidas, mas eis que, revelada a chapa, aparecia a dianteira delas um garoto, aparentando uns oito anos de idade, que as mocinhas não podiam ter trazido para junto de si, simplesmente porque era seu irmãozinho, falecido algum tempo antes!

O clichê focaliza as adolescentes e o extra com muita clareza e, enviado aos

⁷² (*) Comunicação e Reencarnação, **1978**.

⁷³ (**) Dessa revista, de circulação internacional, ainda existente, fomos Redator-correspondente durante os anos de **1948 a 1960**.

pais, estes acharam tão perfeito o retrato do seu falecido, caçula, que quase sucumbiram de horror e de espanto. Criaturas rústicas, não podiam jamais conceber a possibilidade de rever o seu filhinho, fotografado depois de morto!

A outra estampa, consoante informa a revista lusa, "pertence a uma coleção de trezentas, arquivadas no Instituto de Investigações Psíquicas de Newcastle. A pessoa sentada, diz *Two Worlds*, é o falecido David Lewson, ex-presidente da Whitley Bay National Spiritualist Church, de Northumberland.

Segundo o semanário inglês, a outra figura, visível na retaguarda de Lewson, surgiu espontaneamente, e trata-se de um rapaz que desencarnara havia muito tempo e era sobrinho do ancião.

"A fotografia foi feita na hora de jantar, no sótão vazio de uma loja, onde Lewson trabalhava. O fotógrafo, um moço da casa, tinha comprado a máquina na ocasião, carregada com a película. A ideia de dupla exposição não pode admitir-se, tanto mais que a pessoa não estava presente, visto haver deixado a terra, conforme ficou dito, em data muito anterior.

"A revelação do negativo descobriu a figura, uma cruz, um livro e uma mesa, coisas que não havia no recinto quando se tirou o retrato. O fenômeno deve, pois, atribuir-se ao trabalho das forças psíquicas."

Como dissemos, são bastante numerosos os casos de pessoas falecidas que vieram impressionar uma chapa fotográfica. Nós mesmos possuíamos por muitos anos, tendo-se extraviado, um retrato em que se via nitidamente por detrás de uma criança, fotografada no quintal de sua residência com máquina Kodak, a figura de um indivíduo de cor parda, busto à mostra, tendo o queixo soerguido com um lenço atado à cabeça. Foi perfeitamente identificado por todos os familiares como sendo a cópia fiel de um serviçal da casa, falecido meses atrás.

A prova fotográfica, na realidade, tem um valor documentário de extrema importância, no dizer de notável pesquisador que analisou a questão longa e minuciosamente.

Se não nos enganamos, a fotografia transcendental se conseguiu na metade do século passado, ensejando grandes debates pela imprensa. Os mais estudiosos e competentes, se lhes apraz, mergulhem no passado e empreendam um estudo histórico sobre elas. Quanto a nós, mui perfuntoriamente tocaremos no assunto, recordando que as primeiras tentativas desse gênero teriam partido do ano de **1862**, tendo como pioneiro um Sr. Munles, de Boston, que chegou a resultados satisfatórios.

Mais tarde idênticos resultados obteve o Sr. Beattie, na Inglaterra. Conta-se que ali por **1872 e 73**, ele se dedicou, em companhia de um médico, dr. Thomson, a experiência no *ate-lier* do sr. Josty, fotógrafo, em Bristol. Adianta o relator desses acontecimentos que, no decurso dos trabalhos, o médium, que era o próprio sr. Josty, também vidente, em cada caso, costumava descrever as aparições que deviam mostrar-se na chapa.

O grande naturalista inglês Alfred Russel Wallace, muito acatado no mundo da ciência, dá também o seu testemunho, consignado no livro que publicou — Os Milagres do Moderno Espiritualismo. Conta o sr. Russell Wallace que, em data de **14** de março de **1874**, durante uma experiência no gabinete do sr. Hudson, fotógrafo em Londres, obteve um retrato incontestável de sua falecida mãe, servindo de médium a sra. Gruppy.

O sr. Alfred Erny, examinando com rigoroso critério o assunto, embora sucintamente, acha bastante curiosas e atribui particular realce às experiências do sr. Traill Taylor, homem de honestidade a toda prova, e diretor do *British Journal of Photo-graphy*, em **1893**, com o auxílio do Sr. Dugnid, possuidor de apreciável dom mediúnico.

Nelas, muitas imagens de mulheres e de homens vieram Interpor-se na chapa fotográfica, entre o médium e o sr. Taylor; e ainda ocorreu que, numa sessão, pôde-se também obter a Imagem do médium, embora este não estivesse presente no momento da experiência. O seu duplo fluídico, ou perispírito, apresentou-se, provisoriamente, desprendido do corpo físico.

Os grifos que dão destaque àquele pormenor, são do escritor Alfred Erny.

As efígies de mortos que se gravam na cabeça fotográfica, são um fenômeno espírita inextricável, embaraçante, que só no Espiritismo mesmo encontra a devida e lógica explicação. Nós mesmo, que não temos inclinação nenhuma para coisas científicas, não sabemos seguramente explicá-lo. Mas recusar-lhe autenticidade, ou qualificar de truque fotográfico, semelhante dislate não cometemos.

Depois dessa rapidíssima divagação pelo passado, corroboremos os fatos retrocitados com um exemplo raro de foto mediúnica, ainda recente, de que nos dá testemunho eloquente o matutino Jornal da Bahia, edição de **25** de abril de **1971**. Guardamos conosco, e pode ser examinada por quem o queira, a terceira página do **1.º** caderno do popular diário editado em Salvador.

O noticiário do J.B. versava sobre a situação de loucos recolhidos numa dependência da antiga (e já demolida) Penitenciária do Largo do Curtume. Uma das fotografias que o ilustram apresenta algo que não é comum verificar-se em documento dessa natureza. Assim é que, refletindo as figuras de dois insanos, através da grade do cubículo, por detrás dos mesmos esboça-se, em tamanho muito maior — num *close* — o busto desenvolvido de um outro personagem. Suas feições não se destacam nitidamente como era de desejar; porém, fixando a foto com atenção, qualquer pessoa pode notar a figura de um indivíduo de cor parda e má catadura, o que permite inferir que se trata de verdugo espiritual de um daqueles dementes, ou melhor, de seu obsessor.

Para tudo o que é inabituaal ou aparentemente inexplicável, sempre se procura uma explicação — razoável ou ilógica. No caso em tela, diria, sem refletir, algum sabichão, que foi um guarda, um funcionário do presídio, que se deixara ficar ali quando o profissional fez a fotografia. Uma explicaçõzinha que nada explica...

Sim, porque se a terceira imagem que se imprimiu na chapa fotográfica fosse realmente de um serventário, ou de outro alienado, a dimensão dela haveria de ser igual à das outras duas. Ou um pouco menor, isto sim, dada a sua colocação na retaguarda dos insanos. O que se não explica razoavelmente é que, presente o intruso a meia distância dos dois doentes colados ao peitoril do cubículo, o seu vulto se avolumasse, surgisse ampliado, cobrindo quase todo o espaço da chapa — como se pode observar no jornal que temos em nosso poder.

Será isso possível? — indagaríamos a um exímio profissional dessa arte, pois que de técnica fotográfica e óptica bom mesmo é dizer que nada sabemos.

Se nisto nos escasseia autoridade, em compensação podemos afirmar, seguro do que dizemos, que os loucos recolhidos nos manicômios — ou à solta pela cidade — na sua quase totalidade, não passam de obsidiados; isto é, de indivíduos perturbados por Espíritos malfeitores. Exercendo uma atuação persistente e deletéria sobre as criaturas de vontade fraca, ou que os tenham atraído com os seus maus pensamentos, os obsessores castigam-nas de diversos modos, inclusive alienando-lhes a razão e fazendo-as manifestar todos os sintomas da loucura ordinária.

Teria sido então o caso de um desses verdugos desencarnados querer mostrar-se num retrato, por detrás de sua presa. Para consegui-lo colocou-se perto dela, e aplicou-se um processo de autodilatação do perísprito, por forma que a sua presença na chapa fotográfica não pudesse ser confundida. Pena que não tivesse saído perfeita, acentuando-lhe melhor os traços fi-sinômicos.

Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, elucida, com riqueza de pormenores, todas as questões atinentes às manifestações do Espírito, e é demasiado explícito no exame dos múltiplos casos de obsessão e dos meios eficazes de combater essa "doença que não é doença, essa loucura que não é loucura", no dizer de uma psiquiatra patricio, tornado espírita convicto depois que passou a dirigir um hospital de alienados.

Novos assuntos correlatos traremos à baila, para reforçar mais a tese de que os mortos... são os verdadeiros vivos!

ESPÍRITOS BONS E ESPÍRITOS MALÉVOLOS

Evitemos a confusão. Deus não criou nenhum espírito mau. Fê-los todos simples e ignorantes, concedendo-lhes por igual os mesmíssimos atributos inerentes à espécie humana. Os que se perverteram, entregando-se à prática do mal, usaram erroneamente o livre-arbítrio. Um dia se cansarão de ser ruins, compreenderão que essa 'atitude só prejuízos lhes causará. Então, movidos pela espontânea deliberação que os induziu à maldade, de *motu proprio* abandonarão a senda e encetarão os passos pela estrada luminosa do bem e do progresso, no cumprimento do desígnio com que o Criador pôs na terra os seres que se diferenciam dos brutos.

O próprio mal — que não é eterno — sugerirá, mais cedo ou mais tarde, ao indivíduo de natureza maligna, a necessidade de ser benevolente e caridoso com

seus semelhantes.

Porém, enquanto não vem esse dia... Há seres humanos que, por seus instintos selvagens, Imitam as feras; que são capazes dos mais hediondos crimes; que se deleitam em nutrir no coração impiedoso o sentimento execrável de vingança. Assim como há pessoas hematófobas, que sentem horror ao sangue, existem homens de índole feroz, que abatem barbaramente o semelhante e ainda lhe bebem o sangue!

Aqui temos à vista noticiários sobre irmãos que se trucidaram brutalmente a golpes de faca peixeira, ficando quatro cadáveres no chão; menino de três anos que apanhou um revólver do pai e com ele matou um vizinho e feriu um jovem; sem falar em outros crimes pavorosos, cometidos por pivetes e adultos.

É a maldade em seus extremos requintes; porém, em muitos casos, trata-se da ação oculta e premeditada de seres desencarnados. tirando o seu desforço do inimigo do pretérito, inerme, desprezado, sem crença e sem Deus.

Em **1952** foi preso pela polícia de São Paulo um jovem de dezenove anos de idade, autor de alguns homicídios. A princípio as próprias autoridades duvidaram das confissões, por incríveis que pareciam, feitas por um moço de boa presença, aparentemente pacato e morigerado. Acabaram, porém, aceitando como verdadeiros os depoimentos do mancebo, tal a firmeza com que ele falava, dando os mínimos detalhes de seus crimes. Como nos casos de dipsomania, em que o paciente não resiste àquele impulso mórbido e periódico de beber, o moço paulistano, quando assaltado por uma vontade de matar, matava! Uma boquinha de noite, embarcou num taxi com um companheiro, destino a um bairro não muito longe do centro da capital. Em dado momento sentiu a vontade irresistível de matar o motorista. Não levava arma consigo. Mas isto não o impediu de desferir um soco violentíssimo no profissional, deixando-o sem sentidos. Pôde apenas o infeliz abrir a porta do auto, jogando-se no solo. O criminoso parou o carro adiante, recuou e acabou de massacrar a vítima. Cessou naquele instante a vontade de matar.

Vontade extrínseca, já se vê. De onde provinha aquela vontade, ou que consciência misteriosa e oculta a incutia no rapaz de aparência pacífica e normal?

Tudo o que foge a uma explicação racional e persuasiva, pode, em parte, dimanar de uma causa espiritual, impossível de ser seguramente esclarecida. A ciência não pára de trabalhar, visando à solução de intrincados problemas, ou determinar a etiologia de gravíssimas e mortíferas doenças. Mas, o câncer, por exemplo, já descobriu algum cientista a origem incontestada do câncer e o medicamento eficaz à sua cura?

Entretanto, sabemos, pela observação e pelo estudo, que os Espíritos malévolos provocam um sem-número de distúrbios psíquicos e orgânicos nas criaturas despreparadas, caídas sob sua influência. O obsessivo não respeita patente, como se diz na linguagem popular. A posição social do indivíduo, ele não teme nem leva em

consideração, porque, às vezes, numa influente personalidade mundana está encarnado um terrível Inimigo de vida passada, a quem o desencarnado, odiento, jurou vingar-se.

Agindo de mil maneiras, como escrevemos acima, sem desprezar os meios extravagantes e grotescos de arrastar o adversário ao ridículo, eles fazem, até, com que um homem de posição social elevada, ande nu pelas ruas de uma cidade, ou expedindo urros e guinchos como porcos.

Vamos transcrever, na íntegra, dois telegramas, recortados da imprensa, narrando essas tristíssimas ocorrências. O primeiro foi expedido de Porto Alegre pela *Transpress*, nestes termos:

"O médico cardiologista Vernoldo Horbe, considerado um dos melhores de Rosário do Sul, foi preso quando desfilava nu pelas ruas dessa cidade gaúcha da fronteira Oeste. Apesar de sua resistência, os policiais o levaram, coberto por um lençol. Antes de sair pelas ruas após a última sessão de cinema, o médico quebrou quase todos os móveis de sua casa. Ele tem várias passagens pela Polícia, principalmente por desacato às autoridades e quebra-quebra nos hotéis de Rosário do Sul, onde o Delegado Ari Néelson pediu à Associação Médica a cassação do seu registro. Médicos, Prefeitos e o Delegado da cidade resolveram há alguns dias internar o Dr. Vernoldo numa casa de saúde, pois acreditam que tem sérios problemas psíquicos, mas o cardiologista resiste à ideia e continua a clinicar em seu consultório" ⁷⁴.

O outro despacho telegráfico, procedente de Baton Rouge, Louisiana, Estados Unidos, ocupa espaço no Estado da Bahia de **21-6-1950**, e reza o seguinte:

"O Governador do Estado de Louisiana, Cari Long, que quinta-feira passada deixou o manicômio, tentou ontem reassumir o cargo, ordenando ao seu motorista que se dirigisse ao palácio do governo. Entretanto blasfemava e guinchava como um porco, tendo, por isso, voltado ao manicômio.

"Long abandonara o Hospital de Alienados de Galveston (Texas) e se dirigia a Nova Orleães, onde continuaria o tratamento. Resolveu, porém, ir para Baton Rouge, capital do Estado. Sua mulher, Blanche, obteve imediatamente uma ordem de prisão e, ao chegar à cidade, ele foi detido por quatro robustos policiais.

"Long não parou de guinchar como um porco, enquanto os, policiais o obrigaram a entrar no automóvel que o conduziria ao juiz Lebianch. Este, ao ver o governador, mandou o médico legista do distrito examiná-lo. O mesmo seria feito depois por um psiquiatra. O médico legista Chester William declarou que o governador sofria de paranóia e esquizofrenia".

É o dignóstico da ciência, dirão. Mas que ciência é essa. que julga ser a alma e o corpo inseparavelmente unidos, e assim. quando o corpo morre, tudo acabou!...

E quem já viu os portadores dessas doenças imitarem o suíno, soltando aqueles

⁷⁴(*) Salvador, A Tarde, **25-1-1971**.

grunhidos que são característicos desse animal?

Ronco de porco na sintomatologia da paranóia e da esquizofrenia é grande novidade, ou pura bobagem de quem procurou uma saída qualquer, por não saber explicar o caso do pobre governador americano do Estado de Louisiana.

Temos ainda que ver o mal que causam os Espíritos malévolos nos encarnados, assim como nos fazem benefícios e nos protegem os bons Espíritos. Mas é importante saber que ninguém resgata dívidas sem as ter contraído. O obsessivo de hoje foi, via de regra, a vítima de outrora do obsidiado, que agora ceva neste, sua vingança. Só o perdão reconcilia os desafetos e faz cessar os velhos ódios...

O que, neste final de capítulo, vamos recordar, passou-se com uma senhora distinta da sociedade baiana, casada com um bacharel em Direito, homem culto, também jornalista e poeta. O caso dolorosíssimo de obsessão deu-se há cerca de vinte anos, sendo esses mais ou menos o tempo que a família, desgostosa e acabrunhada, transferiu sua residência para o Rio de Janeiro.

A princípio uma fascinação simples, denunciada por incoerência no falar e coisas que não eram de seus hábitos. A dama recatada e discreta foi, pouco a pouco, se tornando diferente com a mudança gradual da personalidade. Ficou intratável e agressiva, tornando-se mesmo inconveniente pelos gestos indecorosos e palavras que proferia.

O marido, alarmado, como os demais membros da família, recorreu aos melhores médicos, especialmente aos psiquiatras.

Não obstante, a psiquiatria materialista, em que pesem os seus foros de ciência oficial, mais uma vez comprovou sua total inocuidade. O mal avançava. Já ninguém podia dormir em casa, devido ao vozerio da mulher, às danças, aos cantos obscenos e, mais do que tudo, à sua constante agressividade.

Alguém preveniu ao Dr. L. que aquilo era um caso de obsessão genuína e grave. Era preciso levá-la a um bom centro espírita ou à presença de um médium desinteressado e honesto.

O doutor não era homem que acreditasse na ação dos mortos, achando mesmo que quem morreu não voltava cá para atormentar os vivos. Se a ciência não desse jeito, o mal continuaria sem remédio...

Porém quando se aludiu ao médium curador Artur Pires, de quem já falamos no capítulo quarto, e se contou alguns de seus feitos, o Dr. L. concordou em receber o assistente, para tentar, pelo menos, atenuar o estado de alienação mental de sua mulher.

O homem robusto e alto penetrou no lar em pânico, com o seu sorriso discreto e o costumeiro voto de paz em nome do Senhor e Mestre Jesus Cristo. Todas as pessoas presentes olharam-no com desusada curiosidade.

A obsidiada jazia num quarto, isolada havia dias, porque, em liberdade, todos corriam sério perigo dentro de casa. Abriram a porta, Artur Pires estremeceu ante o espetáculo inédito e deprimente que os seus olhos contemplaram. A senhora

da alta sociedade baiana, virtuosa e recatada, estava completamente despida e, soltando uma gargalhada estrepitosa e debochada, trejeitou, fez gestos imprudentes, convidou Artur à prática de atos libidinosos, batendo com a mão no sexoi...

Homem de muita fé, acostumado a lidar com obsessores renitentes e astuciosos, Pires precisou concentrar-se muito e orar com redobrado fervor para poder tomar pé na situação. Quando desceu o pensamento das Alturas, a desatinada já estava calma e vestida, ou melhor, a entidade malfazeja conteve-se, dominada por um poder superior. E os passes começaram a ser dados ao longo do corpo da paciente, concomitantemente com a prece. A doutrinação infiltrou-se no coração, na alma, sacudiu a sensibilidade de todos.

E a mulher, num extremeção, voltou a si, desvencilhada do cruel inimigo. Espantada, circunvagou o olhar, perguntou o que houvera...

Estava livre de uma tremenda vexação. Livre e curada por um médium espírita.

Mais duas visitas, alternadas, Artur Pires ainda fez, para afastar definitivamente o intruso e consolidar a cura.

OBSESSÃO COLETIVA E EPIDÊMICA

Vimos nò capítulo anterior os casos dramáticos e desconcertantes que citamos, todos de molde a forçar à meditação as pessoas mais infensas ou indiferentes a esses assuntos. Negar-lhes alguém o caráter e a origem, a despeito da documentação e dos testemunhos pessoais que os confirmam, seria um triste sintoma de monomania ou lastimável falta de bom senso.

Há Espíritos causadores de obsessão, dotados de uma maldade atroz e requintada, que dificilmente se pode admitir sejam capazes de descarregar todo o peso de sua vingança contra o inimigo. Leodegário era um indivíduo que todo mundo conhecia na capital baiana, e sucumbiu miseravelmente na sarjeta, após cerca de trinta anos sob o domínio absoluto de implacáveis obsessores. Via-se compelido ao vício degradante da bebida, despia-se no meio dá rua, soltava urros medonhos como fera, oferecia os mais tristes espetáculos aos olhos atônitos do público. Teve inúmeras entradas no manicômio local e em outras casas de saúde. Andou, até, peio Sanatório Espírita de Uberaba, e contava-nos, em pranto, nos raros e fugazes momentos de lucidez, que reconhecia o seu estado de vítima, subjugada ao ódio inextinguível de ferozes inimigos desencarnados.

Já outros Espíritos não guardam esse rancor; apenas são levianos e se divertem expondo criaturas incautas ou atoleimadas ao ridículo. Está em O Livro dos Médiuns a referência àquele homem que Allan Kardec conheceu e que, não sendo jovem nem belo, sob o império de uma força irresistível, punha-se de joelhos diante de uma moça, a cujo respeito nenhuma pretensão nutria, e a pedia em

casamento. Outras vezes, contra toda sua resistência, via-se forçado a se ajoelhar e beijar o chão, na presença da multidão de transeuntes. Esse homem era joguete de um Espírito estúrdio ou zombeteiro, e não um louco, como pensavam seus conhecidos; tanto assim que "tinha consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofria horrivelmente."

Efetivamente temos muito o que estudar, perquirir e meditar, se quisermos ver-nos livres da ignorância, no que concerne às coisas espirituais. Essa a pior, a mais nefasta ignorância, porque em momentos que ordinariamente ninguém pode prever, coloca o indivíduo em situação a mais aflitiva e alheio a qualquer recurso para conjurá-la.

Ilustremos o dito com esse comunicado, remetido da cidade baiana de Barra, peio correspondente do **Diário de Notícias** e saído na edição desse velho matutino de **9** de setembro de **1955**:

"Manuel Caetano dos Santos, homem modesto e trabalhador, proprietário e fazendeiro no município fronteiro de Xique- Xique, residente nesta cidade, onde mantém família com filhos no ginásio e escolas públicas, foi, subitamente, acometido de uma loucura furiosa, a ponto de desconhecer os parentes e amigos.

"Curioso é que parentes e amigos que o foram visitar, também enlouqueceram, ficando todos em casa de Manuel, onde, ao invés dele somente, ficaram mais três enfermos do mesmo mal.

"A população, estarecida, contempla o caso com verdadeira estupefação".

Outro noticiário análogo vem de um telegrama de Belém, passado pela antiga agência Meridional e inserto no extinto Estado da Bahia, número de **25-4-1949**. Convém transcrito também textualmente, visto que o intuito que nos anima a escrever este trabalho, é alertar, esclarecer e instruir. Não somos egoísta intelectual: repartimos com os que sabem menos o pouco que aprendemos. Eis em que termos está redigido o referido noticiário telegráfico:

"De volta do trabalho, ao chegar à sua casa. o motorista Alfredo Vaz de Lima, de **23** anos de idade, deparou-se com uma dolorosa surpresa: sua esposa, que se acha em vésperas de dar à luz. sua sogra e uma cunhada estavam totalmente tomadas por um acesso de loucura. Sua residência, antes limpa e arrumada, encontrava-se na mais completa desordem, enquanto seus dois filhinhos choravam de fome. A sogra apontava-lhe os braços e dizia que o estava flexando; a cunhada dançava desesperadamente em trajes menores, enquanto a esposa cantava estranhas canções. Em vista disso, chamou alguns vizinhos, que acharam de bom alvitre apelar para as autoridades. A esposa do motorista, que se chama Madalena Rodrigues Lima, atualmente com **19** anos, foi recolhida à casa de parentes, visto que é a que se mostra menos perturbada. Sua sogra e cunhada, no entanto, foram recolhidas a uma casa de saúde. Antes, porém, a cunhada, que é uma menina de **15** anos, acusou Alfredo de haver tentado seduzi-la. Alfredo desmentiu categoricamente, e quando todos já acreditavam nas palavras da mocinha, ela

declarou que não era só o cunhado que lhe fazia a corte, mas também várias personalidades paraenses. Dizendo isto, começou a citar nomes, entre os quais de deputados, senadores, etc. Só então constataram a sua insanidade."

Fácil imaginar o desespero e a perplexidade em que se viram os familiares dessas criaturas inopinadamente atacadas dessa espécie de demência, sem saberem direito para que ou para quem apelar. Tivessem alguma noção acerca de Espiritismo, bastaria que meia dúzia de pessoas se assentassem em torno de uma mesa, uma delas fizesse a vez de presidente da reunião, proferisse uma prece inicial, abrisse a esmo o Evangelho segundo o Espiritismo, lesse um breve trecho e em torno dele bordasse alguns comentários e invocasse a presença de Jesus e sua misericórdia, afastando os Espíritos atrasados ou vingativos, autores daquela cena intempestiva e deprimente. Melhor se o dirigente da sessão, como se tivesse junto de si os obsessores, lhes dirigisse uma exortação, procurando persuadi-los do grave erro e da necessidade de renunciar a ele e dedicar-se ao bem.

Este o remédio infalível que temos usado, aqui em casa mesmo, em circunstâncias bem mais angustiosas, como no caso daqueles fenômenos de efeitos físicos, à laia dos ocorridos na cabana de Hydesville, por nós descritos numa página inteira do Jornal Espírita, de São Paulo.

Porém a ignorância das coisas espirituais...

Aos dois exemplos supra, de obsessão coletiva, podemos acrescentar outro muito mais dramático e estarrecedor, passa- **142** do num Colégio, ao norte da Malaia, no ano de **1957**. A notícia, que a imprensa internacional difundiu, procedente de Kuala Lumpur, é longa e assinala todos os pormenores da ocorrência. Somente as primeiras palavras queremos reproduzir textualmente, e que são estas: "Seria difícil encontrar-se em qualquer parte do mundo, um grupo de estudantes tão ocupadas e disciplinadas como as do Instituto Feminino de Salahiah, ao norte da Malaia. Seis dias por semana, as moças, de **12** aos **20** anos, empenhavam-se no estudo da língua árabe, aprendiam o credo mulçumano e decoravam intermináveis passagens do Alcorão."

Pois foi nessa atmosfera de labores sadios e edificantes, que as moças foram repentinamente tomadas por uma obsessão coletiva. Sem o seu controle psíquico, deram para rir como dementes, gritavam, dançavam, pulavam, cabriolavam, sendo necessários cinco homens vigorosos para subjugar uma delas. Uma jovem começou a gritar: "Ali vem ele! Ele vem apertar meu pescoço!" Outra confirmou: "Ele já me está sufocando", ao passo que outras estudantes diziam que estavam tendo espetadelas com agulhas e alfinetes, entrando num tremellque de corpo terrível, pulando, gingando, saltando e emitindo gritos de dor. Numa certa noite a coisa foi pior: as moças esmurravam-se, gritavam, garagalhavam, e a tudo os diretores do estabelecimento quedavam, aparvalhados, pasmos, sem saberem o que fazer para pôr um termo àquela cena apavorante e sem precedente. Habitantes da região, acreditando em feitiçaria feita para as moças, fizeram vir curandeiros (pais de

santo), que tudo tentaram e nada conseguiram.

Um *yogi*, consultado, "mandou dizer que ele resolveria o caso em **30** minutos, pois os espíritos não resistiam à sua presença." Tudo foi inútil, assim como infrutífera foi a ação de um médico, chamado pelo diretor do Instituto. Por fim, ao diretor. Hji Hashim bin Haji, acudiu a iniciativa de determinar **30** dias seguidos de orações, "rogando proteção contra aquilo, fosse o que fosse", que tanto maltratou as moças e desorganizou a vida do colégio.

O final de tudo não diz a notícia; porém cremos que as orações foram eficazes, devolvendo a paz e a normalidade às alunas do educandário.

Discorrendo sobre esse tema, Allan Kardec diz que, aquilo que um Espírito pode fazer a uma criatura, vários deles o podem sobre diversas, simultaneamente, e dar à obsessão um caráter epidêmico. Uma nuvem de maus Espíritos pode invadir uma localidade e aí se manifestar de várias maneiras. Foi uma epidemia de tal gênero — adianta o mestre — que se alastrou na Judeia, ao tempo do Cristo⁷⁵.

Os dominados por Espíritos obsessores, eram em número assaz avultado e os sintomas do mal eram variadíssimos. Havia até os que andavam curvados, sem poder erguer a vista, e os que se assemelhavam aos epiléticos, manifestando as características mórbidas dessa perigosa doença.

Jesus restituiu à sanidade numerosos obsidiados, geralmente pronunciando aquelas palavras, com uma autoridade a que nenhum obsessor, ou legião de obsessores, podia resistir: "Afasta-te deste homem (ou mulher), Espírito imundo". E o Espírito perseguidor, imediatamente, deixava a sua presa, e esta, ao mesmo tempo, recobrava a razão e o sentimento.

Sem falar na lepra, que *era outro flagelo bastante espalhado na Judeia, ao tempo de Jesus, a obsessão era inegavelmente um mal generalizado, que revestia a forma de uma epidemia. Os malfeitores espirituais eram mesmo atraídos pelas vibrações mentais daquele povo, de um nível moral muito ínfimo, e sem um freio que lhe restringisse os impulsos da maldade. Como se sabe, os desencarnados inferiores e malévolos, encontram fácil acesso nos indivíduos de sentimentos análogos, a estes se ligando prejudicialmente por natural afinidade, ue ordinário so- mente são repelidos e expulsos, por pessoas que tenham ascendência moral sobre eles. Os contemporâneos do Messias não possuíam ideia sobre a vida futura, e tampouco sabiam orar. Eram um povo desprezado e inerme, espiritualmente falando. De índole turbulenta, confundindo o perdão das ofensas com a covardia, cultivava mais os rancores do que a indulgência e a bondade. Deste modo não é de admirar que os algozes do mundo invisível se sentissem muito atraídos para aquelas regiões e fizessem da Judeia seu quartel general...

Sobre a obsessão coletiva ou epidêmica, do tema resta ainda muito o que

⁷⁵ D In Obsessão, livro póstumo, ou coletânea de vários trabalhos específicos, escritos por Allan Kardec. e vertidos para a língua portuguesa por um jornalista interiorano. de São Paulo.

extrair.

MALES DA CEGUEIRA ESPIRITUAL

Oh! Deus, que multidão de males existe sobre o mundo, e quantos meios terapêuticos puseste ao alcance dos doentes parã curá-los. O que mais te preocupa. Senhor, é a felicidade dos homens! Para debelar as afecções orgânicas, cobriste a terra de plantas medicinais e ainda deste a intuição a uma classe de estudiosos para produzir e lançar no mercado uma infinidade de remédios específicos contra quase todas as moléstias colaterais mais graves. Quanto àqueles morbos, rebeldes a todas as drogas e processos clínicos, e que são os mais perigosos e difíceis de desarraigar, prodigalizaste uma forma de terapia inigualável, e cuja aplicação, sem similar, evitaria, até, que as moléstias fisiológicas proliferassem.

Mas, neste último caso, como restabelecer de suas crises enfermos negligentes, obstinados, que não fazem caso da receita, simplesmente porque sua cegueira de espírito não lhes permite acreditar no resultado!

Muito infelizes que são, porque ignoram completamente que todos os males do corpo, desde os mais banais aos mais insidiosos, têm a sua patogenia nas imperfeições da alma. *Mens sana in corpore sano*, dizia o poeta Juvenal, e isto é como se afirmasse que a saúde do corpo está inelutavelmente condicionada à do espírito. A frase desse grande satírico latino, que viveu entre o primeiro e o segundo século da nossa era, equivale àquela do sábio guia de Chico Xavier, segundo a qual "o corpo doente reflete o panorama interior de um espírito enfermo".

A medicação infalível para os efeitos patológicos do nosso Eu, prescreveu-nos Jesus, o Enviado de Deus, no Evangelho que Ele legou à Humanidade. Ou mais precisamente, no Espiritismo, que é o Evangelho ampliado e eiucidado, numa linguagem que tanto penetra no entendimento das pessoas esclarecidas como dos simples ou iletrados.

Tem-se gritado demasiadamente nos ouvidos dos homens, para o seu despertar, porém eles fecham os ouvidos para não ouvir verdades que acham incompreensíveis ou que lhes são humanamente incômodas. Aliás, teriam de mudar de vida, de modificar a conduta, porém, o apego aos bens da terra, ou a compacta inorgância espiritual, os tornam impotentes para adotar outra diretriz. Nem pensam, sequer, por um instante, que a morte vem como o ladrão, inesperadamente, sem avisar...

E quantos desapontamentos, quantas desgraças lhes tem custado essa deplorável imprevidência!

Não tanto uma partida súbita para as plagas espirituais e ignotas, quando o

organismo não acusa nenhuma anormalidade, provoca irremediável transtorno aos parentes que ficaram; pior e mais confrangedor é ver alguém na família cair num estado de alienação mental, a fúria indomável do energúmeno ameaçando a todos e gerando inquietação permanente no recinto doméstico; essa mesma pessoa adquirir estranhos hábitos, tornar-se excêntrica, debochada, cantarolar, gritar, uivar, fazer cabriolas — tudo isso causando incontável desassossego, dia **146** e noite, noite e dia... E, ricos, quase todos, gastando rios de dinheiro, sem proveito algum, com a medicina... Quando, finalmente, quebram o orgulho e alijam o preconceito, recorrem ao Espiritismo, aí obtêm êxito, — mas a lição, rude, amarga, constrangedora, ficou para sempre inesquecível!

Retomemos o tema da obsessão coletiva ou de natureza epidêmica, e vejamos que o exército de Espíritos malignos bivacou na aldeia de Morzine, na Alta Saboia, em França, no primeiro trimestre de **1857**, quando Allan Kardec se preparava para entregar às livrarias *O Livro dos Espíritos*. O que se passou em Morzine, quer quanto à extraordinária duração dos fatos, quer por seus efeitos inimagináveis e alucinantes, ultrapassou, ao que parece, à epidemia obsessional da Judeia, ao tempo do Messias, e, comparativamente, foi coisa de nonada o que ocorreu num colégio de moças, ao norte da Malásia, em **1957**, e que trouxemos ao conhecimento dos leitores, no capítulo precedente.

Sobre o terrificante acontecimento, que se prolongou por mais de seis anos. Allan Kardec escreveu uma série de cinco longos artigos, e chegou mesmo a se deslocar até à citada aldeia, para uma observação *in loco* do que a *vox populi* dizia. O governo francês adotou as providências de sua alçada, enviando autoridades médicas e destas recebendo circunstanciados relatórios. Fez seguir mais força de polícia, no intuito de conter as alucinadas em seus extremos acessos. Foi assunto corrente na imprensa; livros, ao que sabemos, foram escritos por dois alienistas — o Dr. Constante e o Dr. Chiara, oferecendo explicações concordes com os seus pontos de vista científicos. Aí é que Allan Kardec se revelou um polemista de pulso, sobrepondo-se aos dois psiquiatras materialistas com a sua análise judiciosa e profunda do caso.

Eram, sem possível dúvida, Espíritos de baixíssimo nível, desses que se dão nomes infernais para infundir pavor. Os primeiros sintomas da epidemia de Morzine se declararam em março de **1857**, em duas meninas de uns doze anos, relata Kardec; e em novembro seguinte o número de doentes era de vinte e sete e em **1861** atingiu o máximo de cento e vinte.

Em maio de **1864**, quando o Sr. Lafontaine, célebre magnetizador, esteve no burgo de Morzine, e conseguiu afastar alguns dos chamados demônios, a epidemia tinha-se estendido às mães de família e às mulheres idosas.

Passemos para estas páginas um extrato do relatório do Dr. Constant, e vejamos a real natureza daquelas manifestações:

"Uma vez em crise, as moças perdem completamente qualquer reserva, seja

para b que for; também perdem completamente toda afeição de família.

"Notamos, durante as crises, uma insolência incrível, que ultrapassa qualquer limite, em meninas que, fora daí, são delicadas e tímidas.

"Durante a crise há em todas as meninas um caráter de impiedade permanente, dirigido contra tudo o que lembra Deus e os mistérios da religião.

"Essas moças falam francês durante a crise com admirável facilidade, mesmo as que fora daí, só sabem algumas palavras.

"Sabemos que deram respostas exatas a perguntas feitas em línguas desconhecidas, como alemão, latim, etc.

"No estado de crise as moças têm uma força sem proporção com a idade, pois são precisos três ou quatro homens para conter, durante o exorcismo, meninas de dez anos.

"Fora das crises as meninas não têm qualquer lembrança do que disseram ou fizeram; quer a crise tenha durado todo o dia, quer tenham trabalhos prolongados ou encargos dados no estado de crise."

Em outro trecho do relatório do Dr. Constant:

"Limitados inicialmente às partes superiores, os movimentos vão ganhando o tronco e os membros inferiores; a respiração torna-se ofegante; as doentes redobram o furor, tornam-se agressivas, deslocam os móveis, atiram as cadeiras, os tamboretas, tudo quanto lhes cai às mãos, sobre os assistentes; precipitam-se sobre estes para lhes bater, tanto nos parentes quanto nos estranhos; jogam-se por terra, sempre com os mesmos gritos; rolam, batem as mãos no solo ou no peito, no ventre, na garganta e procuram arrancar algo que parece incomodar nesses pontos. Viram-se e reviram-se de um salto; vi duas que, levantando-se como que por uma mola, voltavam-se para trás de tal modo que a cabeça tocava o solo ao mesmo tempo que os pés." O suposto diabo que fala por sua boca, "conta o que fazia na terra, e que fez depois no inferno" (umbral) etc.⁷⁶.

Praticadas essas grandes desordens, as moças voltam a si, olham em redor com um ar de espanto, arranjam os cabelos e retomam o seu trabalho, se o tinham ao começar a crise. Todas dizem que não sofrem cansaço nem se lembrar do que disseram ou fizeram⁷⁷.

⁷⁶(*) Essas palavras entre aspas, identificam categoricamente os tais demônios ou diabos que desceram sobre Morzine, como Espíritos de seres humanos, muito perversos, e que, depois da morte, sofreram horrivelmente nas sombrias zonas umbralinas (que eles por analogia chamam inferno) as consequências do mal que semearam em grande escala no curso da vida corpórea.

⁷⁷(") O indivíduo, incorporado por um Espírito violento, depois que este o deixa, não sente nada dos maltratos que recebeu.

Participamos, em Vitória da Conquista, de uma sessão, especialmente em favor de um rapaz, vítima de uma tremenda obsessão. Um médium, bancário na vizinha cidade de Jequelé, ocupando lugar a cabeceira da mesa, em dado momento, foi abruptamente erguido e atirado de costas sobre o alto espaldar da cadeira, estatelando-se no chão, atuado pelo obsessivo. Foi uma cena que condeou a todos. Terminada a sessão, e indagado se estava muito dolorido, o médium respondeu, sorrindo, que

Tendo falhado os exorcismos, rezas e outros recursos empregados para debelar o flagelo, teve o bispo de Annecy, Monsenhor Maguim, a ideia de ir a Morzine, tanto para crismar os habitantes como para ensinar os meios de vencer a terrível doença... Antes não tivesse viajado até lá. À sua aproximação, as possessas foram tomadas de convulsões as mais violentas, e, em particular, as que eram mantidas na igreja despediam gritos e urros que nada tinham de humano. Logo aí o bispo empalideceu. Apeou-se à porta do templo e apenas acabou de entrar a desordem redobrou.

"As possessas, cerca de setenta, urravam, rugiam, saltavam em todos os sentidos, e, quando o prelado quis fazer a crisma, o furor recrudesceu e todo o esforço foi inútil. O bispo devia partir de volta às quatro horas; às sete da noite ainda estava na igreja, de onde saiu trêmulo, desequilibrado, as pernas cheias de contusões recebidas das obsidiadas durante o tumulto."

Entre os subjugados por Espíritos malignos, de que nos fala o Evangelho, e os chamados possessos de Morzine, há uma chocante similitude. Aqueles também blasfemavam, urravam, tinham uma força sansônica, capaz de partir algemas.» Os que se instalaram por vários anos na comuna de Morzine, na Alta Sabóia, espalhando os trágicos efeitos de uma epidemia obsessiva, exprimiam igual sentimento anti-religioso pela boca de suas vítimas, e estas demonstram, assim, que são verdadeiros médiuns inconscientes. Voltando ao seu normal, dizem que são apenas ecos. e nisto estão absolutamente certas, ninguém as desmente. O paciente, frisa o bom senso kardeciano, é reduzido à passividade; está na situação de um homem dominado por um inimigo mais forte, que o obriga a fazer sua vontade. O eu do Espírito estranho neutraliza momentaneamente o eu pessoal. Há subjugação obsessiva e não possessão.

Não queremos prescindir de um trecho da comunicação, dada pelo Espírito de São Luís, solicitado a se pronunciar sobre o assunto em tela:

"Os processos de Morzine estão realmente sob a influência dos maus Espíritos, atraídos para aquela região por causas que conhecereis um dia, ou melhor, que vós mesmos reconhecereis um dia. O conhecimento do Espiritismo ali fará predominar a boa influência sobre a má fé; os Espíritos curadores e consoladores, atraídos pelos fluidos simpáticos, substituirão a maligna e cruel influência que desola aquela população... Se todos os homens fossem bons, os maus Espíritos deles se afastariam, porque não os poderiam induzir ao mal. A presença dos homens de bem os faz fugir; a dos homens viciosos os atrai, ao passo que se dá o contrário com os bons Espíritos. Assim, sede bons, se quiserdes ter apenas bons Espíritos em redor de vós"⁷⁸.

* Finalizamos com um fenômeno espírita, cujos múltiplos autores revelaram-se

não sentia a menor lesão ou dor em qualquer parte do corpo.

⁷⁸ (*) Em tudo o que se refere às ocorrências de Morzine, nós nos inspiramos na brochura de Allan Kardec, Obsessão, já mencionada em nota de pé de página, no capítulo anterior.

superlativamente maus, porém, não deixam de ser entes humanos que viveram na terra, e que a ela voltaram, daquele modo, atestando inequivocamente a sua Imortalidade.

Um dia serão bons e se consagrarão à prática da indulgência e do amor ao próximo.